U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

O ENXOVAL – Diagnóstico de um projeto de intervenção no plano dos estereótipos e da igualdade de género

Ana Francisca Teixeira Pais

M

2020

Ana Francisca Teixeira Pais

O ENXOVAL – Diagnóstico de um projeto de intervenção no plano dos estereótipos e da igualdade de género

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pela Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias e coorientado pela Professora Doutora Alexandra Cristina Ramos da Silva Lopes Gunes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Ana Francisca Teixeira Pais

O ENXOVAL – Diagnóstico de um projeto de intervenção no plano dos estereótipos e da igualdade de género

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pela Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias e coorientado pela Professora Doutora Alexandra Cristina Ramos da Silva Lopes Gunes

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Às mulheres da minha vida que me inspiram

diariamente nisto que é ser Mulher

Sumário

Declaração de honra 5
Agradecimentos 6
Resumo 7
Abstract 8
Índice de Figuras 9
Índice de Tabelas 10
Lista de abreviaturas e siglas 12
Introdução 13
1.Capítulo I – Movimentos Feministas e Género 16
1.1. Movimentos Feministas – As mulheres na luta pela igualdade 16
1.1.1. Teorias feministas contemporâneas 19
1.1.2. Movimentos Feministas em Portugal 22
1.2. Género – um conceito em perspetiva 24
1.2.1. Género nas Ciências Sociais 26
2.Capítulo II – Representações Sociais e Estereótipos de Género 29
2.1. Representações Sociais sobre os Papéis de Género 29
2.1.1. Esfera privada 31
2.1.2. Esfera pública 34
2.2. Estereótipos de Género 39
2.2.1. Estereótipos femininos e masculinos 40
2.2.2. Efeitos dos estereótipos de género 42
2.2.3. Mudanças ocorridas nos estereótipos de género 43
2.2.4. Sexismo 44
3.Capítulo III – Um enquadramento de estágio: O Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 48
3.1. Descrição da Associação PELE 48
3.2. O Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 50
3.3. Criação Artística do Enxoval 54
3.3.1. Quem são as Bravas? – Processos de participação coletiva 54
3.3.2. #NãoÉNão – Teatro do Oprimido como forma de transformação social 56
3.4. Ser socióloga num projeto como o Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 60
4.Capítulo IV – Caminho Metodológico e Técnicas Utilizadas 63
4.1 Objetivos da investigação e técnicas utilizadas 63

4.2 Amostra e caraterização sociodemográfica dos participantes do ENXOVAL 68
4.1.1. O Grupo de Olo e Vila Chã 68
4.1.2. O Grupo Comunitário 70
4.1.3. O Grupo de Jovens 72
5.Capítulo V – Medição de Impacto Social: A metodologia *Social Return On Investment* 74
5.1. Etapa 1 – Estabelecer o alcance da análise e identificar os *stakeholders* 75
5.1.1. *Scopus* de Avaliação do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 75
5.1.2. Identificação dos *stakeholders* 76
5.2. Etapa 2 – Mapear resultados 78
6.Capítulo VI – Diagnóstico do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 82
6.1. Igualdade de género e práticas discriminatórias 82
6.2. Estereótipos de Género 85
6.3. Papel da mulher na esfera privada 89
6.3.1. Tarefas Domésticas 89
6.3.2. Poder nas Relações 93
6.4. Papel da mulher na esfera pública 97
6.4.1. Profissões 98
6.4.2. Mudanças no papel da mulher 99
6.5. Diferenças intergeracionais na perceção de estereótipos de género 101
6.6. Razões e expetativas da participação no projeto 104
6.7. Mudanças sentidas com a participação no projeto 106
6.8. As Bravas – Histórias das Mulheres que nos Inspiram 107
Considerações Finais 111
Referências Bibliográficas 116
Anexos 123
Anexo 1 – Grelhas de Observação das Atividades do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 124
Anexo 2 – Inquéritos aplicados aos participantes do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 126
Anexo 3 – Consentimento Informado do Inquérito 152
Anexo 4 – Fanzines das Bravas 154
Anexo 5 – Guião da Entrevista ao Grupo de Jovens 158
Anexo 6 – Guião da Entrevista Explotatótia às Promotoras do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 160
Anexo 7 – Fotografias do 8M 161

Anexo 8 – Tabela das Profissões 162
Anexo 9 – Grau de concordância com cada um dos domínios de avaliação pessoal 163

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, outubro de 2020

Ana Francisca Teixeira Pais

Agradecimentos

Não posso deixar de prestar um sentido agradecimento a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu conseguisse concluir esta etapa.

Aos meus pais por estarem presentes e confiantes de mim em tudo a que me proponho, obrigada por serem a minha base de carinho, conforto e segurança. À minha avó pelo seu constante cuidado, dedicação e por ser tão importante para mim.

À Professora Isabel Dias por me ter orientado, guiando-me em momentos de maiores dúvidas e hesitações, com a sua objetividade. À Professora Alexandra Lopes pela sua coorientação e presença neste trabalho, proporcionando-me uma oportunidade de estágio tão enriquecedora.

A toda a equipa da PELE, pela forma carinhosa como me receberam e me incluíram. Em especial, à Inês e à Maria João por me terem acompanhado, norteado e incentivado, graças a vocês esta é uma memória muito feliz. Aos participantes do ENXOVAL, o meu muito obrigada, sem vocês isto não era possível.

A todos os colegas que se tornaram amigos. À Lúcia, lado a lado desde o primeiro dia (literalmente), partilhamos as aulas, as viagens de autocarro e os dias de trabalho consecutivos em redor das teses. Sem ti isto nunca teria sido o mesmo. À Paula, por todos os conselhos e ajudas, pelos trabalhos juntas, por estares sempre presente e essencialmente por seres uma amiga em todo o esplendor da palavra. À Domingas, à Eliana e à Rita, que chegaram mais tarde, mas não foi por isso que não me apoiaram, ouviram, ensinaram e ajudaram no processo de simplificar a vida (e a tese). Obrigada, tornaram a minha vida e a minha passagem pela Sociologia muito melhor!

Por último, mas muito importante, a todas as minhas amigas e amigos, por serem o meu refúgio, por me ouvirem, e por tornarem a minha vida um autêntico arco-íris. À Faria, obrigada pelas partilhas sobre este tema que nos é tão comum, estiveste sempre aí quando precisei, como já estou habituada. Inês, obrigada pelo teu apoio, pelas palavras de incentivo, a tua presença nesta fase idêntica para ambas foi fundamental.

Resumo

A desigualdade de género e as discriminações cometidas contra as mulheres têm sido, ao longo das últimas décadas, alvo de escrutínio e debate. Torna-se importante conhecer as opiniões e comportamentos face a esta realidade para se perceber de que forma se pode alterá-la. Neste sentido, o projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência é um projeto promovido pela PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, cujo principal objetivo é a eliminação dos estereótipos de género, numa perspetiva intergeracional e de cruzamento de territórios. Este projeto visa trabalhar com os grupos mais excluídos da nossa sociedade, quer a nível social, como territorial.

Deste modo, o presente relatório de estágio visa realizar o desenho do que constitui a fase de diagnóstico de avaliação de impacto do projeto, através da metodologia *Social Return on Investment* (SROI), fazendo um enquadramento sobre as questões de género, mais concretamente sobre as representações sociais do papel da mulher na esfera privada e na esfera pública, passando pelos estereótipos de género. Foi aplicada uma metodologia mista, com recurso a inquéritos, entrevistas semiestruturadas, observação direta e análise de conteúdo, através das quais foram definidas as conceções, experiências e representações dos públicos-alvo acerca das relações de género, igualdade e estereótipos.

Palavras-chave: Igualdade de Género; Estereótipos de Género; Papel da Mulher; Intergeracionalidade; Avaliação de Impacto.

Abstract

Gender inequality and discrimination against women have been the subject of scrutiny and debate over the past decades. In view of this reality, it is important to learn what opinions and behaviors are related to this issue in order to understand how it can be changed. Thus, Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência is a project promoted by PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural and financed by the Calouste Gulbenkian Foundation, whose main objective is the elimination of gender stereotypes, from an intergenerational and cross-territorial perspective. This project aims to work with the most excluded groups in our society, both at a social and a territorial level.

In this way, this internship report intends to carry out the design of what will be the diagnostic phase of the project's impact assessment, using the Social Return on Investment (SROI) methodology, presenting a theoretical framework on gender issues, by providing a framework on gender issues, more specifically on the social representations of women's role in the private and public spheres, including gender stereotypes. A mixed methodology was applied, using surveys, semi-structured interviews, direct observation and content analysis, through which the conceptions, experiences and representations of target audiences about gender relations, equality and stereotypes were defined.

Key-words: Gender Equality; Gender Stereotypes; Woman's Role; Intergenerationality; Impact Assessment.

Índice de Figuras

FIGURA 1 – TEORIA DA MUDANÇA DO PROJETO ENXOVAL – TEMPO E ESPAÇO DE RESISTÊNCIA..... 81

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Sexo, Idades e Estado Civil do Grupo de Olo e Vila Chã 69

Tabela 2 – Número do Agregado Doméstico Atual e Número do Agregado Doméstico na Infância do Grupo de Olo e Vila Chã 69

Tabela 3 – Escolaridade e Condição perante o Trabalho do Grupo de Olo e Vila Chã 70

Tabela 4 – Sexo, Idade e Estado Civil do Grupo Comunitário 71

Tabela 5 – Número do Agregado Doméstico do Grupo Comunitário 72

Tabela 6 – Escolaridade e Condição perante o Trabalho do Grupo Comunitário 72

Tabela 7 – Sexo, Idade e Estado Civil do Grupo de Jovens 73

Tabela 8 – Amostra dos Jovens Entrevistados 73

Tabela 9 – *Stakeholders* incluídos na análise 77

Tabela 10 – Stakeholders excluídos da análise 77

Tabela 11 – Mapa de Impacto do Projeto 78

Tabela 12 – Mapa de Impacto (continuação) 79

Tabela 13 – Existe igualdade entre homens e mulheres? 83

Tabela 14 – Áreas onde existe desigualdade de género 85

Tabela 15 – Grau de concordância dos participantes do projeto face ao provérbio "Um homem não chora" 88

Tabela 16 – Quem deve desempenhar as tarefas domésticas? 89

Tabela 17 – Quem desempenha as tarefas domésticas no seu agregado doméstico? 90

Tabela 18 – Lista de Tarefas Domésticas 91

Tabela 19 – Numa relação conjugal, o homem e a mulher têm o mesmo poder de decisão? 94

Tabela 20 – Domínios de Decisão 95

Tabela 21 – Grau de concordância com o Provérbio "Entre marido e mulher nunca metas a colher" 97

Tabela 22 – Opinião dos participantes sobre a existência de igualdade de género, de acordo com o grupo a que pertencem 102

Tabela 23 – Razões para a discriminação de género, segundo os participantes e o grupo a que pertencem 103

Tabela 24 – Quem deve desempenhar as tarefas domésticas, segundo os participantes tendo em conta o seu grupo de pertença 104

Tabela 25 – Razões para a participação no projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 105

Tabela 26 – Expetativas dos participantes do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência 106

Tabela 27 – Figura feminina que mais inspira os participantes 108

TABELA 28 – CARATERIZAÇÃO DAS BRAVAS 109

Lista de abreviaturas e siglas

CIG ..... Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

CLAP ..... Centro local de animação e promoção rural

EIGE ..... European Institute for Gender Equality

género

INE ..... Instituto Nacional de Estatística

p. ..... Página

SPSS ..... Statistical Package for Social Science

SROI ..... Social Return on investment

Introdução

Sabendo que nenhum país do mundo conseguiu alcançar a igualdade de género[1], estando as mulheres expostas à subrepresentação na política, *gaps* salariais, situações de violência com base no género, entre outras situações de desrepeito dos direitos humanos, percebemos que ainda há um longo caminho a fazer no que toca a esta problemática. Em Portugal, segundo dados do *European Institute for Gender Equality* (EIGE)[2], observamos que existe um progresso notório entre 2005 e 2017 no que à igualdade de género diz respeito, mas devemos ter em conta que ainda se encontra abaixo dos níveis médios da União Europeia durante todo esse período.

É no contexto desta realidade, e com base na Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação 2018-2030 «Portugal Mais Igual», que surge o Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, promovido pela PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Para além de promover a criação de espaços de reflexão e discussão sobre a igualdade de género, o projeto pretende contribuir para a desconstrução de estereótipos e práticas discriminatórias, criar património artístico focado no universo feminino, motivando a sua valorização e visibilização e, por último, produzir e partilhar conhecimento científico.

Dada a importância do tema na atualidade, surgiu a proposta de estágio no projeto designado anteriormente, existindo a necessidade de explorar como se inaugura a questão do género e dos movimentos feministas, de forma a enquadrar a pesquisa. Assim, no primeiro capítulo abordamos os movimentos feministas e fazemos uma deambulação sobre o conceito de género. Os movimentos feministas e as suas vagas foram os grandes impulsionares da luta pela igualdade de género e foi durante a segunda vaga do movimento (1960-1990) que surgiu o conceito género.

O género tem em si associada uma carga social e cultural, sendo estabelecido por estas duas dimensões – "De facto, para além das diferenças genéticas entre os sexos espera-se, na maior parte das sociedades, que os homens e as mulheres se comportem de uma maneira diferente e assumam diferentes papéis" (Nogueira e Saavedra, 2007, p.

[1] Informação disponível em https://www.publico.pt/2019/06/04/p3/noticia/metas-para-a-igualdade-de-genero-nao-vao-ser-atingidas-ate-2030-defende-estudo-1875234
[2] Informação retirada de https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/PT

11). Isto dá o mote para o segundo capítulo deste relatório de estágio, nomeadamente o de analisar as representações sociais sobre o papel da mulher na nossa sociedade, fazendo uma divisão entre a esfera privada, onde abordamos a questão das tarefas domésticas e das desigualdades nas relações conjugais, e a esfera pública, onde tratamos a questão da profissionalização e da participação política e pública das mulheres. Ainda neste capítulo surge a exploração sobre os estereótipos de género, passando pela análise dos seus efeitos e tranformações, assim como do sexismo enquanto motor da manutenção da desigualdade entre homens e mulheres.

O estágio curricular teve como principal ambição acompanhar e monitorizar o projeto, de forma a traçar o *baseline* do mesmo para, mais tarde, ser feita uma avaliação do projeto. Neste sentido, no terceiro capítulo fazemos uma análise do contexto organizacional da PELE, a descrição do projeto, das suas atividades e participantes, tal como averiguamos os produtos artísticos criados no seu âmbito. Por último, refletimos sobre o papel de uma socióloga num projeto de intervenção social, com caraterísticas culturais e artisticas, como é o caso do ENXOVAL.

Metodologicamente, foi utilizada uma metodologia mista. Foram aplicados inquéritos aos três grupos de participantes – Grupo de Olo e de Vila Chã; Grupo Comunitário e Grupo de Jovens. A técnica de observação direta foi bastante importante, especificamente na fase inicial de exploração do projeto. A entrevista também foi utilizada, mas apenas no Grupo de Jovens, por ser o grupo com mais durabilidade no projeto e maior acesso a meios informátios que possibilitassem a entrevista à distância, devido à situação pandémica da COVID-19.

O objetivo mais geral da pesquisa está associado à pretensão de compreender as representações sociais dos participantes do ENXOVAL sobre a igualdade e os estereótipos de género. Como objetivos específicos pretendemos (1) identificar os principais estereótipos e desigualdades relativamente ao género tal como são descritos pelos participantes do projeto; (2) perceber o impacto da intergeracionalidade na perceção de igualdade e estereótipos de género; (3) analisar o segmento das “Bravas” de forma a compreender que aspetos são apontados às mulheres para que estas encaixem no papel socialmente atribuído a uma mulher brava.

Foi ainda utilizada uma metodologia de medição de impacto social, o SROI, contudo não foi finalizada, uma vez que o projeto dura até 2021. Desta feita, realizaram-

se as duas primeiras etapas da metodologia, designadamente definir o *alcance* da análise e identificar os *stakeholders,* e mapear resultados. No quinto capítulo, exploramos a metodologia do SROI, concretizando as duas primeiras fases da avaliação, onde elaboramos o mapa de impacto baseado no exemplo do "Um Guia para o Retorno Social" da *Charities Aid Foundation* e a teoria da mudança do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência.

Por fim, no último capítulo, traçamos o diagnóstico do projeto, isto é, mapeamos os principais resultados que providenciarão os dados necessários aquando da avaliação do projeto, que se realiza no final do mesmo. Segue-se um conjunto de considerações finais sobre a investigação, com pistas futuras que podem ser proveitosas para o projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência.

1. Capítulo I – Movimentos Feministas e Género

Tendo em linha de conta a relevância da temática do género e dos movimentos feministas para este relatório de estágio, é imprescindível neste ponto preliminar iniciar essa exploração. Neste primeiro capítulo será elaborada uma análise do ponto de vista histórico e sociológico, de forma a contextualizar os movimentos feministas e o conceito de género, com vista a compreender as suas contribuições para a temática da igualdade de género. Serão abordados temas como o surgimento dos movimentos feministas, tal como do conceito de género nas Ciências Sociais, com enfoque na Sociologia em Portugal.

1.1. Movimentos Feministas – As mulheres na luta pela igualdade

Previamente a abordarmos a emergência e desenvolvimento dos movimentos feministas, das suas diferentes vagas e as teorias contemporâneas feministas, surgiu a curiosidade de perceber como surgiu o termo "feminismo". Este termo nasceu em França, entre 1870 e 1880, e disseminou-se para outros países no fim do século XIX e início do século XX. Segundo Tavares (2008), ocorreu "em Paris, em 1878, o primeiro congresso de cariz feminista e que assumiu um carácter internacional" (p. 10).

A luta das mulheres pelos direitos iguais entre sexos iniciou-se no século XV, contudo foi na Revolução Francesa que a luta feminista se agudizou, com o surgimento mais consciente da temática da igualdade na sociedade francesa. Assim, "é no momento em que a revolução francesa promove uma expansão dos direitos dos homens, no sentido de uma maior igualdade, que se percebe que essa igualdade é, na verdade, muito restritiva e surgem, então, os primeiros movimentos/textos a advogarem direitos para as mulheres" (Pereira, 2015, p. 4). Durante o século XIX, as aspirações pela igualdade entre homens e mulheres tornam-se num movimento e as associações feministas afirmam-se em 1880. Contudo, a "sociedade urbana e industrializada emergente do século XIX assentava muito claramente na separação das esferas privada e pública e, por consequência, há nessa altura todo um discurso que advoga a manutenção da inocência das mulheres, precisamente, contra todos estes discursos

mais radicais que advogam a igualdade. A manutenção da inocência feminina era vista como a condição essencial de preservação da moral social" (Pereira, 2015, p. 6).

Existem três fases do feminismo moderno, contudo devemos ter em perspetiva que há pouco consenso sobre as caraterísticas de cada uma destas fases (Rampton, 2008). A primeira onda do feminismo aconteceu no fim do século XIX e no início do século XX, emergindo num cenário composto pelo industrialismo urbano e liberal, e pelas políticas socialistas. Esta primeira onda tinha como principal objetivo o sufrágio, isto é, a atribuição do direito e dever de voto às mulheres, abrindo mais oportunidades para as mesmas. Como refere Pereira (2015), "será ao longo do século XIX e, posteriormente, no início do século XX que a ideia da emancipação da mulher, seja através da conquista de mais instrução, que permitirá contestar a ideia pré-estabelecida que esse era um propósito irrelevante para as mulheres (…), seja através da luta pela obtenção de direitos de cidadania, como o voto, ganha novos contornos" (p. 7).

Formalmente, esta onda começou na *"Seneca Falls Convention"*[3], no ano de 1848, "Discussions about the vote and women's participation in politics led to an examination of the differences between men and women as they were then viewed. Some claimed that women were morally superior to men, and so their presence in the civic sphere would improve public behavior and the political process" (Rampton, 2008).

O feminismo da segunda vaga, também conhecido como "movimentos de libertação das mulheres historicamente situados nos anos 1960 e 1970, trouxeram muitas vezes para a rua as mulheres, que continuamente se sentiam discriminadas, excluídas, prejudicadas" (Pereira, 1015, p. 9). Este feminismo carateriza-se pela luta contínua na esfera pública por direitos iguais, que se concretizou em marchas e manifestações cívicas (Rampton, 2008).

A segunda vaga do feminismo teve o seu início nos anos 60 do século XX e foi até aos anos 90 do mesmo século. Os assuntos dominantes foram a sexualidade e os direitos reprodutivos das mulheres. De notar que os protestos contra o concurso *Miss America*[4]*,*

[3] O *Seneca Falls Convention* foi a primeira convenção de cariz feminista realizado nos Estados Unidos da América. Link útil para consulta https://www.history.com/this-day-in-history/seneca-falls-convention-begins

[4] A 7 de setembro de 1968 um grupo de mulheres lideradas pelo movimento *New York Radical Movement* protestaram contra o *Miss America*, um concurso de beleza em que se incentiva as mulheres a competirem pelo primeiro lugar, objetificando as mesmas.

em 1968, demonstraram a revolta das mulheres face à ideologia vigente que as objetificava com uma dominância patriarcal. Foi nesta onda que se realizou a diferenciação entre sexo e género e uma quebra com a dominância biológica vigorante até então (Ibidem).

Após 1965, as mulheres têm acesso ao trabalho assalariado, deixando de precisar de autorização do cônjuge para exercer atividades profissionais remuneradas. Com a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, as desigualdades no emprego (a nível salarial e de promoções) e noutras condições de vida passam a ser latentes, o que levou "ao desencadeamento de inúmeras iniciativas com vista à libertação das mulheres" (Dias, 2015, p. 84).

Enquanto a primeira fase do feminismo abrangeu, na maioria, mulheres de classe média, cisgénero e brancas, a segunda vaga chegou às mulheres negras e aos países em desenvolvimento, "seeking sisterhood and solidarity claiming "Woman's struggle is class struggle" (Rampton, 2008). A perspetiva de Simone de Beauvoir[5] inspirou as feministas da segunda vaga, uma vez que a autora "recusa, assim, o reformismo de algumas feministas que visava certas melhorias pontuais e exige uma tomada de consciência coletiva com vista a uma mudança efetiva dos papéis sexuais" (Dias, 2015, p. 83). Com a publicação da obra "Segundo Sexo", em 1949, a autora sublinhou o caráter socialmente construído da feminilidade – **"Não se nasce mulher, torna-se mulher".** De acordo com a sua linha de pensamento, a autora "assume uma postura analítica, inteiramente inovadora, das condições sociais, políticas e históricas que limitam a liberdade das mulheres e participam para o conflito entre a sua liberdade e autonomia, enquanto sujeitos, e a condição de alteridade para que são remetidas, enquanto mulheres" (Amâncio, 2003, p. 696).

A terceira onda feminista decorre desde os meados dos anos 90 do século XX e baseou-se no pensamento pós-colonialista e pós-modernista. Segundo Rampton (2008), "In this phase many constructs were destabilized, including the notions of "universal

[5] Simone de Beauvoir com base numa abordagem estrutural definiu o conceito de patriarcado e da falácia da biologia, tornando-se uma das figuras mais relevantes para o movimento feminista. Informação disponível para consulta em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/cultura/1562337766_757567.html

womanhood", body, gender, sexuality and heteronormativity"[6]. As feministas desta vaga representavam-se como sendo empoderadas e fortes, desmistificaram a ideia que para se lutar pela igualdade têm de ser ignorados ou reprimidos traços considerados femininos.

Neste momento, vemos o feminismo a sair da academia e a voltar para o discurso público. Problemas como o abuso sexual, violações, o *gap* salarial e violência contra as mulheres estão de novo a ser temas de discussão tanto para instituições políticas como nos *media*. Segundo as Nações Unidas (2020, p.1) estão a surgir novos movimentos sociais que travam lutas através de campanhas *online*, marchas e *performances* nas ruas. Um exemplo desses movimentos é o da *#NiUnaMenos*[7], um coletivo feminista da América Latina, que denuncia vários tipos de violência e desigualdades cometidas contra as mulheres.

Existe um debate ainda atual que considera que "os feminismos contemporâneos foram marcados por tensões entre as defensoras da igualdade e as partidárias da diferença. Buscar uma identidade comum ou desconstruir a categoria mulher e desestruturar a diferença sexual continuam como opções com reflexo nas posturas epistemológicas que se possam assumir nos estudos feministas" (Tavares, 2008, p.12).

1.1.1. Teorias feministas contemporâneas

Neste ponto abordamos as teorias feministas contemporâneas e as diversas perspetivas existentes. Assim, Dias (2015) identifica as teorias da diferença de género, da desigualdade de género, da opressão de género e da opressão estrutural. Torna-se imprescindível para este trabalho percebermos as implicações de cada uma destas perspetivas, tal como as suas contribuições para os movimentos feministas.

Dentro da perspetiva da diferença de género surge o feminismo cultural, que figura durante a primeira vaga e rejeita o argumento da diferença de género imutável

[6] Informação retirada de https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism

[7] O *#NiUnaMenos* é um movimento feminista que luta contra a violência machista e dominância patriarcal contra as mulheres, mais concretamente contra os feminicídios. O aborto é outra das lutas deste movimento coletivo. Link útil para consulta http://niunamenos.org.ar/

que alegava a inferioridade das mulheres face aos homens. As teorias explicativas também se inserem dentro das teorias da diferença de género, segundo as quais a causa para a diferença de género localiza-se "na biologia, nos papéis institucionais, na socialização e na interação social" (Dias, 2015, p. 99). Por seu turno, no âmbito das análises existenciais e fenomenológicas, as feministas alertam para a marginalização da mulher como um *outro*, o mundo foi pensado pelos homens e para os homens, existe uma criação da mulher enquanto "um ser objetivado a quem se atribui traços que representam o oposto do sujeito masculino ativo" (Ibidem, p. 100). De forma a provocar a mudança, os teóricos das diferenças de género "exigem que se reconheçam os modos de ser das mulheres enquanto alterativas viáveis aos modos de ser masculinos, e que a organização da vida social, em geral, se transforme no sentido de os considerar de forma efetiva" (Ibidem).

Passando para as teorias da desigualdade de género, com base em Dias (2015), é imprescindível referir que os homens e as mulheres, para além de serem diferentes na sociedade, também se encontram nela de forma desigual; a desigualdade resulta da própria organização societal e não de diferenças biológicas que existam entre homens e mulheres; "não existe nenhum modelo de variação natural relevante que distinga os sexos" (Ibidem, p. 101); "tanto os homens como as mulheres têm uma melhor capacidade de resposta quando situados em estruturas e contextos sociais mais igualitários" (Ibidem). O feminismo liberal é a principal corrente desta teoria, afirmando a crença de que "a desigualdade de género é o resultado de um modelo sexista e patriarcal da divisão do trabalho; que se pode alcançar a igualdade de género transformando a divisão do trabalho mediante a remodelação de algumas instituições-chave: o direito, o trabalho, a família, a educação e os meios de comunicação social" (Beltrán, 2005, cit. por Dias, 2015, p. 101).

As teorias da opressão de género "descrevem a situação das mulheres como consequência de uma relação de poder direta entre homens e mulheres, na qual eles têm interesse concreto em controlar, subjugar e oprimi-las" (Ibidem, p. 105). Nesta teoria, as diferenças e as desigualdades existentes ao nível do género são vistas como produtos do patriarcado. Para compreender melhor estas teorias é necessário olhar para as suas principais correntes – o feminismo psicanalítico e o feminismo radical. O feminismo psicanalítico utiliza como base a teoria de Freud (1856- 1939) para explicar o

patriarcado, distinguindo-se das restantes correntes devido à crença de que "todos os homens intervêm mediante as suas ações quotidianas de forma contínua com vista à manutenção. Só ocasionalmente as mulheres oferecem resistência" (Meyers, 1994, cit. por Dias, 2015, p. 106). Por sua vez, as teóricas do feminismo radical reconhecem que todas as instituições e até estruturas básicas da sociedade têm intrínseco a si sistemas de opressão. O patriarcado é a primeira estrutura de dominação histórica e também é um sistema com mais poder em termos da desigualdade (Dias, 2015, p. 109).

Similar às teorias da opressão de género, as teorias de opressão estrutural percecionam a opressão como resultado de certos grupos de pessoas terem o poder de controlar, submeter e oprimir outros grupos de pessoas. Assim, nas teorias de opressão estrutural destacam-se o feminismo socialista e a teoria feminista da interseccionalidade. O feminismo socialista propõe a união de duas tradições teóricas, designadamente o feminismo radical e o feminismo marxista. Este feminismo acaba por se distinguir dos restantes pela redefinição das condições materiais, isto é, "a análise feminista socialista, além da dinâmica económica, incluiu, em termos mais gerais, outras condições que criam e mantêm a vida humana, como o corpo, a sexualidade, a procriação, a manutenção do lar, com as respetivas tarefas domésticas não pagas, o apoio emocional, a produção de conhecimento" (Ibidem, p. 113); pela reavaliação do significado de ideologia, "o feminismo socialista preocupou-se com os fenómenos ideacionais ou mentais" (Ibidem); e ainda pelo enfoque sobre a dominação, "o objeto de análise não é a desigualdade de classes, mas uma série de desigualdades inter-relacionadas. O feminismo socialista demonstra como organização social através das estruturas públicas como a economia, a política e a ideologia interagem com os processos privados de reprodução humana, a domesticidade, a sexualidade e a subjetividade com vista a manter um sistema polifacetado de dominação" (Ibidem, p. 114).

Por sua vez, a teoria feminista da interseccionalidade foca-se nos diferentes modos de opressão, em que "todas as mulheres que experimentam opressão com base no género são de igual modo oprimidas através de outros dispositivos de desigualdade social" (Dias, 2015, p. 115). Por último, o feminismo pós-modernista ganhou maior expressão durante os anos 90 do século XX, de tal forma que "é fundamental para a teoria feminista principalmente como uma espécie de epistemologia de oposição, uma

estratégia para questionar as pretensões de verdade ou conhecimento desenvolvidas pela teoria bem estabelecida" (Benhabib, cit. por Dias, 2015, p. 116).

Para concluirmos esta abordagem às teorias feministas contemporâneas, é patente que as teorias sociológicas feministas advêm da teoria feminista. As feministas e as mobilizações decorrentes deste movimento são, em grande parte, responsáveis pela difusão social da problemática de género, pois elas "enfatizaram o caráter não natural da divisão dos papéis sexuais" (Dias, 2015, p. 81).

1.1.2. Movimentos Feministas em Portugal

Com a descrição efetuada sobre desenvolvimento do movimento feminista ao longo dos anos, em especial nos Estados Unidos da América e noutros países ocidentais, é pertinente traçarmos o que foi o desenvolvimento do movimento feminista em Portugal. O nosso país, comparativamente a países como França, Itália e até mesmo Espanha, teve um menor envolvimento no movimento feminista. Segundo Tavares (2008), isto verificou-se com a "falta de elaboração de pensamento e de debate sobre os feminismos por parte das associações de mulheres, e a existência de algumas opiniões de que não teria existido um movimento feminista em Portugal" (p. 52).

Porém, logo no início do século XX (enquanto ocorria a primeira vaga do movimento) o movimento feminista começa a fervilhar no nosso país. Em 1914, "nasce a mais importante associação feminista portuguesa da primeira metade do século XX, o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas,* que é encerrado por ordem de Salazar em 1947" (Pereira, 2015, p.8). Os anos 20 do século XX foram bastante frutíferos para o feminismo em Portugal, aconteceram dois Congressos (o de 1924 e o de 1928), assim como "a adesão ao feminismo de uma nova geração de mulheres e a consolidação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas" (Tavares, 2008, p. 86).

A primeira metade do século XX carateriza-se pelas reivindicações em redor do "direito à educação, ao trabalho, à participação política através da luta pelo direito ao voto e, ainda, nas alterações legislativas sobre o divórcio, o casamento e a filiação" (Tavares, 2008, p. 86). Durante o período do Estado Novo, o papel da mulher era relegado à esfera familiar, a maternidade era vista como a verdadeira função do sexo feminino. O feminismo era classificado como sendo a ruína da família por várias figuras

do Estado Novo, entre eles os republicanos, os salazaristas, e dirigentes da Igreja Católica (Ibidem, p. 87).

Com a solidificação do regime fascista no nosso país, inevitavelmente se agudizaram os obstáculos às causas da igualdade de género, ou seja, "com a consolidação do Estado Novo acentuaram-se tais obstáculos num período em que as mulheres portuguesas ficaram privadas de espaços organizativos próprios que não fossem os instituídos pelo regime, assistindo-se também internacionalmente a uma fragilização dos movimentos feministas, motivada pela desarticulação causada pela segunda guerra mundial" (Ibidem).

Em Portugal, a luta feminista viu-se obrigada a convergir com a luta antifascista, acabando por deixar para segundo plano as reivindicações das mulheres. Desta forma, durante a década de 50 do século XX, muitas mulheres envolveram-se nos movimentos políticos opositores ao Estado Novo. Durante a década de 60, apesar do proibicionismo e controlo do regime fascista, iniciaram-se algumas transformações, muitas delas resultado da "maior industrialização do país, de abertura às empresas estrangeiras que empregam a mão-de-obra mais barata das mulheres, em especial a partir da segunda metade da década de 1960" e também da emigração (Ibidem, p. 123).

O dia 8 de Março de 1962 ficou marcado por manifestações com cerca de 20 mil pessoas no Porto. Este Dia Internacional da Mulher ficou marcado por reivindicações pelo fim da guerra colonial, a política vigente durante o regime do Estado Novo e a repressão. A década de 1970 foi um período de grandes mudanças em Portugal e, consequentemente, a situação da mulher portuguesa também se alterou. Assim, depois do 25 de Abril "milhares de mulheres sentiram, pela primeira vez, o que significava participar e tomar a palavra. Nas reuniões, quer se tratasse de pequenas ou grandes assembleias elas tomavam a palavra, para espanto de alguns homens" (Ibidem, p. 256).

Sobre o sufrágio, esse direito foi alcançado em 1931, contudo apenas para mulheres com o ensino secundário efetuado, uma minoria. Só já depois do 25 de abril de 1974 é que o sufrágio se torna universal em Portugal, incluindo todas as mulheres. Com o processo democrático estabilizado, durante a década de 1980, com foco na primeira metade, os grupos e associações de mulheres continuaram a sua missão, nesta fase com foco na legalização do aborto e as comemorações do 8 de março, porém "levantando também novas causas como a luta contra a violência doméstica. Todavia, a

expressão — feminismo não era frequentemente utilizada a não ser nas iniciativas de alguns grupos e associações de menor dimensão" (Ibidem, p. 300).

Durante os anos da década de 1990 foi onde os movimentos feministas se globalizaram, "Diversas análises atribuem esse processo à sua crescente afirmação nas esferas da política internacional com a realização das Conferências das Nações Unidas sobre Direitos das Mulheres, sendo que a mais importante foi a Conferência de Pequim. Não pondo em causa o impacto destas conferências, não se pode limitar a análise desse processo de globalização a essa esfera mais institucional. Encontros regionais de feministas, por exemplo, na América Latina, traçaram redes de militância e de solidariedades nas décadas de 1980 e 1990" (Ibidem, p. 363).

De forma a concluir, o movimento feminista foi um dos movimentos sociais mais importantes do século XX, contribuindo massivamente para as transformações na vida das mulheres e para uma nova conceção das relações de género.

1.2. Género – um conceito em perspetiva

Segundo Scott (1995), a terminologia de género como a conhecemos atualmente começou a ser utilizada pelas feministas americanas com a ambição de "enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (p. 72). O género veio rejeitar o determinismo biológico presente noutros conceitos como o de "sexo" ou "diferença sexual". Dada a necessidade de quebrar com as teorias biológicas da diferença, surge a pertinência de se distinguir género de sexo. Posto isto, o sexo "refere-se à identidade biológica da pessoa e significa que se é homem ou mulher" (Dias, 2015, p. 77). Por seu turno, o género é entendido como a elaboração cultural do sexo e "refere-se aos comportamentos e expectativas socialmente aprendidos a propósito de ambos os sexos" (Ibidem, p. 78).

Também para Araújo (2005), o género "enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de "sexo", que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino"(p.42). Não devemos ignorar a influência do género na vida social, é nele que se constituem "relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos" e é também nele que se formam relações de poder (Araújo, 2005, p.43). Em suma, segundo Almeida

(1995), o género é uma categoria social responsável pelo estabelecimento das possibilidades de vida dos indivíduos, constituindo identidades pessoais e sociais (cit. por Dias, 2015, p. 78).

O conceito de género conseguiu trazer para os *media* e para os debates públicos as realidades existentes nas sociedades contemporâneas, isto é, as desigualdades, discriminações e violências cometidas contra as mulheres. O género conseguiu incluir problemáticas já existentes e fomentar o debate sobre novas questões. Este conceito auxiliou os cientistas sociais nos estudos sobre esta temática, provando a aplicabilidade do termo. Para Amâncio (2003), "o conceito de género correspondia, no plano teórico, ao propósito de colocar a questão das diferenças entre os sexos na agenda da investigação social, retirando-a do domínio da biologia, e orientava a sua análise para as condições históricas e sociais de produção das crenças e dos saberes sobre os sexos e de legitimação das divisões sociais baseadas no sexo" (p. 687). Nos anos 80 do século XX, o género começou a surgir no discurso político e institucional, com ressalva para as Nações Unidas, que tiveram um papel inovador, passando depois para os *media* e para a opinião pública.

Na sua génese, o género pretendia ter em conta o peso da esfera social e cultural nos indivíduos, provando que isso é mais relevante que o sexo da pessoa, é uma forma de indicar construções culturais, a criação social de ideias sobre os papéis de género. Para Scott (1995), o género é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com o aumento dos estudos sobre a sexualidade, o género tornou-se uma palava bastante útil, concede-nos uma forma de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres (p. 75).

Somando ao facto da terminologia género auferir uma neutralidade no discurso, dado não subsistir a tomada de posição sobre de que lado está o poder ou a desigualdade, ela também se adequa à terminologia utilizada nas ciências sociais, "dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo" (Ibidem). Apesar desta isenção, devido ao surgimento do género como uma maior consequência da maior preocupação sobre as desigualdades e consequências do sistema patriarcal nas mulheres, alguns movimentos de opinião "que, sob o efeito do *backlash* antifeminista (Faludi, 1991) e neoconservador da década de 1980, ou negavam a especificidade histórica da sua condição colectiva, remetendo-a para o domínio do individual, ou

insistiam em confundir a luta contra a discriminação com uma luta de interesses das *mulheres*" (Amâncio, 2003, p. 688). Esquecendo-se que o conceito de género designa as relações sociais existentes entre sexos e "também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro" (Scott, 1995, p.75).

Segundo Amâncio (2003), o conceito de género sendo aplicado às mulheres, aos homens ou mesmo às relações existentes entre estes, não consegue acompanhar a complexidade das situações confluentes. A razão desta incapacidade é pelo facto do género não ser um atributo concreto, mas sim uma construção e um saber da sociedade. Posto isto, "mesmo as próprias definições originais que distinguiam o sexo do género, definindo-o como um código de leitura do corpo, verdadeira matéria-prima sobre a qual operava a cultura, e que se encontram nas abordagens de Connell (1987) e de Laqueur (1992), são hoje questionáveis à luz de uma visão pós-estruturalista, como a de Judith Butler (1990)" (Ibidem, p. 706). Nestas perspetivas, o género passou a ser encarado como uma forma de naturalizar o sexo. Contudo, o género não constrói o sexo, ele é um efeito das relações de poder, sendo que para Nogueira (2001b) "o género passa, assim, a ser visto como um acto performativo, algo que se faz constantemente reafirmado nas interacções sociais, na medida em que as formas de o reconhecer são partilhadas" (cit. por Amâncio, 2003, p. 706).

Para concluir, segundo Amâncio (2003), ao longo de todos estes anos da existência do conceito nas ciências sociais foi difícil descentralizar o género do dualismo associado ao sexo biológico, "a corrupção do género pelo sexo, que se generalizou na linguagem comum e no próprio discurso científico, diminuiu o efeito provocatório do género, na medida apenas em que a sexuação do género passou a constituir um poderoso indicador da lógica que preside à construção da diferença. Mas foi também esta deslocação do objecto, que teve lugar em várias disciplinas, que gerou a convergência das ideias que caracterizam a actual reflexão feminista" (p. 707).

1.2.1. Género nas Ciências Sociais

Devemos ter em conta que a análise de género é interdisciplinar, este é estudado pela Sociologia, Psicologia Social, História, Psiquiatria, Filosofia, Literatura, etc. Assim,

antes de nos debruçarmos sobre ele e o seu estudo nas ciências sociais é necessário contextualizá-lo no tempo. O género foi introduzido no meio académico nos anos 60 do século XX por via de académicas pertencentes ao movimento feminista, "repudiando a tese estrita da biologização das diferenças sexuais" (Neves, 2015, p. 37).

Foi o psicólogo e sexólogo John Money (1955) "quem cunhou o conceito de género, diferenciando-o do conceito de sexo para designar a presença dos indivíduos a grupos culturalmente reconhecidos como masculinos ou femininos" (Neves 2015, p. 37). O conceito de género surge nas ciências sociais com a publicação do livro "Sex, Gender and Society" de Ann Oakley, no ano de 1972. Nesta obra, a socióloga pretendeu acabar com a naturalização da diferença entre géneros e "vincar a influência da cultura na divisão reprodutiva entre os sexos" (Neves, 2015, p. 38). Assim, Oakley (1972) pretendeu afirmar que o "sexo com que nascemos diz respeito às características anatómicas e fisiológicas que legitimam a diferenciação, em termos biológicos, entre masculino e feminino; por seu turno, o género envolve os atributos psicológicos e as aprendizagens culturais que o homem e a mulher vão fazendo, no âmbito do processo de consolidação da sua identidade, enquanto seres sexuados" (Alvarez e Vieira, 2014, p. 10).

A teoria feminista surgiu enquanto "Estudos de Género" ou "Estudos das Mulheres" e é uma extensão dos movimentos feministas, tendo tido grande influência nas questões de género no meio académico e na ciência. Um dos seus principais objetivos é "analisar as relações sociais de género" e como elas são sentidas e vividas pelas pessoas (Neves, 2015, p. 38).

No nosso país, as questões de género nas Ciências Sociais começaram a estar em maior evidência na década de 1990, com a execução de trabalhos académicos sobre o tema – "Em Portugal, o interesse das ciências sociais pelas questões do género é recente. Ao contrário do que aconteceu com outros objectos de estudo, a investigação neste domínio desenvolve-se de forma lenta e irregular a seguir ao 25 de Abril de 1974, tendo permanecido num estado de latência até à década de 1980" (Amâncio, 2003, p. 691). É importante sabermos que em Portugal existem "distintas gerações de feministas, mulheres e homens, que chamam a si distintas preocupações e se debruçam sobre distintos eixos de discriminação" (Neves, 2015, p. 39).

Mariana Azambuja (2013) percebeu que existe "uma dificuldade em agregar o conceito de género ao pensamento feminista". Assim, estudos sobre o género são "mais

do que estudar as mulheres ou o sexo feminino", estudar o género é estudar as relações sociais de todos e não com um foco apenas no feminino (Neves, 2015, p. 42). Quando se faz uma dissociação entre género e feminismo incorrem riscos próprios como "o risco da descaracterização da área disciplinar" e o "risco da desvirtuação da dimensão crítica". Para não se verificarem nenhum destes riscos, muitos defendem a "institucionalização concertada dos Estudos de Género" ou "Estudos Feministas" (Ibidem).

Apesar de na área disciplinar da Sociologia, o estudo do género já ser tema de interesse para "alguns dos clássicos da disciplina como, por exemplo, K. Marx (1818-1883) e F. Engels (1820-1895) que transformaram a divisão sexual do trabalho em objeto de análise do materialismo histórico", na sociologia portuguesa, o género teve um desenvolvimento tardio (Dias, 2015, p. 77).

Como principais fatores para o desenvolvimento tardio do género nas ciências sociais, mais concretamente na Sociologia podemos avançar com fatores de caráter social e cultural inibidores. Foi o caso da "invisibilidade das organizações de mulheres criadas na década de 1970; a baixa escolaridade da população portuguesa no século XX, agravando-se ainda na população feminina; a mobilização das mulheres que conseguiam aceder ao ensino superior, uma minoria, privilegiadas e pertencentes a uma elite, para a luta contra a ditadura e a guerra colonial, dado o contexto social e político da altura; e o já referido desenvolvimento, também ele tardio, das ciências sociais em Portugal, dificultando a reflexão e problematização conceptual e analítica" (Amâncio, 2003a cit. por Maciel, 2010, p. 6). Podemos encarar o atraso destes estudos como um "um reflexo da tardia valorização das ciências sociais, só possível com a instauração da democracia" (Tavares, 2008, p. 2).

A Sociologia do Género, em Portugal, concetualizou-se durante a década de 1990 e "mais do que desvendar e revelar a situação da mulher portuguesa, a sociologia começou a abordar a questão do ponto de vista das mulheres, já não encaradas como "a mulher", visto o seu cariz tendencialmente essencialista, assumindo-se agora a multiplicidade de mulheres e de homens e não que os dois grupos são heterogéneos, entre si mas cada um homogéneo no seu seio" (Maciel, 2010, p. 9).

2. Capítulo II – Representações Sociais e Estereótipos de Género

Na primeira parte do presente capítulo serão abordadas questões relativas às representações sociais existentes sobre os papéis de género, efetuando uma divisão nas duas esferas da vida social, a esfera privada e a esfera pública. Numa segunda parte focamo-nos na questão dos estereótipos de género e sexismo, principal tema do projeto onde foi efetivado o estágio curricular.

2.1. Representações Sociais sobre os Papéis de Género

As representações sociais de género têm inerentes a si uma obrigação dos indivíduos construírem uma identidade social. Segundo Duveen (1993), todos devemos desenvolver identidades de género à medida que crescemos. Isto não é sinónimo que todos devamos ter as mesmas identidades de género, elas podem ser diferentes. Acrescentando, as identidades sociais são formas de organizar experiências que contribuem para a definição do *self,* localizando-o no mundo coletivo. Na construção da identidade, as crianças utilizam as representações sociais disponíveis, situando-se em posições particulares no sistema coletivo de significados (Duveen, 1993, p. 2).

De acordo com Duveen (1993), cada tipo de identidade social fornece às crianças versões diferentes de feminilidade ou masculinidade. Os diferentes tipos de identidades sociais dão às crianças orientações de como se orientarem no mundo social, no presente e na projeção do futuro (p.3).

As representações sociais de género marcam posições capazes de orientar para identidades de género viáveis (Ibidem). Assim, Duveen (1993,) sugere que "the positions occupied by different social gender identities may vary in the extent to which they constrain the child's future development. From this point of view the identity which a child brings into any social interaction will be an important influence on the course of the interaction and how meanings are negotiated through it" (p. 4).

Posto isto, devemos perceber quais as representações existentes acerca da masculinidade e feminilidade. Para Dias (2015), tanto a feminilidade como a masculinidade são conceitos elaborados culturalmente e constituem-se através de significações flutuantes. As representações do feminino e do masculino baseiam-se na

estruturação cognitiva do género em categorias dicotómicas. “A este nível, os sexos biológicos desempenham o papel de critérios classificatórios em torno dos quais se organizam configurações de atributos” (Amâncio, 1993, p. 129). A categorização baseada no sexo é feita pelas características físicas, identificador permanente ao longo da vida (Ibidem). Assim, a “objetivação do masculino e do feminino em entidades ontologicamente diferentes é, portanto, regulada por uma assimetria que atravessa todos os processos socio-cognitivos que participam para essa construção do “ser homem” e ser “mulher”” (Ibidem, p. 131).

Importa também referir a importância dos papéis sexuais para esta temática. A teoria de Parsons (1956; 1968) incide sobre a família e a socialização dos papéis sexuais, com ênfase na divisão de tarefas familiares. Para Lorenzi-Cioldi (1994), “A colaboração de Parsons e Bales (1955), ao integrarem as noções de instrumental e expressivo, viria a possibilitar uma teoria da personalidade. (…) Para estes autores, as esferas, privada e pública, traçam a linha divisória dos papéis sexuais, resultando daí os temperamentos masculinos e femininos, produtos da interiorização desses papéis” (cit. por Nogueira e Saavedra, 2007, p.14).

Ainda no seguimento das teorias dos papéis sexuais, desde o século XVIII que existiu uma divisão entre esfera privada e pública, a primeira destinada às mulheres e a segunda destinada aos homens que, apesar das mudanças no papel da mulher, parece manter-se. Assim, de forma a continuar a reflexão sobre as representações sociais, parece relevante fazer essa análise segundo a divisão entre esfera privada e esfera pública. Para Parsons (1995), “a separação entre esfera pública e esfera privada está na origem de conceções que diferenciam radicalmente as funções dos dois sexos na família. Nestas concepções, o papel das mulheres consiste em cuidar da casa e dos filhos, enquanto o papel dos homens consiste em prover às necessidades materiais da família, geralmente através do exercício de uma atividade remunerada” (cit. por Poeschl, 2000, p. 695).

Foi então a partir do século XVIII que se deu a difusão de que “o lugar da mulher é em casa”, isto devido a “importantes transformações sociais que permitiram a extensão do modo de vida burguês a todas as classes sociais” (Poeschl, 2000, p. 695). Assim, as mulheres viram-se afastadas da esfera pública e confinadas aos deveres do lar.

2.1.1. Esfera privada

A esfera privada, que ao longo do tempo foi associada às mulheres através, por exemplo, de alguns ditados populares, como "fada do lar" e "dona de casa" ou provérbios como "a casa é das mulheres e a rua é dos homens", está diretamente relacionada com o ambiente familiar. Assim, podemos fazer uma divisão em dois subtemas, o das tarefas domésticas e o do poder nas relações. Segundo Poesch et al. (2001), "no fim do século XIX, a mecanização do trabalho levou à divisão do trabalho por sexo: enquanto que os homens saíam de casa para trabalhar, as mulheres (pelo menos, as das classes médias) dedicavam-se ao lar e às crianças" (p. 161).

Conforme a divisão sexual do trabalho e dos papéis sexuais, as tarefas domésticas foram remetidas ao longo dos tempos para as mulheres, são estas quem assume de forma regular a preparação de refeições, a limpeza da casa e o cuidar e tratar da roupa (Perista, 2002, p. 453). Desta forma, a mulher tinha como principal função a manutenção da unidade e da harmonia familiar.

A divisão das tarefas domésticas é um tema bastante abordado na área do género, é um vetor importante da vida familiar em que ainda vemos desigualdades e valores patriarcais. As tarefas domésticas são, na sua generalidade, feminizadas. Num estudo realizado por Poeschl (2000) sobre as representações das práticas familiares compreendemos que "as tarefas domésticas são largamente assumidas pelas mulheres e que as tomadas de decisão são divididas entre os dois cônjuges em função de domínios específicos" (p. 699).

As tarefas domésticas conduzem-nos à problemática do uso dos tempos de cada género. Como vimos anteriormente, o uso do tempo é uma das principais áreas de desigualdade de género em Portugal. Efetivamente, o tempo não é ocupado da mesma forma pelos dois géneros, existe uma clara distinção de género tanto no contexto profissional como no contexto do agregado doméstico. A maior diferença ocorre no trabalho não pago no espaço do lar, sendo que no contexto profissional a diferença entre o género feminino e o género masculino é apenas de uma hora. Já no contexto do agregado familiar, "verifica-se que as mulheres dedicam a este tipo de tarefas mais três horas, em cada dia, do que os homens" (Perista, 2002, p. 450).

Em dados referentes ao ano de 2019 do EIGE, no domínio do tempo devemos evidenciar o papel de cuidadora das mulheres portuguesas, nomeadamente 36,5% das mulheres cuida de alguma criança ou idoso todos os dias (trabalho não remunerado), enquanto nos homens o valor equivale a 28,1%. Nas tarefas domésticas esta realidade ainda é mais grave, 78,1% das mulheres cozinham ou cuidam da casa todos os dias (como trabalho não pago), enquanto 18,8% dos homens segue a mesma rotina[8].

O Inquérito à Ocupação do Tempo de 1999, conforme utilizado no estudo de Perista (2002), mostra-nos que a "taxa de participação feminina no trabalho doméstico e na prestação de cuidados à família é claramente superior à masculina: se 95% das mulheres realizam este tipo de tarefas, apenas 59% dos homens o fazem" (Perista, 2002). As mulheres passam por tempos mais complexos e fragmentados, sendo que existe uma divisão pouco nítida entre o que é o trabalho pago e o não pago e também entre o trabalho doméstico, a prestação de cuidados e o tempo de lazer e individual (Ibidem, p. 452). Esta questão faz com que as mulheres tenham menos tempo para atividades de lazer ou mesmo para tempos de cuidado pessoal, visto que o seu tempo é dividido entre o trabalho pago e os cuidados com a casa e com os familiares.

Quando analisadas as tarefas domésticas efetuadas por homens, facilmente se percebem quais são aquelas onde ocupam mais tempo, sendo os assuntos administrativos, atividades de construção, reparação, jardinagem, entre outras. Existe algo em comum nestas atividades: são aquelas que exigem menor dispêndio de tempo e de rotinização. Elaborando, "Trata-se, portanto, de actividades e tarefas que ou implicam relações com entidades externas, ou, pelo menos, tendem a ser executadas fora do espaço doméstico, ao contrário do que sucede com as tarefas domésticas mais feminizadas, geralmente confinadas ao interior da casa" (Ibidem, p. 454).

Ao estudarmos as tarefas domésticas surge a seguinte indagação: quem são aqueles que mais usufruem com a execução das tarefas? De acordo com Perista (2002), compreendemos que quando são as mulheres a realizar as tarefas estas beneficiam não só as próprias como o restante agregado familiar, no caso dos homens, as tarefas são realizadas em benefício próprio.

[8] Dados disponíveis para consulta em https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/domain/time/PT

Refletirmos sobre a externalização de tarefas domésticas torna-se relevante, pois faz-nos perceber que quer exista uma delegação das tarefas a uma profissional paga com um vínculo informal e de parentesco, a tendência é para serem mulheres, ou seja, os homens em grande parte ficam de fora dessa transmissão. Isto, "trata-se geralmente da substituição de uma mulher por outra (paga ou não por isso) na realização de determinadas tarefas" (Ibidem, p. 463).

Quanto ao lazer e ao tempo destinado para o mesmo, devemos ter em conta que "as mulheres, imediatamente a seguir ao convívio com a família e ao descanso, manifestam o desejo de assistir a espetáculos (ir ao cinema ou ao teatro, por exemplo) e de viajar ou participar em excursões, em 15% dos casos (face a 11% dos homens) – este parece corresponder a uma necessidade feminina de «sair» do espaço interior da casa, de «ganhar» espaço na esfera pública" (Ibidem, p. 471). Ao contrário dos homens, que privilegiam as atividades desportivas, as mulheres parecem sentir mais necessidade de se envolver em atividades culturais.

Dados do EIGE referentes a 2019 mostram-nos que nas atividades sociais, desportivas ou culturais fora de casa, 19,6% dos homens está envolvido durante vários dias por semana, enquanto apenas 10,3% das mulheres têm o mesmo tipo de atividade. Este facto pode relacionar-se com a maior ocupação nas tarefas domésticas por parte do género feminino. Ainda sobre práticas voluntárias, é importante compreender que Portugal se encontra abaixo da média da União Europeia, 6,9% das mulheres e 5,1% dos homens fazem voluntariado ou ações de caridade. A média Europeia é de 12,2% para as mulheres e 11,4% para os homens. As desigualdades nesta área não são muito evidentes, contudo é de salientar a maior propensão das mulheres para o voluntariado[9].

Em síntese, o trabalho doméstico mantém-se com altas taxas de feminização, as mulheres realizam as tarefas mais rotineiras, que também são as mais exigentes e as que consomem mais tempo, deixando-as com a sensação de pressa e falta de tempo para elas próprias. As mulheres continuam relegadas à esfera doméstica, sendo que as principais tarefas se desenrolam no interior da casa. De modo geral, "as tarefas domésticas são tarefas da vida quotidiana, repetitivas e invisíveis que são, segundo

[9] Dados disponíveis para consulta em https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/domain/time/PT

Herla (1987), executadas quase “por magia” pelas mulheres” (cit. por Poesch et al, 2001, p. 165).

Sobre o poder em ambiente familiar, existem duas visões distintas. Por um lado, “vários autores concluíram que a actividade profissional da mulher se reflectiu numa baixa de autoridade do marido e numa partilha igualitária de decisões” (Kellerhals, Troutot e Lazega, 1993; Michel, 1983; Poeschl, 2000, p. 696 cit. por Poeschl, 2000, p. 696). Contudo, “este ponto de vista também é contestado: alguns autores consideram que a desigualdade entre marido e mulher é frequentemente ocultada pelos cônjuges, que afirmam tomar as decisões em conjunto (Saraceno, 1992, cit. por Poeschl, 2000, p. 696).

Neste sentido, o poder masculino na vida familiar pode ter duas explicações, o facto de eles também terem mais poder na sociedade ou por existir uma expetativa de que os homens tenham mais poder. Uma relação onde o homem não tenha poder poderia ser vista como diferente do que acontece no resto da sociedade e, por isso, menos aceite (Poeschl, 2000).

2.1.2. Esfera pública

Ao contrário da esfera privada, a esfera pública sempre foi negada às mulheres, quer pelo exercício de direitos, quer pela questão do uso do espaço público, foi excluída do mundo da guerra e da política (Dias, 2007, p. 153). Assim, é de relevo fazermos uma análise ao mercado de trabalho, às profissões e à participação política e pública de forma a compreender que representações existem. Conforme o que nos mostra Ritzer (2002), “por um lado, as mulheres encontram na esfera pública (da educação, política, etc.) um espaço de realização, mas, por outro, a sua participação ainda se encontra limitada por práticas discriminatórias (marginalização, assédio sexual, etc.)” (cit. por Dias, 2015, p.103).

Segundo Dias (2015), apesar da massificação das mulheres no mercado de trabalho ter acontecido após a Segunda Guerra Mundial, e do acesso a trabalho remunerado e independência económica se ter solidificado no final do século XX, as mulheres sempre trabalharam. Com o decorrer do tempo, o trabalho feminino foi-se tornando imprescindível para a subsistência do agregado familiar, tal como a realização

e satisfação pessoal das mulheres. De acordo com os Censos de 2011, destaca-se a "crescente feminização da população ativa" tal como o "aumento da escolarização por parte das mulheres e a mudança do seu estatuto social e familiar" (Dias, 2015, p. 122).

Como vimos anteriormente, nas representações sociais sobre as tarefas domésticas, as mulheres acumulam no seu quotidiano o trabalho remunerado e o trabalho não pago. Assim, "as mulheres apresentam uma jornada de trabalho mais longa: considerando conjuntamente o trabalho remunerado em contexto profissional e o trabalho não pago no quadro dos agregados domésticos, as mulheres apresentam um tempo de trabalho diário de 12h49m, enquanto, para os homens, o valor correspondente não excede as 10h56m" (Perista, 2002, p. 452).

As mulheres têm tendência para serem invisibilizadas na esfera pública. O trabalho não é exceção, sendo que "uma parte significativa do trabalho, sobretudo do trabalho das mulheres, é tornada invisível para a sociedade, as estatísticas e as contas nacionais – todo o trabalho não pago associado à reprodução, ligado à execução de tarefas domésticas e de prestação de cuidados; tarefas às quais não é atribuído valor social ou económico e que não são sequer reconhecidas como trabalho" (Ibidem, p. 448). Este tipo de trabalho não pago, o de cuidadoras, continua a ser ignorado na esfera pública, pelo que "as feministas defendem que a prestação de cuidados é necessariamente trabalho. No caso do trabalho feminino não pago, consideram que ele é essencial para a prossecução de outras atividades por parte dos restantes membros da família (e.g., através da preparação das refeições é assegurada a reprodução da força de trabalho)" (Dias, 2015, p. 126).

Tudo isto faz com que a conciliação entre vida familiar e trabalho seja mais difícil para o género feminino, que tem a si subjacente a prática de tarefas domésticas e o papel de cuidadora informal. Durante os anos 90 do século XX, aquando da maior independência financeira das mulheres, regista-se uma maior intensidade deste tema. Existem constrangimentos no que diz respeito à inserção do género feminino no mercado de trabalho: as mulheres despendem muito tempo na atividade profissional, o que condiciona o tempo disponível para a familia. Assim, muitas mulheres, de forma a conciliarem a vida familiar e a vida profissional, optam por empregos a tempo parcial. Esta é uma das desigualdades de género, visto que ao fazerem esta cedência, estão a expor-se a baixas remunerações, precariedade laboral e oportunidades limitadas de

ascender na carreira (Dias, 2007, p. 158). Dados de 2015[10], da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, mostram-nos que existem mais homens a trabalhar do que mulheres (79% dos homens e 74% das mulheres). Em contrapartida, existem mais mulheres a trabalhar em regime de *part-time* do que os homens (13% das mulheres face a 8% dos homens).

Segundo Amâncio (1993), a entrada das mulheres no mercado de trabalho não gerou uma mudança imediata, na realidade, surgiu uma subcategoria da mulher trabalhadora o que revela uma segregação das mulheres dentro das próprias profissões, como é o caso de "mulher-empresária" ou "mulher-polícia", "não correspondem só a representações do senso comum, mas existem também na realidade objetiva da segregação das mulheres, no interior de certas profissões. Em todos estes casos, o pensamento social encontrou formas de particularização das mulheres que entraram nas chamadas profissões masculinas, e que consistiram na sua "masculinização" enquanto os significados femininos permaneceram intactos na sua escassez e nos limites contextuais a que se aplicam" (p.132).

A industrialização moderna veio efetivar a segregação existente entre espaço público e espaço privado. A segregação ocupacional é resultado de um processo de socialização dos homens e das mulheres para profissões que se baseiem na função de género. Face a isto, as mulheres estão em minoria em empregos bem remunerados e em maioria nos setores onde a remuneração é mais baixa – "As mulheres estão ainda mais sujeitas do que os homens às modalidades precárias de emprego. No nosso país, uma parte significativa das mulheres trabalhadoras continuam vinculadas por contratos não permanentes. São, de igual modo, mais afetadas pelo desemprego" (Dias, 2015, p. 123).

Em 2019, a taxa de emprego foi maior nos homens do que nas mulheres, 79,9% dos homens estão empregados e 72,7% das mulheres encontram-se em igual situação. Quanto ao desemprego, o INE[11] mostra-nos que é mais alto nas mulheres, atingindo

[10] Dados disponíveis para consulta em http://cite.gov.pt/pt/acite/disparidadessalariais_05.html
[11] Dados disponíveis para consulta em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0009074&contexto=bd&selTab=tab2

7,1%, e nos homens é de 5,8%. Segundo a CIG (2017)[12], estes dados podem ser explicados pela maior participação masculina no mercado de trabalho, pelas mulheres passarem mais tempo no sistema educativo ou ainda pela dificuldade feminina em arranjar trabalho.

Assim, a segregação ocupacional processa-se, "segundo Couppié e Epiphane (2006), em duas etapas distintas: num primeiro momento, elabora-se ao longo da formação inicial de rapazes e raparigas, dando a origem à chamada segregação educativa; num segundo, opera-se através da sua repartição diferenciada pelas profissões. Tal repartição reflete assim mecanismos de "emparelhamento" – entre indivíduos e empregos – sexualmente diferenciados que tomam forma no mercado de trabalho (segregação profissional)" (cit. por Dias, 2015, p. 125). Este tipo de segregação com base no género pode ser de dois tipos, vertical ou horizontal. No caso da segregação ocupacional vertical, as mulheres estão em maioria em trabalhos com pouco poder de decisão e menores chances de ascenderem na carreira. Por sua vez, a segregação ocupacional horizontal acontece quando homens e mulheres ocupam categorias de trabalhos diferentes (Dias, 2007, p. 157).

Tal como nos mostram os dados da EIGE[13] para o ano de 2019, existe uma clara tendência de segregação ocupacional por áreas, isto porque no setor da educação, saúde ou na área social trabalham 29% das mulheres portuguesas empregadas face a 7% dos homens. Na área das ciências, tecnologias, engenharias e matemáticas a tendência é inversa: 31% dos homens empregados portugueses têm ocupações nestas áreas face a 9% das mulheres.

Analisando os dados da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, percebemos que as disparidades salariais persistem em Portugal. Como causas para esta desigualdade podem ser apontadas "as escolhas e as qualificações escolares e profissionais, a ocupação profissional, o setor de atividade, as interrupções na carreira, a dimensão da empresa onde se trabalha, bem como o tipo de contrato de trabalho e a

[12] Dados disponíveis para consulta em https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/AF_CIG_FactSheet.pdf

[13] Dados disponíveis para consulta em https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/domain/work/PT

duração da jornada".[14] Posto isto, as alterações nos papéis de género deverão ocorrer através de uma mudança na divisão do trabalho, o que também mudará a tipificação das competências e a crença das diferenças sexuais. Conforme nos mostram os dados do EIGE[15], o *gap* salarial aumentou de 2006 para 2014, sendo que as mulheres recebem, em média, menos de 16,7% do que os homens, no que se refere à remuneração mensal base.

Inerente à esfera pública está também a questão da participação política e pública. A política sempre foi vista como um território masculino, até porque as mulheres inicialmente foram excluídas do papel de cidadãs. Após a conquista do direito ao voto, os movimentos feministas continuaram a lutar por mudanças políticas. A realidade é que existia e existe uma clara ausência de mulheres em cargos de decisão e órgãos de representação (Lolatto & Lisboa, 2017, p. 1).

Uma realidade presente na ocupação do espaço político e, por sua vez, público, das mulheres é o incentivo para que assumam traços identitários afetivos à masculinidade, "exige-se delas um nível de competência desproporcional com aquele cobrado dos homens que estão nos mesmos lugares". Dá-se a tentativa de que as mulheres escondam o seu lado mais afetuoso e emocional, com receio de serem associadas a fragilidade (Lolatto & Lisboa, 2017, p. 2).

O acesso ao mundo da política ainda se faz desigualmente, sendo um local que continua dominado pelos homens. Efetivamente, "depois de décadas de lutas feministas e da inegável evolução nas condições de vida de muitas mulheres, é evidente que o seu acesso a posições de liderança ou de poder nas inúmeras organizações de diferentes domínios ainda não é um facto e a possibilidade de mudança nesse sentido, pouco segura" (Nogueira, 2006, p. 57).

O "telhado de vidro" é uma expressão utilizada para retratar as barreiras invisíveis que dificultam a progressão e solidificação da carreira das mulheres, tal como a sua ascensão a postos de poder. As barreiras mais notórias são os estereótipos, as

[14] Dados disponíveis para consulta em http://cite.gov.pt/pt/acite/disparidadessalariais_05.html

[15] Dados disponíveis para consulta em https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/domain/work/PT

diferentes expetativas em função do género, motivações, constrangimentos familiares e do trabalho (Ibidem, p. 58).

Em jeito de conclusão, estas duas esferas estão moldadas em conformidade com a dominância masculina e a ideologia patriarcal. Apesar de as mulheres já conseguirem estar presentes na esfera pública, ainda há um grande trabalho a realizar para que a igualdade se efetive. A invisibilidade, os estereótipos, as barreiras existentes dificultam que homens e mulheres possam usufruir livremente tanto da esfera pública como da esfera privada.

2.2. Estereótipos de Género

Dada a forte incidência deste trabalho sobre a desconstrução dos estereótipos de género, é fundamental percebermos o que são e de que forma se perpetuam nas sociedades. Os estudos sobre os estereótipos de género surgiram na década de 1960 e 1970, aquando da expansão do feminismo e durante a segunda vaga do movimento. Desde essa data, os estudos têm examinado que os "stereotypes affect cognition and behavior and, individuals stereotype, how such stereotypes, the attributes and roles (social, work, family) that individuals tend to associate with a particular gender" (Mills et al., 2012, p. 521).

Os estereótipos podem ser definidos como "generalizações acerca dos membros de certos grupos e que derivam predominantemente, ou são uma instância do processo cognitivo da categorização. Para que os estereótipos possam ser considerados sociais devem ser partilhados por um elevado número de indivíduos e implicam, portanto, uma difusão efectiva" (Tajfel, 1983 cit. por Nogueira e Saavedra, 2007, p. 13). Assim, compreendemos que os estereótipos decorrem da necessidade dos indivíduos em categorizar ou, se quisermos entender de forma mais gráfica, "arrumar em gavetas" os comportamentos dos outros.

Os estereótipos são uma visão bastante redutora que conduzem a "categorizações irrefletidamente generalizáveis, na sua maioria mais negativa do que positiva" (Pinto et al., 2015, p. 38). O objetivo dos estereótipos passa por "simplificar e organizar um meio social complexo, tornando-o menos ambíguo. Mas eles servem também para justificar a discriminação de grupos e gerar preconceitos" (Nogueira e

Saavedra, 2007, p. 13). Posto isto, os estereótipos referentes ao género refletem a divisão existente dos papéis sociais associado a cada género. Os estereótipos associam-se a expetativas e "orientam a saliência perspetiva de determinados comportamentos, assim como juízos avaliativos sobre esses comportamentos". Assim, os processos de diferenciação existentes entre géneros são explicados pelos papéis distintos que mulheres e homens desempenham na esfera social que se perpetuam no tempo através dos processos de socialização (Amâncio, 1992, p.10).

Segundo Castillo-Mayén e Montes-Berges (2014), os estereótipos de género são considerados como um conjunto estruturado de crenças sobre os comportamentos, atributos ou caraterísticas de cada género. Se os estereótipos categorizam comportamentos de determinados grupos e em todas as sociedades existem sexos diferentes, isto resultará num agrupamento das pessoas consoante o seu sexo, "sendo que cada ser humano quando nasce, na cultura ocidental, pertence imediatamente a uma categoria sexual específica" (Denzin, 1995, cit. por Nogueira e Saavedra, 2007, p. 11).

A realidade é que estereótipos de caráter sexista parecem estar a diversificar-se em meios e contextos de socialização, tendo efeitos mais penalizadores para quem os contraria do que para quem os pratica.

2.2.1. Estereótipos femininos e masculinos

Uma vez que os estereótipos categorizam grupos, mais precisamente o grupo masculino e feminino, quando nos referimos a estereótipos de género, torna-se interessante perceber como cada grupo é percecionado pela maioria da sociedade e quais as principais tendências dos estereótipos existentes.

Os estereótipos de género são modelos para a masculinidade e feminilidade, sendo mais normativos para a identidade masculina do que para a feminina, constituindo-se como alicerces para a educação familiar difundindo-se para a restante sociedade (Nogueira e Saavedra, 2007, p. 12). Devemos assim adiantar que as principais diferenças entre os géneros acontecem devido à divisão sexual do trabalho e à separação da esfera doméstica e da esfera privada. Assim, "traços como a independência, agressividade e dominância continuam a ser associados a homens, e a

sensibilidade, emocionalidade e gentileza às mulheres (Powell, 1993, cit. por Nogueira e Saavedra, 2007, p. 12).

Segundo Amâncio (1992), compreende-se que "a imagem masculina contém traços socialmente positivos e sobrepõe-se a imagens "universais" como a imagem da pessoa adulta" (p.12). Posto isto, o estereótipo masculino está mais próximo do que é considerado o estereótipo universal de um adulto do que o estereótipo do feminino. Esta ideia vai ao encontro do que refere Dias (2015), uma vez que as mulheres são mais sensíveis aos efeitos de género, visto que no sistema patriarcal em que vivemos a norma é masculina (p.78).

Entendemos também que o "estereótipo feminino engloba traços físicos e afetivos, que apontam para o papel das mulheres na família e que são considerados positivos, traços de dependência e submissão que são globalmente considerados negativos e traços relacionados com as emoções e a expressão de sentimentos que não reúnem consenso quanto à avaliação" (Amâncio, 1992, p.14); enquanto que o "estereótipo masculino (…) não inclui traços físicos, não apresenta nenhuma dimensão globalmente considerada negativa e não aponta para nenhum papel ou função específicos (…)" (Ibidem). Assim, o estereótipo feminino abrange traços tanto físicos como afetivos, enquanto o estereótipo masculino não inclui traços físicos, nem lhe é atribuído nenhum papel específico – no estereótipo feminino foi atribuído o traço "maternal".

A verdade é que nos *media*, nos filmes, nos livros, etc., as mulheres são representadas como emocionalmente complexas e expressivas, enquanto os homens se caraterizam como sendo estoicos e reservados (Barrett & Bliss-Moreau, 2009, p. 649). Esta associação de estereótipos aos géneros tem consequências, principalmente para as mulheres, um desses exemplos é o de "Some people even believe that woman are too emotional to be elected President of the United States (Nagourney, 2006, cit. por Barrett & Bliss-Moreau, 2009, p. 649).

O estereótipo e a crença de que as mulheres são mais emocionais pode contribuir para a subrepresentação das mulheres em posições de poder económicas e políticas. Como exemplo das representações estereotipadas de livros e outros meios de informação, temos o estudo realizado pela Universidade de Copenhague e baseado num sistema de inteligência artificial que analisou 11 bilhões de palavras em três milhões de

livros publicados entre 1900 e 2008. Chegaram às seguintes conclusões: a linguagem utilizada é sexista, os homens são na maioria descritos pelos seus traços de personalidade e de força sendo usadas caraterísticas como "justo", "pacífico", "racional", "honrado", "brutal" e "corajoso". Para descrever as mulheres, o mesmo não acontece, pois as caraterísticas apontadas recaem sobre o seu físico e aparência, são usados adjetivos como "bonita", "encantadora", "linda", "*sexy*", "solteira", "fértil" ou "sofisticada".[16]

De maneira a sintetizar, podemos afirmar que existe uma assimetria nos estereótipos femininos e masculinos. Essa assimetria existe no plano normativo nos papéis e nos conteúdos dos estereótipos, mas revela-se mais acentuada quando analisamos a representação entre sexos (Nogueira e Saavedra, 2007, p. 20).

Ainda neste ponto, parece útil refletir sobre a androginia e a sua influência para o género e para os estereótipos. O modelo de androginia, da psicóloga Sandra Bem, estabeleceu-se no início dos anos 1970 e tinha a pretensão de desafiar o binarismo de género. Podemos definir a androginia como sendo "a combinação de atributos femininos e masculinos, eliminando a suposição do dualismo de género", na generalidade, pretende-se que as mulheres se libertem dos comportamentos assumidos como adequados ao seu sexo (Ibidem, p. 17).

O modelo de androginia tem como hipótese central que "os indivíduos andróginos possuem uma autoestima mais elevada e são capazes de se envolver eficazmente numa maior variedade de situações do que os que internalizaram a orientação de papel adequada ao seu sexo" (Amâncio, 1992, p.11). Ao contrário do que pretendia, este modelo potenciou a crença que o papel masculino é mais diversificado em competências e orientações do que a especificidade do papel feminino.

2.2.2. Efeitos dos estereótipos de género

Depois de analisadas as principais tendências sobre os estereótipos referentes a cada género podemos afirmar que estes têm efeitos na vida quotidiana dos indivíduos.

[16] Informação retirada e disponível para consulta em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/tecnologia/1567094920_557887.html

Os estereótipos têm efeitos em várias áreas, mas devemos realçar o seu impacto na educação e no mercado de trabalho, sendo que estas vertentes têm relações entre si. Na verdade, os estereótipos têm efeitos não só nas raparigas como nos rapazes e isso deve ser eliminado de forma a que cada indivíduo possa viver a sua vida sem limitações.

A escola é um dos locais onde decorrem alguns dos principais efeitos dos estereótipos de género, com prevalência dos estereótipos do currículo escolar. Acontece que o currículo escolar se encontra organizado em função do género, "ou seja, os rapazes orientam-se para o campo das ciências (sobretudo física), matemática e tecnologias (tal como arquitectura e engenharias) e as raparigas para o campo das línguas e humanidades (Clark & Page, 1995b, cit por. Nogueira e Saavedra, 2007, p. 21). Esta bipolarização confronta-nos com a problemática da hierarquização social das profissões, sendo as áreas da matemática e das ciências, geralmente, mais valorizadas do que as humanidades que, por sua vez, é uma área mais associada ao feminino. Assim, estamos perante um dualismo de género, onde existe uma associação da emoção, subjetividade, expressividade e sensibilidade às áreas humanísticas e artísticas, e da racionalidade, objetividade, frieza a até impessoalidade às matemáticas e ciências e, consequentemente, ao género masculino

Era vantajoso que a escola, enquanto subsistema social, conseguisse quebrar com os estereótipos existentes nas sociedades e impulsionar gerações para mudanças de comportamentos, atitudes e representações. Contudo, o ambiente escolar continua a ser propício à reprodução de comportamentos sexistas. Influenciada diretamente pela realidade escolar, surge outro dos efeitos dos estereótipos, a segregação ocupacional, que terá impactos no mercado de trabalho e na vida pessoal de cada um. A teoria diz-nos que os estereótipos de género influenciam a escolha da ocupação profissional, afetando a perceção de habilidade que cada individuo tem para uma profissão, tal como os seus interesses (Mills et al., 2012, p. 536).

2.2.3. Mudanças ocorridas nos estereótipos de género

Mais uma vez, de acordo com a teoria dos papéis sociais, sabe-se que "a change on women and men stereotypes is expected when a change in social roles occurs" (Castillo-Mayén & Montes-Berges, 2014, p. 1045). Aqui importa percebermos que

mudanças têm ocorrido nos estereótipos, ao longo do tempo. Para isso, baseamo-nos num estudo de Castillo-Mayén & Montes-Berges (2014), que consideram estereótipos como "dependente, dócil, disposta ou destinada à reprodução", estereótipos tradicionalmente femininos, e "eficiente, competente, triunfante, ativo" como estereótipos tradicionais masculinos que já não se encontram válidos (Castillo-Mayén & Montes-Berges, 2014, p. 1052).

Após apresentarem os estereótipos que já não consideram válidos atualmente, as autoras tentaram compreender quais são os novos estereótipos existentes (Castillo-Mayén & Montes-Berges (2014). A pesquisa demonstrou que "traditional masculine stereotypes such as *intelligent* or *rational* are assigned to women currently, whereas traditional feminine stereotypes such as *incomplete* or *passive* are assigned to men. That is, nowadays, some traditional stereotypes are assigned to the contrary gender, result which was also found the previous studies (i.e., Moya e Pérez, 1990, cit. por Castillo-Mayén & Montes-Berges, 2014, p. 1053).

Ainda assim, o estudo mostra que certos estereótipos tradicionais ainda se encontram válidos, sendo eles "egoísta, forte fisicamente, insensível e bravo" como sendo típicos do género masculino e caraterísticas como "submissas, doces, emocionais e compreensíveis" como sendo traços tipicamente femininos (Castillo-Mayén & Montes-Berges, 2014, p. 1053). Na generalidade, este estudo está em conformidade com a teoria dos papéis sociais, "according to which a change on gender stereotypes is expected as a consequence of the changes occurred in the occupation of the social roles" (Ibidem, p. 1054).

De forma a sumariar, os estereótipos mantêm-se vivos e à serventia da ideologia masculina, sendo que "parecem resistir a orientações políticas, a evidências provenientes quer de experiências pessoais, quer de estudos de investigação" (Nogueira e Saavedra, 2007, p. 26).

2.2.4. Sexismo

Na continuidade do estudo sobre os estereótipos de género, inevitavelmente, surge-nos o conceito de sexismo. Este resulta dos estereótipos de género na medida em que existe um incentivo a preconceitos relativamente às mulheres, o que gera,

previsivelmente, comportamentos denominados de sexistas. Posto isto, "a difusão das ideias estereotipadas de género conduz a posições e atitudes sexistas, que parecem ser mais frequentes do que se imagina, e incluem estereótipos de papéis de género tradicionais, comentários e comportamentos depreciativos e objectificação sexual" (Ibidem, p. 24).

Uma forma de se definir sexismo é descrevê-lo como um conjunto de atividades ou crenças negativas e preconceituosas que podem ocorrer a nível pessoal, profissional, ou interpessoal, como é o exemplo dos piropos ou piadas de cariz sexual (Ibidem, p. 24). O sexismo tem um papel importante na temática da igualdade de género, uma vez que representa uma resistência à modificação nas relações de género.

Atualmente, o problema é que o sexismo se tornou menos aceitável socialmente, isto faz com que seja mais difícil para as pessoas admitir o seu comportamento, "The new forms of manifesting discrimination towards women are related to the rejection of changes in the status quo for gender relationships, and opposition to social policy changes that would benefit women. Modern sexist beliefs provide some indications of people's orientation towards gender relations" (Martinez & Paterna-Bleda, 2013, p. 559). Atualmente, o sexismo surge de formas encobertas e até subtis, auxiliando a manutenção da desigualdade de género. Neste âmbito, surge o neosexismo, uma vez que ele reflete as crenças atuais sobre as mulheres. Os neosexistas não se opõem à igualdade e, inclusive, podem desempenhar papéis sociais não tradicionais, contudo negam a existência da desigualdade e da discriminação de género (Ibidem, 2013, p. 559).

O neoseximo é um dos fatores que faz com que as mulheres tenham dificuldades na progressão de carreira e noutros aspetos do mercado de trabalho. Tal sucede porque existe a negação das problemáticas inerentes ao movimento feminista. Esta ocultação da discriminação impede que exista uma alteração de comportamentos e se efetivem mudanças para as mulheres. Outra das consequências do neoxismo é o facto de explicar as dificuldades que os homens têm em experienciar o feminismo (Ibidem).

No seguimento da análise sobre os estereótipos de género e o sexismo é importante refletirmos, de igual modo, sobre a masculinidade, que, tal como o sexismo prejudica tanto homens, como mulheres. O conceito de masculinidade refere-se a padrões normativos masculinos que se espera que os homens desempenhem. A masculinidade, tradicionalmente, é caraterizada por dureza, pela procura de *status*,

agressividade e pela repressão de emoções (Ibidem, p. 558). Os homens que não cumprem com o padrão masculino são vistos como femininos, ou seja, mais fracos.

Outra ideologia relacionada diretamente com sexismo é o chamado sexismo benevolente**,** entendido como uma ideologia que oferece proteção e afeição às mulheres que desempenham papéis convencionais na sociedade, as mulheres que se conformam com o sistema patriarcal são assim recompensadas. Este tipo de sexismo coexiste com o sexismo hostil, que se carateriza pela antipatia face às mulheres, onde existe a crença de que as mulheres querem retirar o poder aos homens, existindo uma visão antagónica das relações de género (Glick & Fiske, 2001, p. 109). Assim, enquanto o sexismo benevolente recompensa as mulheres que assumem papéis de género convencionais, o sexismo hostil pune as mulheres que desafiam os papéis convencionais masculinos (Ibidem, p. 111). Estes dois tipos de sexismo complementam-se uma vez que são ideologias transculturais.

Apesar da antipatia sexista ser a forma mais óbvia de preconceito, a benevolência sexista também tem um papel significativo de perpetuação da desigualdade de género. Em simultâneo, estas duas ideologias representam um sistema de punições e recompensas que induzem as mulheres a desempenhar papéis convencionais de género. O sexismo benevolente, pela sua amabilidade, tem mais probabilidade de ser aceite pelas mulheres, especialmente em culturas onde as mulheres se veem ameaçadas pelos homens (Ibidem, p. 116).

Dada a perpetuação de atitudes preconceituosas e sexistas nas sociedades devemos analisar também a situação do confronto ao sexismo e em que contornos acontece. O sexismo assume várias formas, em variados contextos e pode ser cometido por uma multiplicidade de figuras conhecidas da vítima ou não. A nível individual, o sexismo pode conduzir a um aumento da ansiedade, do *stress* e da depressão, tal como diminuir o desempenho em vários domínios. Devemos ter em conta que: "The impact of gender discrimination on women, however, depends partly on how women *respond* to sexist events" (Ayres et al, 2009, p. 449).

Confrontar quem pratica sexismo pode fazer com que práticas sexistas diminuam. Contudo, existem "contras" nesta situação. Inevitavelmente, quando os custos são mais elevados existe uma menor probabilidade de as mulheres confrontarem os agressores (Ibidem, p.450). A identificação com o feminismo tem um papel

importante na confrontação do sexismo, pois as mulheres que não se identificavam como feministas tinham menos propensão a confrontar sexistas do que aquelas que se identificavam com o movimento. Os resultados da pesquisa de Ayres et al. (2009), mostram que a identificação com o feminismo empodera as mulheres, isto parece conduzir a maior consciência de atos sexistas e à perceção de que eles não devem ser tolerados. Em reverso, as mulheres que não se identificam com o movimento têm mais relutância em enfrentar o sexismo.

Estes resultados demonstram a atualidade da problemática da discriminação e do sexismo que é negada por muitos. As formas de preconceito acontecem geralmente através de atenção sexual não desejada, comentários sexistas e ainda tratamento desigual. Os perpetradores deste tipo de crimes usualmente são membros conhecidos – como colegas, amigos, chefes – ou estranhos (Ibidem, p.456).

3. Capítulo III – Um enquadramento de estágio: O Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

Neste terceiro capítulo passaremos a descrever o estágio curricular efetuado na associação PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural. O principal propósito do estágio passou por acompanhar o Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, de forma a conseguir realizar o diagnóstico da avaliação de impacto com base na metodologia *Social Return On Investment* (SROI). Ao longo do estágio os projetos artísticos criados e a sua relevância para a avaliação foram tidos em conta, pelo que serão também explorados no decorrer do presente capítulo.

3.1. Descrição da Associação PELE

A PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural foi a identidade acolhedora do estágio curricular. Esta associação é uma estrutura artística do Porto formada em 2007 e define-se como uma associação social e cultural "que aposta na afirmação da arte enquanto espaço privilegiado de diálogo e criação coletiva, norteando os processos de trabalho pelo princípio de colocar os indivíduos e as comunidades no centro da criação, potenciando processos de "empoderamento" individuais e coletivos e procurando o equilíbrio entre ética, estética e eficácia, assumindo a criação artística como uma alavanca para o desenvolvimento comunitário, social e económico, contribuindo para a coesão social e territorial".[17] É também de salientar a interação entre a criação artística e a participação cívica e política que a PELE incita nos seus públicos-alvo.

A instituição acolhedora de estágio trabalha, de forma geral, com públicos em processos de vários tipos de exclusão, seja a social ou a territorial, o que faz com que realize o seu trabalho com grande foco em territórios que se caraterizam por esses mesmos processos de exclusão. As áreas de atuação profissional desta associação são as atividades culturais, a avaliação e consultoria, a criação artística, e a formação e sensibilização. A nível social e cultural, a PELE intervém no Grupo de Teatro de Surdos do Porto, através do teatro; em Projetos em Estabelecimentos Prisionais – desde 2009

[17] Informação disponível em https://www.facebook.com/pg/apeleespaco/about/?ref=page_internal

que a PELE tem um processo de criação no Estabelecimento Prisional do Porto, resultando em vários espetáculos e projetos; e em Projetos com Comunidades, com o teatro comunitário em perspetiva, colocando as comunidades como "protagonistas nos seus processos de mudança".[18] A par dos projetos referidos anteriormente, a PELE desenvolve, desde 2008, projetos de proximidade continuada com algumas comunidades. Na área da Formação, a PELE promove a formação nas áreas do Teatro do Oprimido e do Teatro Comunitário.

Atualmente, a PELE tem a seu encargo cinco projetos, sendo eles o Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, projeto acolhedor de estágio, que será devidamente explorado mais à frente; o Laboratório de Arte e Cidadania que "propõe o desenvolvimento de espaços de criação artística e participação cívica dirigidos a 70 jovens em situação de conflito com a lei"[19]; o Núcleo de Teatro de Oprimido do Porto (NTO-Porto) que desenvolve um trabalho essencialmente em contexto escolar e comunitário; e, por último, o projeto RE.STO.RE (*Recognition of the Social Theatre Operator as a Professional to Tackle the Risk of Social Exclusion*), que visa a cooperação e intercâmbio de práticas a nível europeu.

Os objetivos da PELE refletem o que foi enunciado anteriormente. Desta forma, são eles: (1) a "promoção de projetos artísticos que permitam o desenvolvimento individual, a integração e a afirmação da cidadania, concebendo e produzindo projetos com linguagens distintas em comunidades específicas e contextos de exclusão social usando a Arte como ferramenta de intervenção"; (2) "potenciar a criação, experimentação e inovação artísticas, produzindo novos espetáculos de teatro no contexto das comunidades com as quais colabora; apoiando artistas/estruturas emergentes"; (3) "aumentar as ações de formação junto da população em geral, artistas e técnicos, no sentido de dotar os parceiros do processo criativo de competências técnicas que lhes permitam prosseguir com projetos próprios e autónomos nas respetivas comunidades ou instituições, por via da articulação com parcerias já existentes (…); (4) "incrementar a consultoria externa a estruturas artísticas, sociais, nas áreas da educação e saúde, com vista ao apoio na elaboração, implementação e

[18] Informação disponível em https://www.apele.org/pele
[19] Informação disponível em https://www.apele.org/laboratorioartecidadania

avaliação de projetos no âmbito da sua ação"; (5) "criação de uma rede de trabalho, a nível nacional, entre entidades do setor artístico, como companhias de teatro, associações culturais, museus, mas também escolas, universidades, estabelecimentos prisionais, lares de terceira idade, centros de emprego, coletividades e outras instituições, de forma a desenvolver sinergias profundas entre a arte e a sociedade, envolvendo todos os parceiros, enquanto sujeitos, num processo criativo e reflexivo conjunto"; e (6) "combater a centralização cultural, levando a arte, não só sob a forma de espetáculos, mas ainda mais significativo como processo de criação, ao seio de contextos naturalmente mais excluídos: Bairros Sociais, Estabelecimentos Prisionais ".[20]

A partir de 2017, através de um Protocolo com a Junta de Freguesia do Bonfim, a PELE passou a ser estrutura residente da Casa d'Artes do Bonfim, sediada na rua do Doutor Carlos Passos 59-27, no Porto.

Com base nesta descrição da entidade acolhedora de estágio conseguimos perceber que a PELE, através da arte e da criação artística, pretende fomentar a inclusão daqueles com quem se cruza, apelando à participação ativa dos indivíduos, revelando o seu forte cariz interventivo socialmente.

3.2. O Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

O Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência é um projeto promovido pela Associação PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural, e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Os principais objetivos do ENXOVAL são a eliminação dos estereótipos de género, o cruzamento entre territórios e gerações, e a valorização do património feminino. O projeto intervém no contexto rural (Amarante) e urbano (zona oriental da cidade do Porto), com diferentes grupos etários, onde se pretende desenvolver uma análise sobre a construção simbólica de género. O ENXOVAL contará com uma duração de 36 meses, enquadrando-se na proposta para a Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação (ENIND).

A ideia do ENXOVAL parte da carga simbólica do que era o enxoval das mulheres, muitas vezes passado de geração em geração. Mais do que objetos materiais, o enxoval

[20] Informação sobre a Missão da PELE disponível em https://www.apele.org/pele

significava a transmissão simbólica do feminino de mulher para mulher. Este projeto pretende recriar essa ideia, recolhendo o património do universo feminino (desde músicas a objetos do enxoval das mesmas) e criando um espaço de reinterpretação dos significados. Para este efeito, pretende-se construir um novo *Enxoval*, no qual é esperada a participação de homens e de mulheres, e que a finalidade seja a vontade de mudança. O Enxoval "simboliza uma concepção da mulher e da família" [21]. Num artigo do Público (2018), a socióloga Sandra Marques Pereira deixa bem assente a ideia de que o enxoval teve um forte impacto na sociedade, mas com os anos se foi desvanecendo. O enxoval, apesar de mais enobrecido nas classes mais altas, estava presente em todas as classes. A tradição de construir um enxoval para o casamento iniciou-se no século XIV e associa-se à prática do dote. O enxoval está em desuso na sociedade portuguesa, excetuando alguns meios sociais mais conservadores e até católicos ou algumas zonas rurais.

São quatro os objetivos específicos que se pretendem alcançar ao longo da implementação do projeto. Em primeiro lugar, pretende-se "promover a criação de espaços de reflexão e discussão sobre igualdade de género"; em segundo, surge a intenção de "contribuir para a desconstrução de estereótipos e práticas discriminatórias"; em seguida é desejado "criar património artístico focado no universo feminino, motivando a sua valorização e visibilização"; e, por último, a "produção e partilha de conhecimento científico".[22]

Os participantes do projeto são homens e mulheres de diferentes contextos, idades e territórios. Apesar do projeto prever envolver a comunidade, existe um foco nos indivíduos que se apresentam mais vulneráveis às questões de igualdade de género. Desta forma, os grupos-alvo do ENXOVAL são (1) jovens da zona oriental da cidade do Porto; (2) população envelhecida do CLAP (Centro Local de Animação e Promoção Local) em Amarante; (3) grupo intergeracional de Amarante; (4) grupo de mulheres do bairro do Lagarteiro no Porto. Até ao momento estão formados os três primeiros grupos, sendo que a formação do grupo de mulheres do bairro do Lagarteiro no Porto não foi exequível

[21] Artigo disponível em https://www.publico.pt/2018/08/11/culturaipsilon/noticia/o-enxoval-ou-sonho-e-o-pesadelo-do-destino-numa-arca-1840617
[22] Informação disponível na Teoria da Mudança disponibilizado pela PELE.

até ao momento. A solução poderá passar pela construção de outro grupo, com diferentes caraterísticas, mas também com população em risco da cidade do Porto. Tendo em conta esta descrição, compreendemos que o ENXOVAL pretende trabalhar as questões de género com aqueles que se encontram mais excluídos, tanto a nível social como territorial. Estima-se que, ao longo do projeto, se incluam 60 participantes diretos e 200 participantes indiretos.

Os locais escolhidos para o projeto foram a zona rural de Amarante, pelas questões do êxodo rural e do permanente envelhecimento da população, assim como a proximidade ao local por um anterior trabalho da PELE com esta população, e a zona oriental da cidade do Porto, por motivos diferentes: pelo grande número de famílias com monoparentalidade feminina, e pelas altas taxas de exclusão social e pobreza.

Quanto às atividades a desenvolver, o projeto Enxoval desenvolve a CASA e as ARCA'S. A CASA – Rede de Parceiros corresponde ao espaço de discussão, capacitação, monitorização e avaliação de projeto e ocorre trimestralmente, entre 2019 e 2021. As ARCA's (Ação, Reflexão e Criação Artística) – Grupos de Criação Artística pretendem impulsionar a troca intergeracional. No Porto decorrerá a ARCA I semanalmente e a ARCA II quinzenalmente. Amarante segue a mesma lógica, a ARCA I ocorre semanalmente e a ARCA II pontualmente. Decorrente do projeto e das suas atividades existem alguns produtos artísticos, estando previstos um teatro fórum, uma exposição, dois espetáculos, quinze fanzines e um *kit* de ideias/atividades.

O projeto Enxoval tem como parceiros a Câmara Municipal de Amarante, o CLAP (Centro Local de Animação e Promoção Cultural), a Comissão para a Igualdade de Género (CIG) e a Câmara Municipal do Porto. Concretizando estas parcerias, a Câmara Municipal de Amarante desempenha um papel fundamental na continuidade e sustentabilidade do projeto, uma vez que garante suporte financeiro e a integração na Rede Social, o que beneficia o projeto na sua divulgação. Por sua vez, o CLAP do Marão é responsável por centralizar o trabalho com a população mais rural e envelhecida. A Comissão para a Igualdade de Género (CIG) tem como função prestar apoio nos materiais de divulgação. Por último, a Câmara Municipal do Porto apoia a execução do projeto, acompanha a participação da rede dos parceiros e potencia a possibilidade de disseminação do projeto através da Rede Escolar.

Para além destas parcerias, incluem-se a Junta de Freguesia do Bonfim, que providencia o espaço de trabalho da PELE; o Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras, que é a entidade responsável pela avaliação do projeto, segundo a metodologia *Social Return On Investment*; o CER Porto, uma IPSS que atua na área do desenvolvimento comunitário nas zonas de Campanhã e do Bairro do Cerco; a Associação "O Meu Lugar no Mundo", associação que visa a inclusão social e escolar de jovens e crianças; a Associação Senhor do Bonfim, que pretende responder a problemas sociais na zona do Bonfim e o Lar Nossa Senhora do Livramento. Estas últimas associações concretizam a sua parceria com o ENXOVAL através de trabalho voluntário e rede de apoio.

A Fundação Calouste Gulbenkian é o financiador do projeto, o financiamento é efetuado através do programa "PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão" (3ªa Edição), esta iniciativa "apoia, através de subsídios e ações de capacitação, organizações que desenvolvem projetos cuja metodologia central coloca as práticas artísticas (plásticas, audiovisuais e/ou performativas) ao serviço da inclusão social"[23].

Segundo as promotoras do projeto, as principais mudanças a alcançar são as "atitudes face a estas questões", a "ativação para a discussão e para a reflexão sobre este tema", "sobretudo criar *awareness* – criar consciencialização". Em suma, pretendem que os participantes fiquem sensibilizados e conscientes para as questões dos estereótipos e da igualdade de género.[24]

Desta forma, o ENXOVAL pretende criar espaços de reflexão, discussão e ação onde se privilegie as questões de género, incluindo as pessoas que estão mais isoladas a nível social e geográfico, auferindo-lhes mais poder e visibilidade. É proposto um modelo participativo que visa a capacitação de grupos locais e que trata a temática pouco explorada da transmissão intergeracional de estereótipos de género e as diferenças existentes entre rural e urbano. Ao contrário de projetos já existentes, o ENXOVAL pretende convocar homens e mulheres para a discussão e para o processo de mudança das noções de binarismo de género.

---

[23] Informação disponível em https://gulbenkian.pt/programas/programa-gulbenkian-coesao-e-integracao-social/inovacao-e-investimento-social/partis/

[24] Entrevistas às promotoras do projeto disponíveis no Anexo 6.

3.3. Criação Artística do ENXOVAL

Uma vez que o Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência tem intrínseco o caráter artístico e a inclusão social através da arte, devemos explorar quais os produtos artísticos que surgem no projeto e a sua contribuição para a temática e participantes envolvidos.

3.3.1. Quem são as Bravas? – Processos de participação coletiva

"Brava" é um adjetivo que carateriza uma mulher cheia de coragem, que não teme, que é valente. Este é o mote para as fanzines do ENXOVAL: servem para homenagear mulheres, para conhecê-las, visto que muitas histórias de mulheres que contribuíram ativamente para conquistas sociais, políticas e civis ficaram por ser contadas. A execução e divulgação destas fanzines pretende lutar contra esta invisibilidade das mulheres, infligida por muitos na sociedade portuguesa.

A criação artística das "Bravas – histórias das mulheres que nos inspiram" é da responsabilidade da associação PELE e da artista Clara Não. Estas fanzines são construídas através da recolha de imagens e histórias com contribuições quer dos participantes diretos do projeto, como da sociedade em geral. Todos podem contribuir para as Bravas, sendo estas fanzines um dos canais de participação coletiva que o projeto Enxoval pretende efetivar.

Atualmente, as fanzines podem ser definidas como "todo o tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto (…), muitas vezes com o intuito de propagação e potencialização de ideias" (Ferreira, 2012, p. 1). É explícito o desejo de envolver a comunidade no projeto, assim, "a utilização dos fanzines é uma maneira atuante de proporcionar a troca de informações. Além disso, a possibilidade de se fazer uma produção coletiva promove esse intercâmbio de experiências e opiniões de forma mais direta" (Ibidem, p. 8).

A realidade é que a "ação participativa estimula a transformação ou, pelo menos, instiga a mudança de uma realidade" (Ibidem, p.4). As fanzines começaram a ser utilizadas na década de 30 do século XX, nos Estados Unidos da América. Contudo o termo "fanzine" surgiu mais tarde, na década de 1940, por Russ Chauvenet. No fundo,

“fanzine é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente” (Magalhães, 1993, p. 9).

Até à data do fim de estágio curricular foram produzidas três fanzines, apresentando-se agora alguns exemplos, primando por histórias diversificadas, com o objetivo de ter protagonistas femininas de diferentes contextos sociais, diferentes idades e localidades.

A Fanzine nº1 – Ana[25], a brava é sobre uma mulher que nasceu no ano de 1934 na terra de Marancinho e aos 7 anos já ia para Amarante com a mãe, descalças. É este facto curioso que dá origem a esta primeira história – Ana confessou que “Andávamos quilómetros de caminho descalças. Fazíamos todo esse caminho de noite”. Iam levar a lenha aos padeiros, voltavam para casa e comiam uma “malguinha de sopa”. Confessou ainda ter o seu primeiro par de sapatos aquando do seu casamento. É esta a história que dá início à coleção das “Bravas – histórias das mulheres que nos inspiram”.

A Fanzine nº2 – Rosalina, a sonhadora[26] é a segunda narrativa desta coleção, que nos conta a história de uma mulher que viveu em tempos de guerra, mas, apesar disso, cantava e sonhava a todas as horas. Apaixonou-se por um homem mais velho, o Senhor Comendador, de onde nasceram 4 filhos. Com a morte do marido, Rosalina tentou ajudar o máximo de pessoas possível, partilhando o que tinha. Voltou a casar com um estudante de Direito e teve mais 9 filhos. Quando morreu o seu primeiro filho cantou a sua dor, e foi aí que a convenceram a participar num Festival da Canção infantil, e centenas das suas composições espalharam-se pelo país. Faleceu com mais de 90 anos e, ainda hoje, os sonhos de Rosalina continuam vivos através das suas canções. Esta história foi contada por uma das netas de Rosalina, servindo a partilha como homenagem à sua avó.

A Fanzine nº3 – Lokas, a sem fronteiras[27] é a terceira fanzine da coleção das Bravas. Lokas é de Celorico de Basto e desde cedo soube que queria ser médica, sempre quis tratar das pessoas porque “era difícil de ignorar as dores do mundo, um mundo

[25] A fanzine nº1 – “Ana – a Brava” está disponível para consulta no Anexo 3.
[26] A fanzine nº2 – “Rosalina – a Sonhadora” está disponível para consulta no Anexo 3.
[27] A fanzine nº3 – “Lokas – a sem fronteiras” está disponível em https://www.facebook.com/EnxovalPele/videos/3197601970252295/ . Esta fanzine não se encontra nos anexos, uma vez que com o agudizar da pandemia de COVID-19 não foi possível ter acesso à fanzine impressa.

virado do avesso". Assim, embarcou em várias ações humanitárias, em Moçambique, em Lesbos, Angola, Bangladesh e Mediterrâneo. Durante as suas missões deparou-se com as várias desigualdades que as mulheres sofrem e assumiu um papel fundamental na defesa destas mulheres, "a sua função é muito mais que tratar" – podemos ler na fanzine. Através das suas histórias imortaliza todos aqueles com quem se cruza.

O bordado a muitas mãos ou *Bordado Coletivo* é, tal como as fanzines, uma homenagem às mulheres que nos inspiram. Em vários pontos do país (no Porto, em Lisboa, em Amarante, entre outros) as pessoas são convidadas a bordar o nome da "mulher que os inspira", tal como, se quiserem, a partilhar a história dessa mulher – que mais tarde poderá dar origem a uma fanzine. O bordado foi iniciado no dia 16 de setembro de 2019 no Festival Mexe, no Jardim de São Lázaro no Porto, e cada vez mais se preenche com nomes, símbolos, iniciais que pretendem homenagear as mulheres que nos inspiram. Nestes momentos, acontece uma proximidade entre o público e o projeto, chegando este a mais gente, sendo toda a comunidade chamada a participar indiretamente no projeto.

Até ao fim do projeto, a PELE continuará a sua procura por mais Bravas, dando a conhecer a todos as histórias daquelas mulheres que contribuíram de alguma maneira para a mudança e se revelaram inspiradoras.

3.3.2. #NãoÉNão – Teatro do Oprimido como forma de transformação social

A peça de teatro #NãoÉNão é uma peça de Teatro do Oprimido sobre as questões do *bullying* e do assédio nas escolas, insere-se nas temáticas abordadas pelo projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, da igualdade de género e especialmente da desconstrução de estereótipos.

Esta peça foi pensada pelos participantes do Grupo de Jovens do projeto, expressando as suas vivências, inquietações e opressões sobre o tema dos estereótipos de género na adolescência, até porque o Teatro do Oprimido é "um método teatral em que a construção do drama é realizada por pessoas que sofrem opressões, conceitualmente consideradas entraves para a realização de desejos e para a experiência de uma vida livre, democrática, humana" (Campos et al., 2014, p. 553). A

faixa etária em que os participantes se encontram é onde se moldam muitos dos comportamentos que passam para a idade adulta.

Assim, a peça #NãoÉNão tem este nome de forma a abordar a questão do assédio e do consentimento. Segundo Kenway e Willis (1998), "o assédio sexual sobre as raparigas deve ser encarado como parte de um problema mais vasto que é a desigualdade de poder nas relações de género, na escola, em casa e no local de trabalho, tendo um impacto negativo na qualidade das relações entre rapazes e raparigas e no rendimento académico de ambos" (cit. por Nogueira e Savedra, 2007, p. 25). Para além disso, Ollis (1995) refere que, na escola, é frequente os rapazes tecerem comentários ofensivos acerca do corpo das raparigas. Da mesma forma, as mesmas não se defendem pelo receio que sentem e pela falta de proteção ou resposta nos meios escolares a estes fenómenos (cit. por Nogueira e Saavedra, 2007, p. 25). Nogueira e Saavedra (2007) alertam-nos também para a normalização destes comportamentos entre os estudantes e para a dificuldade de identificação de atitudes sexistas e de assédio como sendo realmente assédio.

O *hashtag* remete-nos para as redes sociais, algo inerente à atualidade, em especial aos mais jovens, que utilizam as suas redes como forma de expressar a sua identidade e estreitar laços com outros jovens. Existe a personagem oprimida – vítima de *bullying* e assédio por parte de outros colegas – que tenta ao longo do enredo libertar-se e procurar aliados. No final de cada apresentação, como é expectável no Teatro do Oprimido – o público é chamado a intervir, dando um final diferente à história. Este momento de cruzamento entre história e público traz para o debate as formas de violência de género que acontecem no ambiente escolar.

A peça teve, até ao momento, três apresentações públicas – a primeira no Festival Mexe em setembro de 2019; a segunda no OPRIMA e a terceira para os Jovens da associação "O Meu Lugar no Mundo", ambas em novembro de 2019. A apresentação no Festival Mexe e no OPRIMA tinham como público adultos e profissionais da área social, do ensino ou até mesmo na área do Teatro do Oprimido. Por sua vez, a apresentação para os jovens da associação "O Meu Lugar no Mundo" torna-se interessante para perceber como é que os pares, isto é, outros jovens reagem ao assistirem a esta história que lhes é tão próxima. Conseguimos perceber por registos das

grelhas de observação que existiu uma identificação com o tema, tal como a revolta com a situação presenciada.

> "A Curinga começa a fazer algumas perguntas: "O que viram é real?", o público responde em uníssono que "Sim"; "Já viram isto a acontecer?", ouviu-se mais um "Sim"; "Na vossa escola isto acontece?" respondem "Algumas vezes!"." (Registo de Observação, Anexo 1).
>
> "É questionado ao público se "Querem mudar alguma coisa na história?". Começam a surgir algumas participações por parte do público sobre a peça "humilham as pessoas sem olhar para elas próprias" ou referem que a atitude da Professora (de mandar a jovem atacada ignorar a situação e insinuar que ela é que provoca os agressores) da peça é bastante real nas salas de aula." (Registo de Observação, Anexo 1).

Nas cenas de *bullying*, no público, na maioria no sexo masculino, ouviram-se risos e comentários em tom baixo.

> "Durante a apresentação, ouvem-se risos e veem-se sorrisos na cara do público. Na cena onde a personagem principal é insultada os rapazes do público riem-se. Vão existindo a par da apresentação comentários entre o público num tom baixo acompanhado de risos. A personagem principal lê um poema e ouvem-se batidas suaves num xilofone, este momento é um momento mais sério na sala, o público tem caras sérias bem diferentes do que aconteceu até este momento." (Registo de Observação, Anexo 1).

Os jovens do público participaram bastante na atividade proposta – porem-se no lugar da personagem oprimida e sugerir formas de resolver o problema. Assim, no Teatro do Oprimido "solicita-se que os atores construam espetáculos sobre suas próprias opressões e ofertem o palco para que o público participe em cena e desenvolva o diálogo para a produção de transformações em seus lugares discursivos" (Boal, 2005b in Campos et al., 2014, p. 553). Foi também interessante perceber quais as opiniões dos jovens presentes sobre este tipo de atitudes por parte de outros jovens.

> "Uma das raparigas do público timidamente aceita substituir a personagem principal em cena, aparenta ter cerca de 12/13 anos. A atitude dela é de fazer

queixa dos agressores a uma funcionária, tenta apoiar-se numa possível aliada. Quando sai de palco diz que aquela situação a deixou *"com medo, sem ar"***.** (Registo de Observação, Anexo 1).

Uma outra rapariga substitui, mais uma vez, a personagem principal. A rapariga aparenta ter 14/15 anos e mostra uma atitude mais agressiva do que a anterior. Ela responde aos insultos dos *bullies*, retribuindo-lhes com frases provocantes. Um rapaz no público solta um "bem respondido" aquando uma dessas respostas. (Registo de Observação, Anexo 1).

Existe uma terceira pessoa a intervir na peça, desta feita, a técnica da Associação "O Meu Lugar no Mundo". Desta vez, a alteração é feita com a personagem Sara, a amiga e defensora da personagem principal. A técnica com esta alteração incentiva os jovens a terem consciência da sua voz, independentemente da sua idade ou do ano que frequentam na escola. Afirma que se podemos mudar alguma coisa devem falar e mudar o comportamento que estiver errado. O público escuta atentamente as palavras proferidas pela técnica." (Registo de Observação, Anexo 1).

Quanto à temática de género conseguimos perceber que existe uma culpabilização da vítima, apontando-lhe a culpa por ser alvo de gozo.

"Vários jovens vão intervindo e na opinião deles o foco do gozo na personagem principal está no facto da "maneira dela ser", **"**na roupa e no corpo"" (Registo de Observação, Anexo 1).

Estes momentos de apresentação foram marcantes para os jovens participantes, a nível pessoal e coletivo, foi uma forma de compreenderem as suas capacidades e potencialidades. As apresentações são ainda relevantes uma vez que esta metodologia do Teatro do Oprimido permite "restabelecer o diálogo entre os seres humanos, evitando a construção de relações opressoras e oprimidas" (Campos et al., 2014, p. 553).

Esta peça revela-se importante na atualidade, por todas as questões inerentes como o assédio sexual, o consentimento, o *bullying*, os estereótipos associados às raparigas e aos rapazes na adolescência, o uso das redes sociais e sobretudo por

trabalhar com os jovens, consciencializando-os e alertando-os para todas estas questões. É notório que "uma produção coletiva modifica necessariamente a comunidade que constrói o conhecimento sobre si mesma e sobre as suas próprias questões" (Campos et al., 2014, p. 554).

3.4. Ser socióloga num projeto como o Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

Ao longo da minha presença no projeto Enxoval, inserido no estágio curricular efetuado na PELE, realizaram-se atividades relevantes tanto para este relatório como para a conclusão da minha formação em Sociologia. Comecemos por referir a participação em atividades do projeto Enxoval, que refletem o acompanhamento necessário à fase de diagnóstico da avaliação de impacto, que foi a principal função do estágio – elaborar o ponto de partida na avaliação do projeto segundo a metodologia *Social Return On Investment* (SROI). Nestes momentos de acompanhamento e participação nas atividades foram importantes os conhecimentos provenientes da formação em Sociologia, desde as aprendizagens e capacidades provenientes da técnica de observação até às capacidades de sociabilidade com os participantes do projeto, que se caraterizaram pela sua diversidade de idades, de género, de proveniência social e territorial.

Desta feita, a Sociologia revelou-se imprescindível para o contacto com os grupos, especificamente nos temas relacionados com o género, o envelhecimento e a juventude. Este acompanhamento foi ainda elementar para o conhecimento da população-alvo e construção dos instrumentos de avaliação – os inquéritos e o guião de entrevista.

Num primeiro momento no estágio foram realizadas leituras de todas as informações do projeto de forma a entender as caraterísticas do mesmo e a conhecer os objetivos e resultados esperados. Estas informações foram disponibilizadas pelas promotoras do projeto e através de uma pesquisa *online*[28].

[28] A pesquisa efetivou-se através de uma pesquisa por diversas fontes, quer na página do Facebook do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, como também no site da Fundação Calouste Gulbenkian e da PELE.

O estágio curricular iniciou-se a 12 de novembro de 2019, posto que os meses de novembro e de dezembro foram de descoberta da Associação, conhecimento da equipa e perceção do que eram as bases de trabalho da PELE. A partir do mês de janeiro, a rotina de trabalho e o acompanhamento ao projeto foram-se intensificando. Em fevereiro arrancou um novo grupo, o Grupo Comunitário, pelo que houve um acompanhamento e participação no processo de divulgação e de contacto com as redes locais em Amarante, o que ajudou a compreender melhor algumas especificidades do projeto. Ainda durante o mês de fevereiro iniciou-se a elaboração do inquérito por questionário aplicado aos três grupos diferentes que viria a ser aplicado em março, o meu último mês presencial no estágio, para efetuar o levantamento do *baseline.*

Existiu, desde o início até ao fim do estágio, uma monitorização das sessões em Amarante, mais concretamente com o grupo das freguesias Vila Chã e de Olo e com o Grupo Comunitário. No grupo mais envelhecido e totalmente feminino de Vila Chã e Olo assistiram-se às conversas sobre o legado feminino e participou-se nas atividades teatrais e musicais, o que gerou uma aproximação e confiança com a população. No Grupo Comunitário esta lógica de trabalho deu seguimento, com participação nas atividades propostas pelas promotoras do projeto. Para além de Amarante, o projeto também acontece no Porto, com o grupo juvenil de teatro do oprimido. Neste grupo, assistiu-se a vários ensaios em formato de observadora participante.

Para além do acompanhamento, que foi o maior foco do estágio, realizaram-se outras atividades, também ligadas à avaliação do projeto, de grande interesse no âmbito da minha formação em Sociologia. Logo em setembro de 2019 assisti ao Bordado Coletivo do Festival MEXE[29], onde tive a oportunidade de conhecer a equipa e teve lugar o primeiro contacto com o projeto. Em novembro acompanhei uma das promotoras do Projeto ao Bairro do Lagarteiro, mais concretamente à sala do Assistente Social do bairro. O objetivo desta visita era divulgar o projeto e apelar à participação de mulheres daquela zona para a constituição de um grupo. Em fevereiro de 2020 assisti com o grupo juvenil e uma das promotoras da PELE à peça de teatro "Margem" com base na obra "Capitães de Areia", de Jorge Amado, e em testemunhos de jovens institucionalizados – uma atividade bastante interessante para o grupo em questão. Dia 8 de março de 2020

[29] O Festival MEXE é um festival organizado pela PELE que propõe o encontro entre Arte e Comunidade.

– dia da mulher – na "Marcha 8M" com os jovens do projeto, produzimos cartazes com frases de empoderamento feminino e de quebra de estereótipos de género e participamos na manifestação, uma atividade estimulante para despertar e motivar os jovens para o tema da participação cívica[30].

Devido ao início da pandemia do COVID-19, e dadas as caraterísticas de trabalho com grupos envelhecidos e de contacto presencial com a população, teve de ser feita uma adaptação aos métodos de trabalho. Assim, a partir de dia 13 de março (último dia de estágio) passei a adotar o teletrabalho, tal como a equipa do projeto. Mantivemos o contacto frequentemente por videochamadas e chamadas telefónicas e procedeu-se à análise dos inquéritos, tais como dos principais resultados, durante o mês de abril.

De forma a concluir, importa apontar que, todas estas atividades se relacionam com o papel de uma socióloga, desde o contacto no terreno com grupos mais vulneráveis, às formas de ativismo e atividades culturais, uma vez que são temas muito próximos à atividade de pesquisa e de intervenção em Sociologia. Estas atividades tiveram um grande impacto pessoal e de enriquecimento do estágio curricular.

[30] Fotografias deste evento disponíveis em Anexo 7.

4. Capítulo IV – Caminho Metodológico e Técnicas Utilizadas

No presente capítulo apresentamos a abordagem metodológica e as técnicas mobilizadas neste relatório de estágio. Deveremos considerar que o presente visa apresentar o *baseline* da avaliação de impacto do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, segundo a metodologia SROI. Deste modo, devemos perspetivar que as opções metodológicas tomadas refletem o que seria mais benéfico para a avaliação de impacto, mais concretamente para traçarmos o "cenário de partida" deste projeto.

Numa primeira fase, ainda antes do início do estágio curricular, desenhou-se uma metodologia inteiramente qualitativa, onde seriam utilizadas as técnicas da observação, entrevista e análise de conteúdo. Contudo, após algumas observações e conversas exploratórias, surgiu também o valor do inquérito por questionário como instrumento para realizarmos o diagnóstico da avaliação do projeto. Dadas as caraterísticas de uma metodologia qualitativa (e.g., a empatia com a amostra, a adaptação e flexibilidade e a interação com os participantes) podemos traçar similitudes com a metodologia utilizada. Apesar do inquérito ser uma técnica utilizada na metodologia quantitativa, a presente investigação acabou por mobilizar uma metodologia mista.

4.1 Objetivos da investigação e técnicas utilizadas

O objetivo mais geral desta investigação é o de compreender as representações sociais dos participantes do ENXOVAL sobre a igualdade e os estereótipos de género, de forma a fazer o desenho do ponto de partida para a avaliação do projeto. Como objetivos mais específicos foram estabelecidos os seguintes: (1) identificar os principais estereótipos e desigualdades relativamente ao género descritos pelos participantes do ENXOVAL; (2) perceber o impacto da intergeracionalidade na perceção da igualdade e dos estereótipos de género; (3) analisar o segmento das "Bravas" – as mulheres que nos inspiram – de forma a compreender que aspetos são apontados às mulheres para que se encaixem no perfil de uma "Brava".

Desta feita, tivemos de refletir sobre as especificidades de cada objetivo para escolher as técnicas de investigação que se adequassem aos objetivos e às

especificidades do projeto: o facto de cruzar gerações diferentes, por exemplo, foi determinante. Portanto, as técnicas utilizadas para alcançarmos respostas aos objetivos referidos foram a observação, o inquérito, a entrevista exploratória e semiestruturada, e a análise de conteúdo. Como métodos para analisar a informação foram também utilizadas a análise estatística e a análise documental.

A observação foi essencial neste trabalho, dado que uma das funções no estágio curricular era o acompanhamento do projeto. Assim, em todas as atividades com o grupo a técnica de observação foi utilizada. A observação direta "consiste em ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos próprios locais das suas atividades ou residências sem lhes alterar o seu ritmo normal. Tem por finalidade a recolha e o registo de todas as componentes da vida social que se apresentam à perceção desta testemunha especial que é o observador" (Peretz, 1998, p.26).

A observação enquanto técnica foi utilizada nos três grupos do projeto, estudando-se a totalidade da população. A observação direta baseia-se na "observação visual", sendo o único instrumento de análise social que capta os comportamentos dos indivíduos quando eles acontecem (Quivy & Champenhoudt, 2005, p.196). Neste caso em específico, a observação acabou por ser participante, dada a presença assídua e o envolvimento nas atividades desenvolvidas no projeto, no período afeto ao estágio curricular.

A observação participante está inserida "no conjunto das metodologias denominadas de qualitativas (…) é utilizada em estudos ditos exploratórios, descritivos, etnográficos ou, ainda, estudos que visam a generalização de teorias interpretativas" (Mónico et al*.,* 2017, p. 725). Nesta técnica espera-se o envolvimento e imersão do investigador na comunidade ou cultura das pessoas em questão: "A Observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa" (Correia, 1999, p. 31 cit. por Mónico et al*.,* 2017, p. 725).

O registo contínuo foi crucial e irá providenciar informações importantes tanto para a avaliação do projeto, como para os resultados do presente relatório. As variadas observações realizadas perfizeram um total de 18 observações, entre 16 de setembro de 2019 e 6 de março de 2020, e surgiu a necessidade de organizar e categorizar as

informações recolhidas durante esse período. Para isso, foi criada uma grelha de observação com várias dimensões (Anexo 1). A grelha pretende "inventariar as pessoas, o cenário, os instrumentos, os objetos e os atos necessários ao reconhecimento da situação. É este o papel de uma grelha de abordagem destinada a registar as caraterísticas gerais e permanentes de um local" (Peretz, 1998, p.121).

Dada a necessidade de criar proximidade aos grupos, esta técnica revelou-se vantajosa na pesquisa, sendo que "esta metodologia proporciona uma aproximação ao quotidiano dos indivíduos e das suas representações sociais, da sua dimensão histórica, sociocultural, dos seus processos" (Mónico et al., 2017, p. 726). Com a proximidade criada, existe um facilitismo em abordar questões, mas principalmente existe a oportunidade de os participantes partilharem as suas crenças e representações sobre a temática abordada.

A observação foi importante para compreender aspetos que só neste contexto são possíveis, sendo que em inquérito ou entrevista existe maior condicionalidade por parte dos participantes. O fator grupal também se revela fundamental, em inquérito e entrevista o mesmo não sucedeu – foram individuais. Em rigor, esta "é uma abordagem utilizada quando o investigador está interessado na dinâmica de um grupo no seu meio natural, e não simplesmente na recolha de respostas individuais às questões" (Mónico et al., 2017, p. 727).

Por sua vez, o inquérito por questionário surgiu da necessidade de inquirir os participantes do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência. Segundo Ghiglione e Matalon (2005) "realizar um inquérito é *interrogar* um determinado número de indivíduos tendo em vista uma *generalização*" (p.8). Apesar de primordialmente ser preferível uma abordagem qualitativa, onde tratássemos a temática do género numa perspetiva mais intimista e narrativa, o inquérito por questionário conseguiu abranger todos os participantes, de forma mais rápida e analisando as mesmas questões para todos os grupos. Sendo assim, "o recurso ao inquérito é necessário de cada vez que temos necessidade de informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um mesmo indivíduo, comportamentos cuja observação direta, mesmo que possível, levaria demasiado tempo, ou seria completamente impossível porque se reportando ao seu passado" (Ibidem, p. 13).

Dadas as caraterísticas da população, que serão abordadas mais à frente, compreendemos, desde o início, que no Grupo de Olo e Vila Chã (o grupo mais envelhecido e rural) o inquérito teria de ser administrado pela investigadora, uma vez que existia uma multiplicidade de situações que poderiam dificultar o processo, entre eles a idade avançada, o baixo nível de literacia, a consequente dificuldade em preencher um inquérito, etc. Esta pode ser apontada como uma das limitações ocorrentes durante a investigação. Assim, neste grupo o processo de inquirição foi mais demorado, visto que tínhamos de inquirir indivíduo a indivíduo. Nos restantes grupos – o Grupo de Jovens e o Grupo Comunitário – o processo foi diferente, cada indivíduo preencheu o seu inquérito (autoadministrado), com a investigadora presente no caso de surgir qualquer dúvida e para maior controlo da situação.

Ghiglione e Matalon (2005) admitem que "um questionário deve parecer uma troca de palavras tão natural quanto possível e as questões encadearem-se umas nas outras sem repetições nem despropósitos" (p. 112). Desta feita, o inquérito aplicado era de tipo misto, na sua maioria perguntas fechadas, mas com outras abertas – apenas as indispensáveis, de forma a dar liberdade ao inquirido, não enviesando a sua opinião. A questão da linguagem teve um peso importante, tal como a organização das questões, quando existem caraterísticas que o justifiquem é "necessário utilizar um vocabulário ou uma sintaxe muito simples" (Ibidem, p. 164). Quanto à análise e tratamento dos resultados dos inquéritos por questionário utilizamos o SPSS e elaboramos tabelas de frequências e tabelas cruzadas.

Ao contrário do inquérito, que abrangeu a totalidade dos grupos, a entrevista destinou-se apenas aos participantes pertencentes ao Grupo de Jovens. Isto sucedeu porque foi o primeiro grupo a ser criado no projeto, ou seja, o que está há mais tempo no projeto e, consequentemente, aquele que estará mais em contacto com a temática analisada, o que, por sua vez, traz uma expetativa de que seja o grupo onde existam mais mudanças. Aqui importa denotar a situação pandémica da COVID-19 e as condicionantes de contacto presencial, sendo que os jovens foram os que se disponibilizaram mais facilmente a uma entrevista *online.* É de notar que "a entrevista possui laços evidentes com outras formas de recolha de dados, nomeadamente com a observação" (Lessard-Hébert et. al., 1990, p. 160).

O primeiro contacto que existiu com esta técnica foi no início do estágio curricular, quando foram realizadas duas entrevistas exploratórias às promotoras do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência. Esta entrevista teve como finalidade fazer uma auscultação com vista a perceber quais os principais objetivos, as mudanças calculadas e desafios ou constrangimentos que enfrentaram numa primeira fase do projeto. Esta técnica foi importante numa fase inicial, uma vez que "O método da entrevista não diretiva é um meio único que permite a exploração de um campo de estudo novo. É um processo preliminar que se revela indispensável quando o investigador se encontra perante uma situação a «desbravar»" (Lessard-Hébert et. al., 1990, p. 161).

Numa fase posterior, realizaram-se as entrevistas semiestruturadas a quatro jovens participantes durante o mês de julho e setembro de 2020. Os jovens selecionados foram convidados a participar na entrevista, salientando que estes quatro jovens se caraterizam pela longevidade no projeto e pela assiduidade nas sessões do mesmo, o que contribui, de melhor forma, para a medição de impacto e mudanças do projeto. No guião da entrevista[31] exploramos alguns aspetos já abordados nos inquéritos e levantamos novas indagações que auxiliam na perceção das representações sobre o papel da mulher, neste grupo em específico. Os entrevistados concordaram com a sua participação, tal como com a gravação em áudio da entrevista. Uma vez que são menores foi enviado para os Encarregados de Educação um *e-mail* com o consentimento informado da entrevista ao qual os mesmos responderam a confirmar a participação do seu educando. Assim, a entrevista foi realizada após a observação participante e a aplicação do questionário.

A análise de conteúdo foi outra das técnicas utilizadas. Esta técnica foi bastante útil na análise das "Bravas", as fanzines do projeto e das narrações feitas por participantes indiretos sobre quem é a mulher que os inspira, socorrendo-nos de um desenho com as características destas mulheres.

[31] O guião da entrevista está disponível no Anexo 4.

4.2 Amostra e caraterização sociodemográfica dos participantes do ENXOVAL

Passando a descrever a amostra, esta foi não probabilista e intencional, uma vez que a população-alvo do estudo era do nosso conhecimento. Os grupos já estavam formados quando o estágio curricular no Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência se iniciou, com exceção do Grupo Comunitário. Contudo, na altura de proceder à aplicação dos inquéritos, todos os grupos encontravam-se formados, o que fez com que a amostra fosse de fácil alcance. Podemos considerar que quase a totalidade da população foi inquirida, faltando os participantes que não compareceram nas atividades nos dias em que o inquérito foi aplicado. Assim, a amostra foi de vinte e cinco indivíduos, sendo que nove deles pertencem ao Grupo de Olo e Vila Chã, onze deles pertencem ao Grupo Comunitário e cinco pertencem ao Grupo de Jovens**.**

Antes de conhecer os participantes do projeto, já tínhamos conhecimento de algumas caraterísticas que conduziram também ao desenho do projeto. O projeto pauta-se pela intergeracionalidade, potenciando um cruzamento entre várias gerações, cruzamento esse que pretende enriquecer de conhecimentos os mais novos e os mais velhos. Segundo Dias (2015), "hoje os laços entre gerações são mais importantes que anteriormente, devido a uma maior convivência no tempo entre gerações diferentes (verticalização)" (p. 69). Para além do cruzamento geracional, também se pretende que exista um cruzamento territorial, entre o urbano e o rural.

4.1.1. O Grupo de Olo e Vila Chã

O Grupo de Olo e Vila Chã tem na sua génese os utentes do CLAP de Vila Chã e Olo, e é composto integralmente por mulheres, com idades entre os 70 e os 85 anos. Olhando para o estado civil destas mulheres compreendemos que a maioria é viúva, com a ressalva de uma mulher solteira e outra casada.

Tabela 1 – Sexo, Idades e Estado Civil do Grupo de Olo e Vila Chã

		Frequências	Percentagem
Sexo	Feminino	9	100%
	Masculino	0	0%
Idade	[70-79]	4	44%
	[80-89]	5	56%
Estado Civil	Solteira	1	11%
	Casada	1	11%
	Viúva	7	78%

Fonte: Autora

Sobre o agregado familiar atual, a maioria das participantes do grupo vivem sozinhas ou em famílias com número reduzido, ao contrário do que aconteceu na sua infância, em que os seus agregados domésticos eram alargados. Quase todas experienciaram a maternidade, 8 pessoas tiveram filhos, sendo que 3 delas vivem atualmente com eles.

Tabela 2 – Número do Agregado Doméstico Atual e Número do Agregado Doméstico na Infância do Grupo de Olo e Vila Chã

		Frequências	Percentagens
Número do Agregado Doméstico Atual	0	4	45%
	1	3	33%
	2	2	22%
	3	0	0%
	4	0	0%
Número do Agregado Doméstico na Infância	3	1	11%
	5	3	34%
	6	2	22%
	7	1	11%
	8	1	11%
	10	1	11%

Fonte: Autora

No que refere á escolaridade, a maior parte não sabe ler nem escrever, 1 pessoa sabe ler e escrever, mas não tem grau de ensino, 2 pessoas concluíram o 1º ciclo e 1 concluiu o 3º ciclo. Todas as participantes se encontram na reforma, sendo que a última

profissão que exerceram estavam, na generalidade, ligadas à agricultura e ao trabalho doméstico.

Tabela 3 – Escolaridade e Condição perante o Trabalho do Grupo de Olo e Vila Chã

		Frequências	Percentagens
Escolaridade	Não sabe ler nem escrever	5	56%
	Sabe ler sem grau de ensino	1	11%
	1º ciclo	2	22%
	2º ciclo	0	0%
	3º ciclo	1	11%
	Ensino secundário	0	0%
	Ensino pós-secundário	0	0%
	Licenciatura	0	0%
Condição perante o trabalho	Empregado/a	0	0%
	Desempregado/a	0	0%
	Reformado/a	9	100%
	Estudante	0	0%
	Doméstico/a	0	0%

Fonte: Autora

4.1.2. O Grupo Comunitário

Traçando o perfil sociodemográfico deste grupo, que será o mais heterogéneo pelas suas condições de formação – formar um grupo intergeracional – conseguimos perceber que existem 8 participantes do sexo feminino e 3 do sexo masculino, sendo que a nível etário o participante mais novo tem 10 anos e o mais velho tem 71 anos. O estado civil também é diversificado, 5 participantes são solteiros/as, 4 são casados/as e 3 são divorciados/as, não existindo nenhuma situação de viuvez.

Tabela 4 – Sexo, Idade e Estado Civil do Grupo Comunitário

		Frequências	Percentagens
Sexo	Feminino	8	73%
	Masculino	3	27%
Idade	[10-19]	4	37%
	[20-29]	0	0%
	[30-39]	1	9%
	[40-49]	3	27%
	[50-59]	1	9%
	[60-69]	1	9%
	[70-79]	1	9%
Estado Civil	Solteiro/a	5	46%
	Casado/a	4	36%
	Viúvo/a	0	0%
	Divorciado/a	2	18%

Fonte: Autora

No que refere ao agregado doméstico dos participantes deste grupo, a maioria tem mais uma ou duas pessoas no seu agregado. Na escolaridade podemos considerar que este grupo se divide em duas tendências – a primeira diz respeito aos quatro indivíduos que têm o 1º e 2º ciclo, coincidindo com as pessoas com idade mais avançada no grupo, e a segunda tendência com níveis de escolaridade mais altos, sendo que 4 dos participantes têm o 12º ano, o pós-secundário ou uma licenciatura. De notar que os dados demonstrados na tabela 5 dizem respeito a 8 participantes, os membros do grupo que estudam não responderam a esta questão.

Tal como noutros domínios, também na condição perante o emprego existem várias realidades: duas pessoas estão empregadas, duas encontram-se em situação de desemprego, duas estão reformadas, quatro são estudantes e uma é doméstica. As duas pessoas que estão a trabalhar desempenham funções de administrativa e assistente social. As desempregadas e reformadas tiveram como última função profissões como alfaiate, costureira, comerciante e técnica de secretariado.

Tabela 5 – Número do Agregado Doméstico do Grupo Comunitário

		Frequências	Percentagens
Número do Agregado Doméstico	0	0	0%
	1	5	46%
	2	4	36%
	3	0	0%
	4	2	18%

Fonte: Autora

Tabela 6 – Escolaridade e Condição perante o Trabalho do Grupo Comunitário

		Frequências	Percentagens
Escolaridade	Não sabe ler nem escrever	0	0%
	Sabe ler sem grau de ensino	0	0%
	1º ciclo	3	38%
	2º ciclo	1	13%
	3º ciclo	0	0%
	Ensino secundário	2	25%
	Ensino pós-secundário	1	13%
	Licenciatura	1	13%
Condição perante o trabalho	Empregado/a	2	18%
	Desempregado/a	2	18%
	Reformado/a	2	18%
	Estudante	4	37%
	Doméstico/a	1	9%

Fonte**:** Autora

4.1.3. O Grupo de Jovens

Este grupo é composto, tal como o nome indica, por jovens, sendo que as idades dos mesmos variam entre os 12 e os 18 anos. Presentes na nossa amostra estão três raparigas e dois rapazes, e são todos solteiros. Encontram-se a frequentar diferentes anos escolares, os participantes encontram-se espalhados do sétimo ao décimo primeiro ano.

Para perceber alguns traços da classe social dos jovens deste grupo optamos por perceber o número do agregado familiar, a condição de emprego dos encarregados de educação e a profissão, contudo não conseguimos traçar uma conclusão – a amostra é pequena (com apenas cinco indivíduos) e alguns participantes optaram por não responder a essas questões no inquérito. Apesar disto, sabemos que o agregado familiar

dos jovens é composto entre uma e quatro pessoas, para além dos mesmos. A nível da condição atual no emprego e profissão, quatro jovens têm os encarregados de educação empregados e as profissões dos que responderam são cantoneira, empregada doméstica e *designer* de moda.

Tabela 7 – Sexo, Idade e Estado Civil do Grupo de Jovens

		Frequências	Percentagens
Sexo	Feminino	3	60%
	Masculino	2	40%
Idade	[10-19]	5	100%
Estado Civil	Solteiro/a	5	100%
	Casado/a	0	0%
	Viúvo/a	0	0%
	Divorciado/a	0	0%

Fonte: Autora

Nas entrevistas, apenas aplicadas neste grupo específico pelas características explicitadas anteriormente, teremos uma amostra mais pequena. Os quatro jovens entrevistados participaram também no inquérito, assim a sua caraterização sociodemográfica de forma mais desenvolvida foi feita anteriormente. Desta feita, os jovens entrevistados ficam apresentados de forma mais sucinta na tabela 8. Este grupo tem especial importância no projeto uma vez que, segundo a *Commission on the Status of Women* (2012, p.1), os jovens estão favoravelmente posicionados e têm mais oportunidades no que toca ao desenvolvimento, têm ainda mais acesso à tecnologia e à educação do que outra geração.

Tabela 8 – Amostra dos Jovens Entrevistados

	Sexo	Idade
Entrevistada 1	Feminino	16 anos
Entrevistada 2	Feminino	13 anos
Entrevistado 3	Masculino	15 anos
Entrevistado 4	Masculino	18 anos

Fonte: Autora

5. Capítulo V – Medição de Impacto Social: A metodologia *Social Return On Investment*

Como foi referido anteriormente, a pertinência do estágio curricular na PELE – Espaço de Contacto Social prendia-se com a necessidade de traçar o *baseline* do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência. Assim sendo, foi escolhida a metodologia *Social Return On Investment* para fazer a avaliação de impacto social do projeto designado anteriormente. Dado o tempo do estágio curricular e do avanço do projeto que teve o seu início em 2019 e terminará em 2021, o foco deste trabalho é o de recolher informações iniciais que posteriormente possam ser comparadas para medir o impacto do projeto.

A metodologia utilizada, o SROI, "mede mudanças por meio de formas que são relevantes às pessoas ou às organizações que experimentam essas mudanças ou que contribuem para elas" (Charities Aid Foundation, 2012, p.7). Podemos, de forma mais aplicada, pensar a metodologia do SROI como se contássemos uma história sobre mudanças "sobre a qual basear decisões, que inclui casos e informações quantitativas, qualitativas e financeiras" (Ibidem, p. 8).

Segundo o "Um Guia para o Retorno Social do Investimento" (Charities Aid Foundation, 2012) os princípios do SROI são sete, passando por:

1. Envolver os *stakeholders*;
2. Entender o que muda;
3. Valorizar as coisas que importam;
4. Incluir somente o que for material;
5. Não reivindicar em excesso;
6. Ser transparente;
7. Verificar o resultado.

Quanto aos estágios, existem seis etapas da metodologia SROI:

1. Estabelecer o alcance e identificar os *stakeholders*;
2. Mapear os resultados;
3. Evidenciar resultados e atribuir-lhes um valor;
4. Estabelecer impactos;

5. Calcular o SROI;
6. Relatar, utilizando e incorporando.

Para efeitos deste trabalho, e tendo em conta as condicionantes anteriormente referidas – a da cronologia do projeto e da duração do estágio curricular – iremos concretizar o estágio 1 denominado por "Estabelecer o alcance e identificar os *stakeholders*" e o estágio 2 designado "Mapear resultados".

5.1. Etapa 1 – Estabelecer o alcance da análise e identificar os *stakeholders*

Na primeira etapa desta metodologia de avaliação estabeleceu-se o *alcance* e identificaram-se as *stakeholders* do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência. Antes de realizarmos uma análise com base na metodologia SROI devemos saber claramente o que vamos medir, como e porque o estamos a fazer. Assim, para começar, o "alcance de uma análise SROI é uma afirmação explícita sobre o limite do que está sendo considerado" (Charities Aid Foundation, 2012, p. 17). Passaremos, assim, a efetuar a análise de alcance e a identificação dos *stakeholders* do projeto enunciado.

5.1.1. *Scopus* de Avaliação do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

- **Propósito de análise** – o objetivo da análise foi a realização da fase de diagnóstico do projeto Enxoval que contribuirá para a futura avaliação – Espaço e Tempo de Resistência promovido pela PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural.
- **Audiência** – esta análise destina-se à PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural e à entidade financiadora do projeto, a Fundação Calouste Gulbenkian (bem como a todos os parceiros).
- **Contexto** – Os principais objetivos do Enxoval são a desconstrução dos estereótipos de género, o cruzamento entre territórios e gerações, e a valorização do património feminino. O projeto intervirá no contexto rural (Amarante) e urbano (zona oriental da cidade do Porto), com diferentes grupos etários, onde se pretende uma análise sobre a construção simbólica de género.

- **Recursos** – recursos humanos e associados, recursos materiais e recursos financeiros.
- **Quem levará a cabo o trabalho** – esta avaliação externa será efetuada pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, sendo que o trabalho de campo é efetuado pela aluna com orientações da Professora Doutora Isabel Dias e da Professora Doutora Alexandra Lopes.
- **Alcance das atividades que serão alvo de análise** – as atividades analisadas são as atividades realizadas em cada um dos grupos de participantes, mais especificamente as ARCA's (Ação, Reflexão e Criação Artística).
- **Período temporal de análise** – desde o início do projeto, que data o início de 2019, até ao fim do estágio curricular, que data abril de 2020.
- **Tipologia de análise** – Metodologia *Social Return on Investment* (SROI) de previsão, uma vez que se realizou anteriormente ao fim do projeto, recolhendo dados que serão úteis quando se realizar uma análise avaliativa.

5.1.2. Identificação dos *stakeholders*

Os *stakeholders* podem ser pessoas ou organizações que afetam ou são beneficiários de mudanças positivas com o envolvimento nas atividades analisadas.

Nesta lógica, os stakeholders do projeto Enxoval são:

- Participantes diretos do projeto;
- Rede de significantes dos participantes – Amigos, familiares e outros próximos;
- Paceiros do programa – Associação "O Meu Lugar no Mundo"; Centro Local de Animação e Promoção Rural (CLAP); Lar Nossa Senhora do Livramento, Câmara Municipal de Amarante; Câmara Municipal do Porto; Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto;
- Comunidades locais – Participantes indiretos da zona oriental do Porto e zona do Marão de Amarante;
- Sociedade.

Ainda no processo de identificação dos *stakeholders* surge a decisão de pensarmos sobre quais devem ser incluídos na análise, e quais os que não serão

exequíveis para a mesma. Utilizando como suporte o "Um Guia para o Retorno Social" foram elaboradas duas tabelas (tabela 1 e tabela 2) onde explicitaremos quais os fatores para a inclusão e para a exclusão.

Tabela 9 – *Stakeholders* incluídos na análise

Principais *Stakeholders* do projeto Enxoval	Razões para a inclusão
Participantes diretos do projeto - O grupo de jovens da cidade do Porto, que efetiva a sua participação com o trabalho peça de teatro fórum #NãoÉNão; o grupo de Olo e Vila Chã, grupo mais envelhecido e composto por utentes do CLAP de Amarante; o grupo intergeracional de Amarante.	Prevê-se que estes participantes tenham mudanças positivas a nível individual e coletivo. Com a participação no projeto espera-se que alterem comportamentos e opiniões face a estereótipos de género, e ganhem consciência sobre temáticas agregadas à igualdade de género. Espera-se, também, que consigam desenvolver capacidades a nível individual como, por exemplo, a comunicação e a participação cívica.
Parceiros do projeto Associação "O Meu Lugar no Mundo"; Centro Local de Animação e Promoção Rural (CLAP); Lar Nossa Senhora do Livramento; Camara Municipal de Amarante; Camara Municipal do Porto; Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género; Instituto de Sociologia	Os parceiros do projeto incluem-se na lista de *stakeholders* pelo seu envolvimento no projeto e relação próxima, quer seja através de contactos, trabalho voluntário ou apoio.

Fonte: Autora

Tabela 10 – Stakeholders excluídos da análise

Stakeholders excluídos	Razões para a exclusão
Rede de significantes dos participantes – Amigos, familiares e outros próximos	Este *stakeholder* vai ser excluído uma vez não existirem recursos suficientes para a análise.
Comunidades locais (participantes indiretos) – zona oriental do Porto e zona do Marão de Amarante	A comunidade local, a par da rede de significantes dos participantes, é exclusa devido aos recursos limitados existentes.
Sociedade	Dados os recursos disponíveis, torna-se difícil prever ou avaliar mudanças num *stakeholder* tão abrangente como a sociedade.

Fonte: Autora

5.2. Etapa 2 – Mapear resultados

Nesta segunda etapa do SROI, e última etapa analisada neste trabalho, iremos abordar a "Teoria da Mudança" ou "Mapa de Impacto". A Teoria da Mudança pode ser definida como a organização da intervenção causal do projeto ou organização a ser avaliada, ela pretende desvendar os resultados intermédios ou o "caminho a percorrer".

Assim, tal como na restante análise com utilização da metodologia SROI, baseamo-nos no "Um Guia para o Retorno Social" para elaborar as tabelas 11 e 12 de forma a explicitar as mudanças e resultados do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência. Numa fase posterior, apresentaremos a Teoria da Mudança do projeto.

Tabela 11 – Mapa de Impacto do Projeto[32]

Organização	PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural	
Objetivos	Promover a criação de espaços de reflexão e discussão sobre Igualdade de Género	
	Contribuir para a desconstrução de estereótipos e práticas discriminatórias	
	Criar património artístico focado no universo feminino, motivando a sua valorização e visibilização	
	Produção e partilha de conhecimento sobre esta temática	
Escopo	Atividade	Atividades decorrentes do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência (ARCA's e CASA)
	Financiador	Fundação Calouste Gulbenkian

Fonte: Autora

[32] Esta tabela baseia-se no exemplo disponível no "Um Guia para o Retorno Social", p. 76.

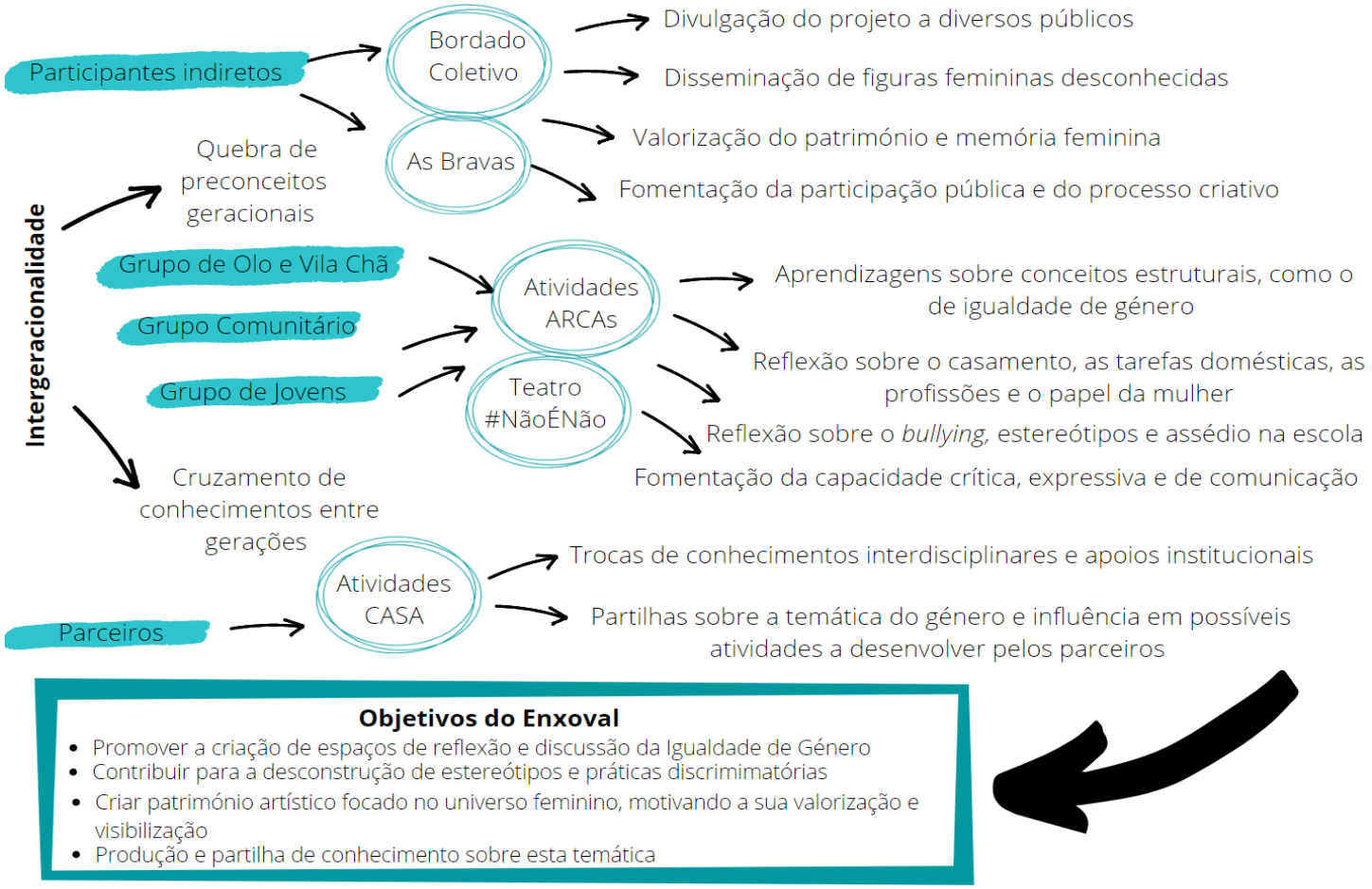
Tabela 12 – Mapa de Impacto (continuação)

Etapa 1		**Etapa 2**			
Stakeholders	Mudanças intencionais/ não intencionais	Entradas		Saídas	Resultados intermédios
		Descrição	Valor		Descrição
Participantes	Os participantes revelam quebra de estereótipos e preconceitos.	Tempo	0	Número de atividades desenvolvidas: 110 atividades (inclui ensaios, apresentações públicas, etc.)	No que refere a variados estereótipos e preconceitos, sejam eles de género, raça, orientação sexual, os participantes mostram-se mais inclusivos.
	Maior envolvimento em ações públicas				Os participantes estão mais motivados e encorajados para a participação em ações públicas.
	Maior interesse por atividades culturais				Com o contacto com práticas artísticas, os participantes encontram-se mais empenhados em participar em atividades de cariz cultural.
	Conhecimentos sobre a igualdade de género				O projeto conduziu os participantes a novos conhecimentos sobre o género e o papel da mulher na sociedade.
	Perda de timidez e desenvolvimento das capacidades de discurso e comunicação				Com as atividades desenvolvidas, os participantes apresentam mais desenvoltura e capacidade de comunicação.

Parceiros do projeto	Comunidades mais conscientes para a questão do género	Recursos (Monetários, Apoio, Trabalho Voluntário)	Câmara Municipal de Amarante: 13 368 euros (valor para afeto a 3 anos)	Número de reuniões com os parceiros: 5	O município do Porto e o município de Amarante veem as suas comunidades mais conscientes para as questões de género e dos consequentes estereótipos, pela envolvência do número de pessoas no projeto nestas cidades
	Maior dinamismo nos participantes e alteração de comportamentos				Os participantes que frequentam outras instituições, tal como a "O Meu Lugar no Mundo", o "Lar do Livramento" ou o CLAP, tornam essas instituições mais dinâmicas e informadas sobre as temáticas abordadas no projeto.
	Trocas interdisciplinares e de conhecimentos dos diversos técnicos das diferentes instituições				É inevitável existir uma troca de conhecimento, divulgação, entreajuda, entre os técnicos das diferentes instituições, o que enriquece o conhecimento científico sobre o tema.

Fonte: Autora

Figura 1 – Teoria da Mudança do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência



Fonte: Autora

6. Capítulo VI – Diagnóstico do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

Tendo em conta o desenlace deste capítulo, torna-se fulcral explicitar que irá ser elaborado um mapeamento das opiniões e perspetivas dos participantes do projeto acerca das temáticas abordadas pelo mesmo. Como já foi referido anteriormente, este trabalho propõe-se a fazer um diagnóstico do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, assim, de seguida será feito um desenho das perspetivas dos participantes ainda com alguns meses de participação no projeto, como é o caso do Grupo de Olo e Vila Chã e o Grupo de Jovens, ou, no caso do Grupo Comunitário, com algumas semanas de participação. Para além disso, serão deixadas pistas futuras para que, posteriormente à finalização do projeto, seja possível fazer uma avaliação completa e ter em linha de conta as mudanças ocorridas. Simultaneamente, serão também desvendados os desfechos dos objetivos elaborados para esta pesquisa, enunciados no capítulo da metodologia. De realçar que este ponto do trabalho não pretende efetuar uma confrontação com outros dados ou hipóteses. Efetivamente, existe uma comparação com alguns estudos, porém devemos ter em conta a especificidade do projeto e o nosso foco de análise – compreender as representações sociais dos participantes do ENXOVAL sobre a igualdade e os estereótipos de género.

6.1. Igualdade de género e práticas discriminatórias

O projeto pretende alterar as conceções relativas ao género e aos estereótipos, portanto torna-se pertinente questionar os indivíduos acerca das suas opiniões, construções e representações sociais. É imprescindível percebermos qual a opinião dos participantes dos três grupos sobre a existência de igualdade entre homens e mulheres. Neste subcapítulo e no seguinte (no subcapítulo 6.2), daremos início ao estudo do primeiro objetivo mais específico, o de identificar os principais estereótipos e desigualdades relativamente ao género descritos pelos participantes do ENXOVAL. Os dados recolhidos pelos inquéritos mostram-nos que os participantes do ENXOVAL parecem dividir-se. Apesar de serem mais aqueles que acreditam que não existe igualdade de género – 13 respostas, existem 9 participantes que acreditam já existir

igualdade entre homens e mulheres. Assim, importa referir o trabalho que ainda falta efetuar para que estes participantes e aqueles que responderam "Não Sei" – 3 respostas – ou seja, 12 participantes, fiquem conscientes da desigualdade existente entre homens e mulheres.

Tabela 13 – Existe igualdade entre homens e mulheres?

	Frequências	Percentagens
Sim	9	36%
Não	13	52%
Não Sei	3	12%
Total	25	100%

Fonte: Autora

Também nas entrevistas existiu um interesse em perceber se os participantes do Grupo de Jovens são capazes de explicar o que é a igualdade de género e quais as medidas que podem ser efetuadas para que exista mais igualdade. Posto isto, os participantes entrevistados parecem todos concordar quando são questionados sobre o que é a igualdade de género. Assim, todos eles referem que a igualdade de género é a igualdade entre os homens e as mulheres.

> *"Para mim a igualdade de género é (pausa) o que os homens têm, as mulheres também podem ter". (*Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos)
>
> *"A igualdade de género é toda a gente poder ter … (Pausa). Por ser de outro género não quer dizer que não possa fazer outra coisa."* (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos)
>
> *"Igualdade de género é independentemente do género sermos todos iguais."* (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos)
>
> *"A igualdade de género é cada um tem igualdade, mas nem mais para a mulher nem mais para o homem, tem que ser igual para todos."* (Entrevistado 4, Sexo Masculino, 18 anos)

No que toca às medidas que podem ser tomadas para que a igualdade de género se efetive, compreendemos que os entrevistados referem diferentes dimensões, sendo que priorizam a representatividade política, a questão dos salários, a consciencialização através da escola e a participação cívica e pública.

> *"Eu também acho que para haver igualdade de género também devíamos ter tipo uma Presidente mulher, mas não só."* (Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos)
>
> *"O que eu acho… As medidas que podiam ser tomadas. Primeiro, acho que tem de começar pelos ordenados, tipo a questão do salário. Ninguém é mais do que ninguém, só por o género ser diferente."* (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos)
>
> *"Nestes anos que estive na básica, eu só tive duas sessões em que me falaram de igualdade de género e eu nem sabia o que isso era. Mesmo quando me deram essas duas sessões, foi muito à pressa, não foi nada assim com calma. Acho que nas aulas de Educação Cívica e Cidadania podiam se abordar essas questões."* (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos)
>
> *"Sei lá. Talvez falarem mais, não terem medo de falar. Têm que ter uma voz. (…) E manifestações…".* (Entrevistado 4, Sexo Masculino, 18 anos)

Se na questão sobre a igualdade, no inquérito, os participantes respondessem que não acreditavam existir igualdade entre géneros, era-lhes pedido que identificassem algumas dessas desigualdades. Assim, conseguimos perceber, de forma geral, quais as áreas apontadas como desiguais, começando pela discriminação salarial, sendo que 7 das 13 respostas abordam esta questão; o trabalho, que 4 em 13 participantes referiram como sendo uma área onde percecionam desigualdades de género (desde profissões, ao facto das mulheres trabalharem mais do que os homens); nas tarefas domésticas, no desporto, nas relações e participação pública.

Tabela 14 – Áreas onde existe desigualdade de género

	Frequências	Percentagens
As mulheres não ganham tanto como os homens	1	4%
As mulheres trabalham mais do que os homens – em casa, por exemplo	1	4%
Dizem que as mulheres não jogam bem futebol	1	4%
Igualdade salarial	2	8%
Nas questões salariais, na divisão do trabalho doméstico, na educação dos filhos, na participação pública – política e órgãos de decisão	1	4%
Nas relações as mulheres muitas vezes têm de se calar	1	4%
Nas tarefas domésticas	1	4%
No salário e no setor industrial	1	4%
No trabalho	2	8%
Ordenados, profissões, direitos de igualdade em tudo, desporto, etc.	1	4%
Os homens saem mais e as mulheres ficam em casa com os filhos	1	4%
Total	13	52%

Fonte: Autora

6.2. Estereótipos de Género

A temática dos estereótipos de género foi explorada de forma mais direta na entrevista com o Grupo de Jovens. Ao contrário do que aconteceu na temática da igualdade de género, este grupo parece mais confuso em decifrar o conceito, mostrando em certos casos um desconhecimento da palavra "estereótipos". Tal como explicita a Commission on the Status of Women (2012), os estereótipos são um dos obstáculos para a igualdade de género e limitam o potencial de homens e mulheres.

> *"É uma coisa que as mulheres podem fazer… Ou fazem. É uma coisa que as pessoas acham que as mulheres fazem e eles não fazem."* (Entrevistada 1, Sexo F, 16 anos)

> *"Estereótipos de género? Por exemplo, quer dizer que um rapaz não pode usar cor-de-rosa. Tipo as pessoas mentalizam uma coisa só para aquele género."* (Entrevistada 2, Sexo F, 13 anos).

"Estereótipos de género é quando… (pausa) É assim, de género não sei. Mas sei o que são estereótipos, não sei se é a mesma coisa… Estereótipos é quando nos achamos o que uma pessoa é, pela imagem que ela nos transmite." (Entrevistado 3, Sexo M, 15 anos).

"Eu nem sei que é isso… Eu não sei é o que é que estereótipos." (Entrevistado 4, Sexo M, 18 anos).

Sobre os estereótipos que costumam ver ou que identificam no seu dia-a-dia obtivemos respostas variadas, desde a forma de vestir e relativos ao corpo feminino, da relação das raparigas com a prática de desporto, em específico o futebol, e estereótipos relacionados com a masculinidade e a pressão existente para que rapazes não tenham emoções ou brinquem com bonecas. Num estudo realizado por Carvalho e Melo (2019) compreendemos que as autoras parecem chegar a uma conclusão semelhante à nossa, uma vez que "expectativas sobre como meninas deveriam se portar, como deveriam se vestir, que tipo de atividadeS eram adequadas para elas também foram mencionadas no discurso de todas" (p. 10).

"*(…) todas as mulheres têm de ir arranjadas para a escola."* (Entrevistada 1, Sexo F, 16 anos)

"O que eu vejo mais é na questão da roupa, as raparigas têm de andar sempre de roupa apertada ou saia. Por exemplo… A questão (pausa). Tenho um primo pequenino e a mãe dele obriga-o (pausa). Ele estava no supermercado connosco e ele queria uma boneca, mas a mãe não deixou comprar. Mais algum… Na escola eu também sofria muito porque jogava muito à bola com os rapazes e diziam que eu era Maria Rapaz." (Entrevistada 2, Sexo F, 13 anos).

"Que mulher tem de ficar na cozinha, que mulher não pode usar saias muito curtas, que mulher tem de tirar os pelos, que mulher tem de estar sempre bonita e sensual para os homens, para atrair os homens. (…) Homem não chora, homem é macho, homem não pode usar isto, homem não pode usar aquilo." (Entrevistado 3, Sexo M, 15 anos).

Quanto aos que incomodam mais os participantes do Enxoval, inevitavelmente, coincidem com os enumerados anteriormente.

> *"Por exemplo, eu estou na escola e estou sentada à minha maneira e toda a gente diz "Senta-te como uma menina". E uma menina não tem uma forma para se sentar. E se um menino estiver – vou dizer assim – de pernas abertas, ninguém diz nada!"* (Entrevistada 1, Sexo F, 16 anos)

> *"Decotes, da roupa, das cores. Acho que isso é só parvo."* (Entrevistada 2, Sexo F, 13 anos)

Dada a discriminação existente, é útil perceber se existe uma aceitação de certos comportamentos para os homens e um julgamento para as mulheres quando exercem o mesmo tipo de condutas. Neste caso, conseguimos entender através do discurso dos jovens entrevistados quais os preconceitos e julgamentos mais associados às mulheres atualmente, claro que devemos ter em consideração que é natural que os jovens se tenham remetido para as suas representações sociais, para as suas vivências e experiências próprias das idades. Desta feita, percebemos que existem comportamentos normalizados para os homens e sentenciados para as mulheres, os jovens identificaram sobretudo comportamentos relacionados com a liberdade, quer seja sexual, amorosa ou de ocupação do espaço público. Tal como concluiu Carvalho e Melo (2019) ao perceber que os participantes do seu estudo também referiram que a liberdade sexual das raparigas é reprimida e incitada para os rapazes, "fator recorrente ecoado por muitas participantes diz respeito à dissonância do que é esperado moralmente no aspecto sexual de meninos e meninas, elas ressaltaram como a liberdade sexual é incentivada para os homens e reprimida para meninas"(p. 9).

> *"Sim, para além da forma de sentar… Se um homem tiver a fumar já é normal porque é homem, se for uma menina "Ai não, deve ser do bairro ou qualquer coisa do género". Coisa que também não concordo."* (Entrevistada 1, Sexo F, 16 anos).

"Ah sim, na minha escola… Eu sei que isto não é uma coisa muito… Mas na minha escola, se for um miúdo a pegar as miúdas é logo um não sei quê, mas se for uma mulher é vadia e não sei quê." (Entrevistada 2, Sexo F, 13 anos).

*"Sim. Quando passa uma mulher, os homens olham para… o rabo dela. E pronto acho que é todo um processo de eles se sentirem sempre superiores… Os "comes" na noite. Os rapazes chegam à beira dos amigos "Ah, comi não sei quantas". Uma rapariga se faz isso é considerada logo de p***."* (Entrevistada 3, Sexo M, 15 anos).

"Por exemplo, quando [um homem] anda com mais mulheres, essas coisas… Se for homem é visto diferente se for mulher." (Entrevistado 4, Sexo M, 18 anos).

Ainda neste ponto, acerca dos estereótipos de género, é relevante apresentar os dados referentes a um provérbio presente no inquérito. Foi pedido aos participantes que determinassem o seu grau de concordância face ao provérbio "Um homem não chora". Neste estereótipo, 22 participantes inquiridos discordam, mostrando que não concordam com este estereótipo referente à expressão de sentimentos por parte dos homens.

Tabela 15 – Grau de concordância dos participantes do projeto face ao provérbio "Um homem não chora"

		Olo e Vila Chã	Grupo Comunitário	Grupo de Jovens	Total
Grau de concordância do participante	Discordo totalmente	1	6	4	11
	Discordo	6	5	0	11
	Nem concordo nem discordo	0	0	1	1
	Concordo	2	0	0	2
	Concordo totalmente	0	0	0	0
	Total	9	11	5	25

Fonte: Autora

6.3. Papel da mulher na esfera privada

6.3.1. Tarefas Domésticas

Uma das áreas em que o projeto pretende incidir é a da esfera privada, e inevitavelmente na repartição existente das tarefas domésticas. Assim, tornou-se imprescindível questionarmos os participantes sobre a sua opinião sobre o desempenho das tarefas domésticas, de forma a compreender se no final do projeto esta será uma área onde existirá alterações de opiniões e comportamentos. Deste modo, percebemos que segundo as representações sociais dos inquiridos, grande parte dos participantes acreditam que as tarefas domésticas devem ser divididas de forma igual entre homens e mulheres. Assim, 3 participantes julgam que as tarefas devem ser desempenhadas pelas mulheres e 5 acreditam que as tarefas devem ser desempenhadas na sua maioria pelas mulheres, sendo que os homens devem ajudar. Compreendemos desta forma que 32% dos participantes inquiridos têm uma visão estereotipada sobre as tarefas domésticas. De salientar que as opções "Homens" ou "A maior parte pelos homens e as restantes pelas mulheres" não foi escolhida por nenhum participante, realçando a feminização latente das tarefas domésticas.

Tabela 16 – Quem deve desempenhar as tarefas domésticas?

	Frequências	Percentagens
Homens	0	0%
Mulheres	3	12%
A maior parte por mulheres e as restantes por homens	5	20%
A maior parte por homens e as restantes por mulheres	0	0%
Pelos dois de forma igual	17	68%
Total	25	100%

Fonte: Autora

Quisemos compreender se existia coincidência entre a opinião dos participantes e a realidade familiar destes, no sentido de traçarmos o ponto de partida do projeto e perceber que tipos de comportamentos, potenciadores da igualdade ou não, os participantes têm no seu seio familiar. A opção "As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por mulheres" foi a opção mais escolhida pelos participantes:

11 dos participantes vive esta realidade no seu agregado doméstico. Seguiu-se a opção "As tarefas domésticas são desempenhadas maioritariamente por mulheres, os homens ajudam em minoria", com 9 respostas. Com estes dados, compreendemos que a maioria dos participantes inquiridos ainda experienciam um ambiente familiar onde a mulher é mais sobrecarregada. Ainda de salientar a escolha de "As tarefas domésticas são desempenhadas de forma igualmente divididas por homens e mulheres" por 4 participantes. Tal como na questão anterior sobre as tarefas domésticas, nenhum participante escolheu as opções "as tarefas domésticas são desempenhadas apenas por homens" e "as tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por homens, as mulheres ajudam em minoria". Assim, neste tema percebemos de forma clara que existe uma descoincidência entre o que os indivíduos acham sobre o tema e sobre o que realmente acontece no seu ambiente familiar: a maioria acredita que as tarefas domésticas devem ser desempenhadas pelos dois géneros de igual forma, contudo a maioria, no seu agregado familiar, vê as tarefas domésticas serem desempenhadas por mulheres, sendo que os homens não ajudam ou ajudam de forma minoritária.

Tabela 17 – Quem desempenha as tarefas domésticas no seu agregado doméstico?

	Frequências	**Percentagens**
As tarefas são desempenhadas apenas por mulheres	11	44%
As tarefas são desempenhadas apenas por homens	0	0%
As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por mulheres, os homens ajudam em minoria	9	36%
As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por homens, as mulheres ajudam em minoria	0	0%
As tarefas são desempenhadas de forma igualmente dividida por homens e mulheres	4	16%
Total	24	96%

Fonte: Autora

Perceber se certas tarefas domésticas são mais percecionadas como sendo desempenhadas pelos homens ou pelas mulheres parece-nos relevante de forma a

estabelecer o diagnóstico do Enxoval. Assim, compreendemos que a opção "Ambos" foi muito escolhida pelos participantes, sendo que apenas se destaca a tarefa "Arranjar um eletrodoméstico estragado" pelo menor número de registos. Contudo, apesar desta aparente igualdade na escolha da opção "Ambos", devemos ter em conta a opção "Homem" e "Mulher" numa perspetiva comparativa. Primeiramente, os homens tiveram menos escolhas do que as mulheres, em alguns domínios nunca foram escolhidos, enquanto as mulheres foram escolhidas em todas as tarefas enunciadas. Para os homens, as três tarefas mais escolhidas foram "Cortar a lenha", "Arranjar um eletrodoméstico estragado" e "Pagamento de contas e outros assuntos administrativos", ou seja, todas tarefas mais logísticas e que não estão diretamente ligadas a limpezas, arrumações, etc. As mulheres, por sua vez, são associadas às tarefas de limpeza e que contribuem para o funcionamento da casa, sendo as opções mais escolhidas "Lavar, passar e arrumar a roupa", "Limpar a casa – limpar o pó, aspirar" e "Lavar a louça".

Tabela 18 – Lista de Tarefas Domésticas

	Homens	Mulheres	Ambos
Preparação de refeições	0	10	15
Pôr a mesa	3	3	19
Limpar a casa – limpar o pó, aspirar	0	13	12
Lavar a louça	1	11	13
Lavar, passar e arrumar a roupa	0	15	10
Fazer compras para a casa	0	10	15
Pagamento das contas e outros assuntos administrativos	5	6	14
Cortar a lenha	13	1	18
Levar o filho à escola ou a atividades extracurriculares	2	4	9
Arranjar um eletrodoméstico estragado	12	3	9
Cuidar do/a filho/a doente	0	10	15
Brincar com as crianças	1	6	18
Total	37	93	167

Fonte: Autora

Desta feita, quisemos na entrevista aprofundar esta questão, lançando a questão se terá a mulher um papel específico na família. Segundo os seus discursos

compreendemos que os participantes parecem discordar, contudo há presente, no discurso de dois deles, a temática das tarefas domésticas. Assim, apesar de discordarem que as mulheres devam realizar certas tarefas, conseguem transpor a realidade familiar deles.

> *"Na minha família o que eu diria é isso, tarefas domésticas."* (Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos)
>
> *"Não, eu acho que as mulheres são livres de fazerem as tarefas que quiserem. Tal como os homens."* (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos).
>
> *"Não, não, não… Acho que na família e eu já trouxe isso para a minha família, graças a Deus. Eu acho que temos de ver que um processo de toda uma igualdade, do tipo "Ok. A minha mãe vai fazer o jantar, mas o meu pai vai ajudá-la, vai por a mesa, preparar o jantar, temperar o jantar. E eu vou arrumar o meu quarto e as outras coisas para eles não terem muito trabalho acumulado", percebes? Acho que é muito assim, cada um faz uma tarefa. Mas eu vejo isso na família dos meus primos, a mulher está a fazer o jantar e eles ainda estão sentados à espera de que façam as coisas, percebes?"* (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos).

Revisitando o diário de campo da investigadora, mais especificamente a observação número 8, referente ao dia 21 de janeiro de 2020, numa das atividades da ARCA com o Grupo de Olo (o grupo de Vila Chã e Olo ainda não se tinham juntado), deparamo-nos com uma sessão dedicada às tarefas domésticas e ao papel da mulher nessa esfera. Compreendemos que existia um papel de cuidar do marido, preparando-lhe as refeições, a roupa, os pertences pessoais, etc.

> "Para dar início à conversa foram lidas algumas passagens de um livro intitulado "Conselhos à Recém-Casada". Quando questionadas sobre se se levantavam antes do marido para preparar o pequeno-almoço, uma das senhoras respondeu que sim. A técnica da Pele perguntou porque é que não era ele a fazer o seu pequeno-almoço? Uma das presentes respondeu que *"Enquanto ele se vestisse eu preparava…"* e outra acabou por assumir que **"***Nós tínhamos isso como*

obrigação nossa, de mulher". Foram questionadas com "Não viram a vossa mãe a fazer isso?" ao que uma delas respondeu *"Não, isso veio de mim".* (Registos do diário de campo, Anexo 1)

Com o continuar da conversa sobre as tarefas domésticas, compreendemos que algumas das participantes deste grupo parecem atribuir à mulher a função de cuidar do lar, sendo as principais causas para esta desigualdade e educação que os homens tinham ou o facto de eles não se habituarem.

"Na continuação da sessão, a promotora questiona o grupo sobre o porquê de os homens não trabalharem dentro de casa, tentou-se perceber onde estava o problema da não divisão das tarefas domésticas no tempo de casamento das senhoras presentes. Uma das participantes prontamente respondeu "*Eles não se habituam*". "*A mãe deles já os criava assim*" e "*Já vinha de trás".* Durante a sessão ouviram-se frases como: *"O papel da mulher é fundamental, hoje como o mundo está a ficar, já fazem partilha, porque elas também trabalham e têm horário, mas eu ainda considero ser o papel da mulher levantar-se, preparar o pequeno-almoço, levar o almoço, o café…";"Eu considero ser o papel da mulher [o desempenho de tarefas domésticas]; "Ele dizia que o trabalho pesado não é era para as mulheres".* (Registos do diário de campo, Anexo 1)

6.3.2. Poder nas Relações

A par das tarefas domésticas, para abrangermos a esfera privada necessitamos de analisar o poder nas relações, tanto pelos dados dos inquéritos como das entrevistas e das observações. A conjugalidade, o casamento, o papel da mulher nas relações são temas muito presentes no projeto. Assim, devemos perceber a visão dos participantes sobre este assunto de forma a perceber qual a sua opinião no início e no final do projeto. Para isso, foram questionados sobre se numa relação conjugal, um homem e uma mulher têm o mesmo poder de decisão. Assim, a maior parte dos participantes (dezassete deles) acha que o homem e a mulher têm o mesmo poder de decisão, enquanto oito deles discorda.

Tabela 19 – Numa relação conjugal, o homem e a mulher têm o mesmo poder de decisão?

	Frequências	Percentagens
Sim	17	68%
Não	8	32%
Não Sei	0	0%
Total	25	100%

Fonte: Autora

Foi elaborada uma lista com variados domínios de poder de forma a percecionar em que domínios é que cada género parece ter mais poder. Desde logo, devemos salientar a reincidência de escolhas na opção "Ambos", de salientar a compra de casa e de carro, a organização dos tempos livres e as tarefas relacionadas com os filhos. Apesar desta evidência, compreendemos rapidamente uma disparidade entre a escolha de opção "Homem" e a opção "Mulher", as mulheres parecem ter um maior poder de decisão, que na verdade facilmente se pode traduzir numa maior sobrecarga. Ora vejamos, as mulheres têm mais poder de decisão nas compras, por exemplo, isto pode revelar que são as mulheres que se encarregam deste domínio, que acaba por ser uma tarefa doméstica. Quanto aos homens, os domínios onde eles têm mais poder é na gestão das poupanças, com as crianças, e com a compra de casa e carro.

Deste modo, as mulheres quando têm poder de decisão, segundo os participantes do Enxoval, parece relegar-se para as vertentes domésticas e de cuidado, enquanto os homens têm poder em domínios mais gerais, não tão configurados ao lar. Ao encontro disto vai o estudo de Poeschl (2000): a autora defende que "os respondentes percepcionam fortes diferenças na participação habitual dos cônjuges nas actividades familiares: os homens participam significativamente menos no trabalho doméstico do que as mulheres, têm menos peso nas decisões relativas ao lar e aos filhos e mais poder nas decisões relativas ao orçamento e aos lazeres" (p. 711).

Todavia, neste caso, compreendemos que os a organização dos tempos livres e o lazer parece mais percecionado com uma escolha de "Ambos", tendo até a mulher mais poder do que o homem. De realçar também que as decisões relativas aos filhos parece também mais equitativa do que no estudo de Poeschl (2000), mas com uma certa

prevalência para as mulheres. Sobre as compras, Perista (2002) declara que "constata-se um comportamento diferenciado quanto às compras habituais de produtos de consumo corrente (alimentares, de limpeza, etc.) sendo estas geralmente de responsabilidade das mulheres e quanto a compras esporádicas de bens de consumo duradouro, nas quais se assiste a uma participação mais equilibrada de mulheres e homens" (p. 454). Isto vai de encontro com os nossos resultados, uma vez que no domínio das compras para a casa nenhum participante escolheu a opção "Homem", sendo a opção "Mulheres" a mais escolhida. No entanto, a opção "Compra de algum eletrodoméstico para a casa" parece ter mais equidade e dezasseis participantes escolheram a opção "Ambos".

Tabela 20 – Domínios de Decisão

	Homem	Mulher	Ambos
Educação dos Filhos	2	11	12
Escolher o número de filhos desejados	3	5	17
Decisão da escola para os filhos	3	5	17
Gestão das poupanças	4	7	14
Compras para a casa	0	14	11
Compras de vestuário para os próprios e para os filhos	1	14	10
Organização dos tempos livres	1	6	18
Escolha das práticas de lazer – cinema, ida ao teatro, restaurantes, etc…	1	8	16
Compra de uma casa	3	2	20
Compra de um carro	3	3	19
Compra de algum eletrodoméstico para a casa	2	7	16
Total	23	82	170

Fonte: Autora

Na análise das entrevistas ao grupo de jovens parece consensual a ideia de ainda não existir igualdade – alguns referem estereótipos ainda presentes que se referem ao papel da mulher, como o facto de os homens trabalharem e as mulheres ficarem em casa, outros evidenciam a dominação masculina.

"Eu diria que hoje em dia está mais desenvolvido, mas ainda há umas coisas que ficaram para trás. Porque hoje em dia ainda temos aquele estereótipo "Ah eu

quero uma mulher para casar, para criar os meus filhos, para a cozinha”.” (Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos)

“Claro que não, há sempre uma diferença. Os homens, por exemplo, antigamente, iam trabalhar e as mulheres ficavam em casa. (…) Eu acho que não se vê, quer dizer não se vê não… Porque em casa não sabemos. Tipo, eu acho que ainda há muita coisa por mudar.” (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos).

“Não, não! Hmm, eu acho que o homem tem sempre o pensamento de que pode controlar tudo na relação, de “Ai deixa-me ver as tuas mensagens, com quem é que andas a falar, quem é esse ao telefone?” (…) E o que mais me assusta é que eu vejo isso em relações de por exemplo da minha escola básica.” (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos).

“Acho que não existe igualdade. Quer dizer, na maioria não. Tipo nos trabalhos…Há homens que dizem que as mulheres têm de ficar em casa, essas coisas…” (Entrevistado 4, Sexo Masculino, 18 anos).

Recorrendo a registos do diário de campo, mais precisamente no dia 3 de dezembro de 2019, observação número 6, existe referência à questão das relações e do casamento. O grupo de Olo revela algumas descrições acerca do casamento e das suas experiências pessoais sobre as suas vivências no casamento.

“O mote de discussão foi *“Que conselhos davam às raparigas antes de casar?”***.** Ouviram-se algumas frases como: *“A mulher sabe mudar o homem, mas o contrário não”; “O casamento fica pior com os filhos crescidos”; “A vida de casada é bonita se for bem vivida”; “Eu vivia com muita paciência. Se ele dissesse que isto era uma pedra era mesmo uma pedra”; “Não contrariava o meu homem”***; *“Eu casei, fui para França sozinha (sem família) com ele e na primeira semana entendi a ideia dele e vivi com isso. Entendi que ele não gostava de ser contrariado e não o contrariava”.”* (Registo de Observação, Anexo 1).

Nesta parte dos resultados parece pertinente apresentar os dados de outro dos provérbios presentes no inquérito[33], onde os participantes deveriam explicitar o seu grau de concordância com o provérbio em causa. Assim, quando fazemos os participantes percecionarem o que acham sobre a denúncia ou interferência num casal associada a violência conjugal, percebemos que 12 pessoas concordam que exista intervenção de terceiros, contudo 8 pessoas concordam que não deve existir interferência de outras pessoas, maioritariamente participantes do Grupo de Olo e Vila Chã. Esta questão deve continuar a ser tratada nos três grupos, pois todos os grupos podem ser vozes ativas na luta contra a violência doméstica.

Tabela 21 – Grau de concordância com o Provérbio "Entre marido e mulher nunca metas a colher"

		Olo e Vila Chã	Grupo Comunitário	Grupo de Jovens	Total
Grau de concordância do participante	Discordo totalmente	0	4	1	5
	Discordo	1	3	3	7
	Nem concordo nem discordo	1	3	1	5
	Concordo	5	1	0	6
	Concordo totalmente	2	0	0	2
	Total	9	11	5	25

Fonte: Autoria

6.4. Papel da mulher na esfera pública

Passando a analisar os dados sobre as opiniões dos participantes sobre o papel da mulher na esfera pública é relevante debruçarmo-nos sobre as profissões e as representações existentes e também sobre as mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo no papel da mulher na nossa sociedade.

[33] Para o diagnóstico do projeto foram utilizados apenas dados de dois provérbios presentes no inquérito, uma vez que os restantes não foram esclarecedores da opinião dos participantes em outras esferas aqui presentes.

6.4.1. Profissões

Numa resposta de tipo aberta, pedimos aos participantes que enumerassem três profissões que sejam usualmente desempenhadas por mulheres, de forma a compreender que representações sociais estes têm sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho e em que áreas é que as identificam. Assim, compreendemos que as profissões mais enumeradas pelos participantes foram, por ordem, "Empregada Doméstica" e "Empregada de Limpeza", "Professora", "Enfermeira", "Cozinheira", "Cabeleireira", "Secretária", "Educadora de Infância" e "Ama".

No seguimento da questão anterior, surgiu também a curiosidade de percecionar a ausência ou presença da mulher no mercado de trabalho, em variadas profissões. Para isso, elaboramos uma lista de 44 profissões onde pedimos que identificassem se as mulheres estão presentes ou ausentes dessas funções – esta tabela está presente no Anexo 7.

De acordo com a opinião dos inquiridos, as profissões com maior número de respostas na opção "Ausente", isto é, onde as mulheres ainda se encontram sub-representadas, são Presidente da República, Mineira, Piloto, Mecânica, Carpinteira e Eletricista. Por seu turno, todos os participantes inquiridos consideraram que as mulheres estão presentes nas seguintes profissões: médicas, enfermeiras, professoras, farmacêuticas, cozinheiras, escritoras, educadora de infância e cabeleireira. Através destas duas questões conseguimos perceber que, apesar dos participantes já considerarem as mulheres presentes em muitas áreas, quando questionados sobre profissões usualmente associadas a mulheres ainda se remetem para as profissões relacionadas com competências do cuidado, da limpeza e da relação com crianças. Compreendemos, portanto, que as "profissões são elas próprias sexuadas. As mulheres encontram-se maioritariamente em profissões como enfermagem, ensino, relações públicas. Estão em menor número em cargos políticos e dirigentes" (Dias, 2015, p. 79), assim, é importante um trabalho de informação e divulgação de profissões não estereotipadas, sobretudo nas camadas mais jovens do projeto, que se encontram numa fase crucial de desenvolvimento de competências e objetivos.

Ao encontro desta conclusão, temos os dados provenientes das entrevistas. Na entrevista foi também explorada a questão das profissões de forma a indagar, se na

opinião dos participantes mais jovens, existem profissões mais apropriadas para as mulheres. Nesta questão parece existir mais descoincidência de discursos, isto é, uma das participantes parece não identificar profissões típicas de mulheres e até consegue enumerar profissões onde as mulheres são discriminadas, enquanto os restantes entrevistados parecem identificar profissões mais desempenhadas por mulheres.

> *"No futebol as mulheres ainda continuam a receber menos do que os homens… Tem de haver igualdade. Por exemplo, a minha mãe é lixeira e os homens discriminam-na, dizem-lhe que ela não tem força suficiente, que ela não é bem para aquele trabalho, não é mulher suficiente, tem que ter cabedal."* (Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos).

> *"Eu não acho que as mulheres devam ser identificadas, mas acho que por exemplo, acho que cozinheira, mulher das limpezas, as casas de trabalho das meninas, não é?"* (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos).

> *"Hmm, sim. Empregadas de limpeza, é todo um conceito também."* (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos).

> *"Sim, há sim. Por exemplo, secretária."* (Entrevistado 4, Sexo Masculino, 18 anos).

6.4.2. Mudanças no papel da mulher

Quisemos, ainda, auscultar os jovens sobre as principais mudanças que conseguem visualizar no papel da mulher, tendo como ponto comparativo as gerações anteriores, ou seja, das suas mães e das suas avós. Os jovens conseguem identificar algumas mudanças, contudo deixam evidente que as mudanças que ocorreram até aqui, apesar de importantes e estruturadas, não devem ser únicas, ainda há um caminho a percorrer para que se efetive a igualdade de género. Como principais mudanças apontam a questão da democratização da educação para o género feminino, do início da repartição de tarefas domésticas e da maior liberdade das mulheres, fruto de lutas constantes.

> *"Sem dúvida! Por exemplo, até agora nenhuma mulher da minha família, ou seja, nem da parte da mãe nem da parte do pai, foram para a faculdade ainda. Eu e a*

minha irmã vamos ser as primeiras, enquanto o meu tio já foi… vários homens da minha família já foram. Eu e a minha irmã vamos ser as primeiras." (Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos).

"Tal como eu disse houve uma pequena amenização nestes termos, porque ainda há isso, mas houve um bocadinho de mudança. Agora os homens, às vezes, o meu pai faz a comida, quer dizer fazia quando os meus pais estavam juntos, e ajudava a arrumar a casa. Acho que agora ainda está a melhorar…" (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos)

"As mudanças foram mínimas e é isso que me preocupa. Mudanças? Eu acho que ao princípio que quando fazemos as coisas aconteceram isso já é uma mudança. Quando elas foram para a luta e para as ruas isso foi uma mudança com elas." (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos)

"Sim! Por exemplo, a forma de tratar as mulheres ou quando… Acho que ouvi dizer que as mulheres tinham de ficar sempre em casa… Hoje já não é assim. Houve muita mudança, mas não me lembro do ponto mesmo." (Entrevistado 4, Sexo Masculino, 18 anos)

O ENXOVAL pretende potenciar a mudança de comportamentos e consciencializar os seus participantes para a questão do papel da mulher. Com isto, é relevante perceber quais as mudanças que os participantes gostariam de ver na sociedade, para que esta se torne mais justa e equitativa. As respostas diferem, mas todas nos levam a perceber ainda a falta de liberdade, estereótipos vigentes e a problemática do assédio.

"Eu diria que sermos livres… Podermos ir para onde queremos sem ser assediadas, sem nos mandarem piropos, essas coisas assim." (Entrevistada 1, Sexo Feminino, 16 anos)

"A questão de ordenado, infelizmente ainda acontece; a inferiorização por uma mulher não poder trabalhar no que quer, por exemplo, nas obras ou sei lá… Os homens é que são mais fortes… Eu acho que (pausa) Claro que ainda há muito mais, mas são essas." (Entrevistada 2, Sexo Feminino, 13 anos)

"Que fossem mais aceites e mais compreendidas." (Entrevistado 3, Sexo Masculino, 15 anos)

"É essa de igualdade, devia de existir mais. Já mudou, mas não mudou tudo." (Entrevistado 4, Sexo Masculino, 18 anos)

6.5. Diferenças intergeracionais na perceção de estereótipos de género

Tendo em linha de conta o peso da intergeracionalidade no projeto e a intenção de cruzar as diferentes gerações e territórios presentes no Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, o segundo objetivo específico da nossa pesquisa foi o de perceber o impacto da intergeracionalidade na perceção da igualdade e dos estereótipos de género. Desta forma, iremos examinar, com base nos resultados do inquérito aplicado aos três grupos, quais as principais diferenças de resposta em questões estruturantes.

Analisando a questão da igualdade de género e cruzando-se com o grupo a que pertencem, compreendemos que no Grupo de Olo e Vila Chã as opiniões sobre esta matéria dividem-se, isto é, quatro pessoas acham que existe igualdade entre homens e mulheres, enquanto outras quatro acreditam não existir igualdade de género. No Grupo Comunitário, os dados distinguem-se, apenas duas pessoas acreditam existir igualdade entre homens e mulheres, enquanto sete responderam que não existia igualdade. Já no Grupo de Jovens, três jovens acreditam que existe igualdade e dois que não. Em matéria intergeracional, podemos avançar que o grupo mais envelhecido e rural apresenta uma forte divisão de opiniões; o grupo comunitário é aquele onde a questão da desigualdade está mais evidente, enquanto no grupo de jovens, apesar de dividido, existem mais opiniões sobre igualdade do que desigualdade, o que nos confronta com a questão da normalização da desigualdade em gerações mais novas.

Tabela 22 – Opinião dos participantes sobre a existência de igualdade de género, de acordo com o grupo a que pertencem

	Olo e Vila Chã	Grupo Comunitário	Grupo de Jovens	Total
Sim	4	2	3	9
Não	4	7	2	13
Não Sei	1	2	0	3
Total	9	11	5	25

Fonte: Autora

Outra das questões abordadas neste ponto será a das razões da discriminação, importa-nos perceber quais as diferenças geracionais, quando apontam razões para a desigualdade. Assim, no Grupo de Olo e Vila Chã percebemos que as principais desigualdades apontadas recaem no trabalho e no salário – *"As mulheres não ganham tanto como os homens" e "As mulheres trabalham mais do que os homens"* – tal como na questão das relações – "*Nas relações as mulheres muitas vezes têm de se calar"* e *"Os homens saem mais e as mulheres ficam em casa com os filhos."* Estes dois domínios podem ser explicados pela realidade experienciada por este grupo, um grupo que experienciou tempos onde a desigualdade de género e a opressão das mulheres era extrema. No caso do Grupo Comunitário percebemos que, tal como a sua composição, também é o grupo onde existe mais heterogeneidade de opiniões sobre as áreas de discriminação contra as mulheres. Neste grupo, os participantes conseguiram apontar a questão do desporto – *"Dizem que as mulheres não jogam bem futebol",* questões salariais, tarefas domésticas, participação pública e trabalho. Por sua vez, o grupo de jovens concentra no trabalho a desigualdade existente entre homens e mulheres. No seu caso, como ainda se encontram em idade escolar e não frequentaram o mercado de trabalho esta opinião parece provir de experiências familiares ou de rede de próximos.

Tabela 23 – Razões para a discriminação de género, segundo os participantes e o grupo a que pertencem

	Grupo de Olo e Vila Chã	Grupo Comunitário	Grupo de Jovens
As mulheres não ganham tanto como os homens	1	0	0
As mulheres trabalham mais do que os homens – em casa, por exemplo	1	0	0
Dizem que as mulheres não jogam bem futebol	0	1	0
Igualdade salarial	0	0	2
Nas questões salariais, na divisão do trabalho doméstico, na educação dos filhos, na participação pública – política e órgãos de decisão	0	1	0
Nas relações as mulheres muitas vezes têm de se calar	1	0	0
Nas tarefas domésticas	0	1	0
No salário e no setor industrial	0	1	0
No trabalho	0	2	0
Ordenados, profissões, direitos de igualdade em tudo, desporto, etc.	0	1	0
Os homens saem mais e as mulheres ficam em casa com os filhos	1	0	0
Total	4	7	2

Fonte: Autora

Quanto às opiniões sobre quem deve desempenhar as tarefas domésticas, no Grupo de Olo e Vila Chã notamos uma divisão, sendo que 4 participantes acreditam que as tarefas ainda devem ter mais peso para as mulheres do que para os homens. No grupo Comunitário também existem quatro participantes com esta perspetiva, sendo que 3 deles acreditam que os homens também devem participar. No grupo de jovens, a realidade muda, parece que a geração mais nova do projeto vê a dimensão das tarefas domésticas com maior igualdade, os cinco participantes escolheram todos a opção "pelos dois de forma igual".

Tabela 24 – Quem deve desempenhar as tarefas domésticas, segundo os participantes, tendo em conta o seu grupo de pertença

	Grupo de Olo e Vila Chã	Grupo Comunitário	Grupo de Jovens	Total
Mulheres	2	1	0	3
A maior parte por mulheres e as restantes por homens	2	3	0	5
Pelos dois de igual forma	5	7	5	17
Total	9	11	5	25

Fonte: Autora

Posto isto, foram analisadas estas três questões, uma vez que são nestas que mais facilmente conseguimos percecionar estereótipos, do inquérito, sendo que as outras questões podem relacionar-se mais com o tópico das representações sociais. Compreendemos que efetivamente se denotam algumas diferenças geracionais, como seria de esperar. A consciência da desigualdade parece estar mais ativa no Grupo Comunitário do que nos outros dois grupos, sendo que as razões para a desigualdade que parecem prevalecer em cada grupo são resultado das suas expetativas e vivências, que obviamente serão diferentes dado o contexto temporal e social de cada geração. Nas tarefas domésticas percebemos que o Grupo de Jovens se distancia dos outros dois grupos pela sua opinião de que a divisão das tarefas domésticas deve ser igualitária, sendo que o Grupo de Olo e Vila Chã e o Grupo Comunitário têm este estereótipo mais vivo do que o Grupo de Jovens.

6.6. Razões e expetativas da participação no projeto

Como este trabalho tem o foco de medir o impacto do projeto é pertinente que façamos também um diagnóstico do ponto de partida sobre os domínios socioemotivos dos participantes e a sua envolvência no projeto. Para isso, no inquérito elaboramos uma parte, a parte III, denominada de "Participantes do Projeto Enxoval: domínios socioemotivos e envolvência no projeto", com algumas questões de grande utilidade para alcançar esta questão.

Na primeira questão, presente na tabela referente ao Anexo 9, sobre uma espécie de autoavaliação sobre alguns domínios, como a comunicação, a envolvência cívica, ou conseguir trabalhar em grupo, etc, percebemos que, de forma geral, a maioria dos participantes considera ter boas capacidades de comunicação, tal como consegue trabalhar em grupo, acredita nas suas capacidades, e é capaz integrar facilmente pessoas nos grupos a que pertencem. Quanto ao envolvimento em ações públicas e cívicas, a maioria dos participantes parece concordar, contudo esta opção foi a que teve mais respostas discordantes (seis respostas de "discordo" e "discordo totalmente"), deve ser este um dos fatores a ser melhorado e até alterado com a participação no projeto referido. No que refere a interagir com pessoas de outras gerações, esta foi a dimensão que obteve maior concordância – todos os participantes responderam "concordo" ou "concordo totalmente".

As opções mais escolhidas pelos participantes para a sua participação no projeto foram a "sociabilidade e o convívio com outras pessoas" e o "desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação". Quanto ao que os participantes esperam alcançar com a sua participação, as opções com mais respostas assinaladas foram o "envolver-me na comunidade" e "conhecer mais sobre teatro".

Tabela 25 – Razões para a participação no projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

	Frequências	**Percentagens**
Aumentar os meus níveis de participação na comunidade	13	16%
A aprendizagem de conteúdo	13	16%
As competências a nível artístico	8	9,9%
Sociabilidade e o convívio com outras pessoas	23	28,4%
Desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação	18	22,2%
Pelo tema do projeto	5	6,2%
Outra resposta	1	1,2%
Total	81	100%

Fonte: Autora

Tabela 26 – Expetativas dos participantes do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

	Frequências	Percentagens
Tornar-me mais confiante	14	18,7%
Envolver-me na comunidade	17	22,7%
Conhecer mais sobre teatro	19	25,3%
Ficar mais informado/a sobre temáticas de género	13	17,3%
Ganhar mais motivação para participar noutros projetos similares	11	14,7%
Outra resposta	1	1,3%
Total	75%	100%

Fonte: Autora

6.7. Mudanças sentidas com a participação no projeto

Neste último ponto do capítulo dos resultados é essencial percebermos quais as mudanças que alguns participantes já apontam com a sua participação no projeto. Uma vez que este trabalho está diretamente relacionado com a medição de impacto social, na entrevista destinada ao Grupo de Jovens optamos por uma pergunta de reflexão sobre as mudanças sentidas com o projeto nas suas vidas. O Grupo de Jovens é o grupo onde as mudanças se efetivam mais, isto porque foram o primeiro grupo a iniciar trabalho, sendo que já se encontram no projeto desde janeiro de 2019.

As mudanças apontadas são várias e de grande importância pessoal, mas também coletiva. Para além de mudanças a nível de crenças e preconceitos e mudanças relacionadas com características emocionais, os participantes parecem estar mais conscientes para a temática do género, somando ao facto de estarem mais atentos ao seu redor.

> "*A mim fez-me crescer não só de cabeça, de mentalidade, fez-me crescer em vários aspetos… Antes eu era homofóbica, era racista, não gostava de nada que fosse novo, estás a ver? Entre aspas. E depois quando fui, a Maria João, ela abriu-me os olhos, fez-me ver que o que é novo, entre aspas, não é mau. Ou seja, passei a ser ativista, feminista, a ir a marchas do clima, às marchas todas de feminismo, marchas LGBT.*"
> (Entrevistada 1, Sexo F, 16 anos)

> "*Agora, depois disso, tive a liberdade de entrar no basket, depois comecei a usar roupa mais larga e descontraída… Depois também deu-me mais cultura, fiquei a*

saber sobre a maioria das coisas que estão a acontecer." (Entrevistada 2, Sexo F, 13 anos)

"*Uma compreensão! Porque eu antes nem sabia o que é que era a igualdade de género*." (Entrevistado 3, Sexo M, 15 anos)

"*Comunico mais, essa mudei muito, antes era mais tímido e essas coisas."* (Entrevistado 4, Sexo M, 18 anos).

Para concluir, o reflexo que estes jovens fazem sobre o projeto prende-se com a sua evolução em termos humanos. O projeto parece contribuir em grande escala para o bem-estar dos participantes e para aprendizagens imprescindíveis na fase da adolescência.

"*Hmmm, fizeram-me ser uma pessoa melhor. E um ser humano mais compreensível*." (Entrevistada 1, Sexo F, 16 anos)

"*Sim, é que somos todos iguais, independentemente do nosso género*." (Entrevistada 2, Sexo F, 13 anos)

"*Sim, ajudou-me imenso! E quando eu comecei a fazer parte do projeto, quis saber mais e quis ver documentários, já quis tipo ser toda uma desconstrução…*" (Entrevistado 3, Sexo M, 15 anos).

6.8. As Bravas – Histórias das Mulheres que nos Inspiram

Tal como referido no *ponto 3.3.1*. deste relatório, as Bravas são um dos produtos artísticos criados pelo Enxoval de forma a dar conhecimento sobre as histórias de mulheres que se caraterizam por bravura, diferença, coragem, etc. Para além das fanzines produzidas pela artista Clara Não, existe também uma secção das Bravas dedicada a participantes indiretos, pessoas que se cruzem com o Enxoval em diferentes atividades e que queiram deixar escrita a história da sua Brava. Para isso a PELE disponibiliza um diário em folhas avulsas onde os participantes podem escrever a história da mulher que os inspira. Assim, achamos pertinente uma análise a este segmento, de forma a compreender de forma mais abrangente como se define uma

mulher *Brava.* Efetivamente, esta análise não se dedica ao mapeamento das conceções dos participantes diretos sobre o género, contudo contribui diretamente para o terceiro objetivo específico da pesquisa, o de analisar o segmento das "Bravas – as mulheres que nos inspiram" – de forma a compreender que aspetos são apontados às mulheres para que se encaixem no perfil de uma "Brava".

Posto isto, conseguimos perceber que a maioria das mulheres que contaram as suas histórias escolhem a sua mãe como a sua Brava. As figuras das avós e tias também têm influência, nestes casos associadas também a figuras maternais e de cuidado. Surgiram também uma figura política – Maria de Lurdes Pintassilgo, uma neta, uma vizinha e a própria pessoa que contou a história.

Tabela 27 – Figura feminina que mais inspira os participantes

	Frequências	Percentagens
Avó	2	11,8%
Mãe	9	52,9%
Própria	1	5,9%
Figura Política	1	5,9%
Tia	2	11,8%
Neta	1	5,9%
Vizinha	1	5,9%

Fonte: Autora

Passando a analisar as histórias relatadas por quem participou nestas atividades compreendemos a diversidade do que é a representação do que é considerada uma mulher Brava. É possível identificarmos algumas caraterísticas transversais às diferentes histórias. No quadro abaixo passamos a analisar cada caraterística, tal como alguns excertos das histórias das "Bravas – as mulheres que nos inspiram".

Tabela 28 – Caraterização das Bravas

Solidárias	"(…) preferia ajudar os outros durante o ano." "(…) sempre me apoiou." "Ajudou toda a família e amigos. Por mais que a vida lhe tenha dado muitas pancadas tinha "sempre um colinho para dar", um sorriso e uma palavra amiga. "Abdica das suas próprias coisas, tem um espírito de sacrifício muito grande. É uma mulher que dá conselhos, é muito humana, mesmo com todos os seus problemas."
Cuidadoras	**"**Foi a avó que cuidou dele na ausência dos pais." "(…) sempre a apoiou e têm uma relação de mãe e filha. "É como uma mãe."
Resilientes	"Não teve acesso a condições dignas durante a sua infância e adolescência devido à precoce viuvez da sua mãe. Começou a trabalhar cedo para ter alimentos, as idas para a escola eram quase nulas." "Foi uma vida um pouco longa, mas muito sofrida. Valia-lhe o amor incondicional dos filhos."
Lutadoras	"Mariangela lutou pelo seu amor e nos anos 60 casaram-se, sem que o pai dela tivesse aparecido. Hoje a Mariangela e o Biagib fazem quase 60 anos de casados, são pais, avós e bisavós." "Não pôde seguir com os estudos, parou no primeiro ciclo pois precisava de trabalhar na terra. E ela seguiu, servindo o seu marido e lutando: com seus desejos não realizados e contra as muitas violências que sofreu dentro de casa." "(…) a mãe doce brava que tanto lutou para criar treze filhos e ainda lutar contra o mau feitio de um marido, mas também lutador e vencedor das dificuldades da vida"
Trabalhadoras	"A minha mãe era uma grande mulher, trabalhava muito no campo." "(…) elogiavam-lhe a sua capacidade de trabalho."
Inspiradoras	"Uma mulher que refletiu de forma profunda sobre a realidade das mulheres. Ajudou a organizar uma rede de mulheres, contribuindo para fazer os nós dessa rede. Criou a esperança nestes novos feminismos. Esteve antes do tempo nas reflexões sobre as nossas realidades."

Fonte: Autora

Para além desta análise, é importante referir que, ainda sobre este tópico, existiram alguns momentos nas atividades onde os participantes diretos foram questionados sobre quem seriam as mulheres eleitas para ser a *Brava* da vida deles. Assim, torna-se imprescindível revisitar o diário de campo da investigadora e as notas de observação tiradas aquando dessas sessões.

Na sessão de 12 de novembro de 2019, no Centro Local de Animação e Promoção Rural de Vila Chã, iniciou-se essa questão.

> "Os participantes retomaram os seus lugares na roda de cadeiras para serem questionados sobre "*Quem são as mulheres que vos inspiram?".* Aproveitando o exercício anterior era suposto os participantes contarem quem é a mulher que os inspira/inspirou e representarem-na numa estátua, "como seria a estátua da mulher que vos inspira?"." (Registos de Observação, Anexo 1)

Assim, começamos a perceber algumas tendências similares ao referido anteriormente, isto é, os participantes escolheram maioritariamente mulheres que durante a sua vida desempenharam um papel de cuidadora, como as suas mães, pessoas que desempenham papéis de cuidadoras informais ou até cuidadoras formais.

> "A primeira mulher que respondeu à pergunta proposta pela técnica da PELE afirmou que a mulher que a inspira é a mãe, e deu-lhe o cognome da "Guerreira", fazendo uma estátua que representa uma mulher forte que abraçava outras pessoas. Com o decorrer da sessão percebeu-se uma forte dispersão em contar a história sobre a sua Brava, algumas pessoas contaram histórias do seu passado ou situações que não se relacionavam na sua maioria com o que tinha sido perguntado. Outra das mulheres que referiu que a sua mãe também era a mulher que a inspirava e atribuiu-lhe o cognome de "Corajosa". "(Registos de Observação, Anexo 1).

Considerações Finais

Após esta exploração sobre o projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência, abordando a sua génese, os seus participantes, os seus objetivos e processos criativos, importa referir algumas conclusões, que certamente serão úteis para a entidade promotora do projeto, a PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural, assim como para quem realizar a avaliação do projeto, uma vez que propicia o diagnóstico do mesmo, numa fase inicial de dois grupos e numa fase mais intermédia para outro grupo.

A temática do género continua a ser escrutinada por académicos, pela sociedade civil e por entidades importantes a nível do funcionamento da nossa sociedade. É, desta forma, imprescindível que organizações sociais abracem esta temática e explorem os significados existentes sobre a mesma. Como vimos, a desigualdade de género, o sexismo e as variadas formas de estereotipar com base no género têm efeitos vastos, em último nível, efeitos a nível pessoal. As Nações Unidas consideram que quando os estereótipos de género afetem a liberdade individual e os direitos humanos devem ser motivo de preocupação, "A stereotype is harmful when it limits women's or men's capacity to develop their personal abilities, pursue their professional careers and make choices about their lives and life plans. Both hostile/negative or seemingly benign stereotypes can be harmful. It is for example based on the stereotype that women are more nurturing that child rearing responsibilities often fall exclusively on them"[34] (Nações Unidas, 2014).

É assim relevante que o Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência aborde estas temáticas, impactando os seus participantes para que certos comportamentos, crenças e opiniões possam ser alteradas, para que estes jovens, adultos e idosos que participam no projeto possam contribuir para uma sociedade mais justa e igual, sem preconceitos. Segundo a lógica do *"Think globally, act locally",* o projeto parece vir a ter contribuições na temática da igualdade e dos estereótipos de género, partindo de pequenas mudanças em grupos específicos alastrando-se para a nossa sociedade. Nas entrevistas realizadas ao Grupo de Jovens (aqueles que serão os adultos de amanhã),

[34] Informação retirada e disponível para consulta em https://www.ohchr.org/documents/issues/women/wrgs/onepagers/gender_stereotyping.pdf

conseguimos encontrar alguns impactos relevantes não só para a temática do género, mas também para a melhoria de capacidades emocionais e de satisfação pessoal.

Com as entrevistas efetuadas no Grupo de Jovens, conseguimos já avançar com algumas mudanças e impactos do projeto na vida dos quatro jovens entrevistados. Efetivamente, este grupo é aquele que se encontra há mais tempo em atividades no projeto, tendo já feito apresentações da peça #NãoÉNão, participado em ações públicas, entre outras ações.

Algo que seria positivo para este trabalho seria ter alcançado a medição das mudanças e impactos em todos os participantes, mas quer por o Grupo Comunitário e o Grupo de Olo e Vila Chã ainda ter, à data da recolha de dados, uma participação mais reduzida comparativamente ao Grupo de Jovens, quer por condicionantes resultantes da pandemia da COVID-19, apenas foi possível entrevistar quatro jovens. Todavia, pensámos que as mudanças enumeradas pelos mesmos podem ser transversais a todos os participantes. Os jovens entrevistados revelaram ter "crescido", eliminado estereótipos e preconceitos, aumentado a sua participação em ações cívicas, ficado mais cultos, mais informados sobre a igualdade de género e desenvolvido capacidades de comunicação.

Na área da igualdade de género, na generalidade, parece-nos importante que o projeto continue o seu trabalho de consciencialização e desconstrução de certos comportamentos que não podem ser normalizados, para que no final do projeto mais pessoas consigam identificar a questão da desigualdade de género. Quanto às práticas discriminatórias, a lógica deve ser a mesma. Porém, devemos ter em conta que as práticas discriminatórias, ou as áreas onde ainda não existe igualdade de género, identificadas pelos participantes que estão conscientes para a questão da desigualdade de género, são bastante abrangentes e atuais. Os mais jovens conseguem identificar medidas a efetivar para que a igualdade de género se atinja, o que revela já um impacto do projeto. Tais medidas recaem sobre a representatividade das mulheres na política, mais concretamente na figura de uma Presidente da República, na questão da igualdade salarial, na importância da disciplina de Educação para a Cidadania na Escola e ainda pela participação pública em manifestações. Dada a idade dos jovens, parecem-nos medidas bastante pensadas e conscientes sobre esta matéria. O ENXOVAL está,

portanto, a criar espaços de reflexão sobre a igualdade de género através das suas atividades com os seus participantes.

Os estereótipos de género, área onde o projeto pretende intervir, desconstruíndo muitos dos preconceitos estabelecidos para mulheres e homens, revelam-se uma área com mais nuances. Isto é, os mais jovens parecem ter alguma dificuldade na perceção do que é um estereótipo; conseguem exemplificar estereótipos, todavia deve haver um investimento em sessões futuras na desconstrução desta palavra para que mais conhecimento sobre a temática seja gerado.

Dentro da temática dos estereótipos, existiu uma abordagem às representações sociais dos participantes sobre a esfera privada e pública, percecionando-se simultaneamente a existência de estereótipos mais encobertos. Nas tarefas domésticas, área com bastante presença no projeto, durante as sessões com os participantes compreendemos que, apesar de a maioria acreditar na igualdade de repartição de tarefas, ainda existem participantes que acreditam que devem ser as mulheres (integralmente ou maioritariamente) a desempenhar as mesmas. Quando analisamos uma lista com várias tarefas compreendemos que os participantes são apologistas da igualdade, contudo as tarefas ainda continuam a ser feminizadas, isto é, tarefas domésticas que necessitem de limpeza, cuidado e muito tempo despendido ainda são mais associadas às mulheres do que aos homens.

Nas relações conjugais, num padrão heterossexual, os participantes, na maioria, acreditam existir igualdade entre homens e mulheres. No entanto, nas entrevistas aos jovens eles revelam que ainda há desigualdades em termos da dominância, tendo muito presente o que ocorria no passado com as mulheres, ao serem remetidas ao lar enquanto os homens trabalhavam. Trata-se de um tema que deve continuar a ser explorado e desbravado, tendo em conta os crimes cometidos contra mulheres dentro das relações de intimidade.

Na esfera pública, os participantes acreditam que as mulheres já estão representadas em muitas profissões, excetuando-se aquelas mais ligadas à política ou a funções de maior força física – “Mecânica” ou “Carpinteira”, por exemplo. Em profissões com maior grau de instrução parece não haver sub-representação, como o caso de “Médica”, “Enfermeira”, “Farmacêutica”, nas quais todos os participantes acham que as mulheres estão presentes. Contudo, quando questionados diretamente sobre a

temática das profissões, os participantes do Enxoval parecem conhecer profissões mais restritas, dando grande ênfase a profissões como "Empregada Doméstica" ou "Empregada de Limpeza", "Secretária", Professora" ou "Cozinheira". Assim, permite-nos avançar com uma proposta de divulgação de profissões não tão conhecidas e a sucessiva apresentação de mulheres que as desempenham, inspirando os participantes na perceção de que os estereótipos de género não devem influenciar a sua vocação profissional, isto pensando mais estritamente no Grupo de Jovens, mas também de forma geral, para os restantes grupos.

Assim, os objetivos, tanto o geral como os específicos, foram devidamente explorados e chegamos a várias conclusões. O objetivo geral de compreender as representações sociais dos participantes do Enxoval sobre o papel da mulher de forma a elaborar o diagnóstico do projeto foi estabelecido durante o capítulo 6. Passando para os objetivos mais específicos, surge a necessidade de identificar os principais estereótipos e desigualdades relativamente ao género descritos pelos participantes do Enxoval. Neste âmbito, os participantes identificam estereótipos/práticas discriminatórias relacionados com os salários, as relações conjugais, no trabalho, nas tarefas domésticas, no desporto e participação pública; o grupo de jovens identifica sobretudo estereótipos relacionados com as raparigas, especificamente com o corpo, a forma de vestir e a prática de atividades desportivas (associadas à expressão *Maria Rapaz*) e aos rapazes, com a pressão exercida para que se insiram no padrão masculino, reprimindo emoções, por exemplo.

O nosso segundo objetivo, nomeadamente o de perceber o impacto da intergeracionalidade na perceção da igualdade e dos estereótipos de género, foi analisado e concluímos que existem tendências que nos demonstram que a geração tem impacto na perceção de estereótipos de género. O Grupo Comunitário, grupo intergeracional, com prevalência de participantes em idade adulta, é o grupo onde a questão da desigualdade de género está mais presente. Por sua vez, nas práticas discriminatórias/razões para a desigualdade assistimos a diferenças intergeracionais, isto porque o Grupo de Olo e Vila Chã (integralmente feminino e mais envelhecido) parece apontar para a questão do salário, do maior trabalho das mulheres e das relações conjugais (as mulheres terem de se calar ou de ficar em casa com os filhos) como as principais razões de desigualdade. Por seu turno, no Grupo Comunitário, as razões

recaem sobre o desporto, o salário, as tarefas domésticas, a participação pública e o trabalho, revelando-se assim mais diversificado, tal como os seus participantes. O Grupo de Jovens apontou razões referentes à igualdade salarial. Para terminar este ponto, na temática das tarefas domésticas compreendemos que a geração também parece ter impacto, pois todos os participantes do Grupo de Jovens acreditam que a divisão das tarefas domésticas deve ser repartida de igual forma, enquanto os outros grupos se dividem nesta questão.

O último objetivo prendia-se com o facto de analisar o segmento das "Bravas – as mulheres que nos inspiram", de forma a compreender que aspetos são apontados às mulheres para que se encaixem no perfil de uma "Brava". Com base nos registos da PELE efetuamos uma análise às histórias, e principalmente às características das Bravas, agrupando-as em características comuns. Assim, para quem participou nesta atividade do projeto (participantes indiretos), as Bravas caraterizam-se essencialmente por serem solidárias, cuidadoras, resilientes, lutadoras, trabalhadoras e inspiradoras. Esta secção do projeto revela-se extremamente importante na valorização e visibilização do legado feminino, revelando mulheres que se encontravam invisíveis.

Para concluir, é fundamental referirmos a importância de um projeto como o ENXOVAL, tanto pela sua vertente inclusiva e democrática, de cariz cultural e artístico – abrindo *novas janelas* a quem o frequenta, como pelo trabalho em temáticas tão atuais e basilares para a igualdade e a construção de cidadania.

Referências Bibliográficas

Alvarez, T., Vieira, C. C. (2014). O papel da educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de género: breves reflexões. *Exedra*, 8-17. Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7128/1/sup14-8-17.pdf

Amâncio, L. (1992). As assimetrias nas representações do género. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 34*, 9-22. Disponível em https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/34/Ligia%20Amancio%20-%20As%20Assimetrias%20nas%20Representacoes%20do%20Genero.pdf

Amâncio, L. (1993). Género – Representações e Identidades. Sociologia – *Problemas e Práticas, 14*, 127-140. Disponível em https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/909/1/8.pdf

Amâncio, L. (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social, vol. XXXVIII(168)*, 687-714. Disponível em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791078B9rDE5id4Po89MU8.pdf

Araújo, M. F. (2005). Diferença e Igualdade nas Relações de Gênero: Revisitando o Debate. *Psicologia Clínica, 17(2)*, 41-52. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a04.pdf

Ayres, M. M., Friedman C. K., Leaper, C. (2009). Individual and situational factors related to young women's likelihood of confronting sexism in their everyday lives. *Sex Roles, 61*, 449-460. Disponível em https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2749931/

Barrett, L. F., Bliss-Moreau, E. (2009). She´s emotional. He's having a bad day: attributional explanations for emotion stereotypes. *American Psychological Association, 9 (4)*, 649-658. Disponível em https://psycnet.apa.org/record/2009-17981-006

Campos, F. N., Panúncio-Pinto, M. P., & Saeki, T. (2014). Teatro do oprimido: Um teatro das emergências sociais e do conhecimento coletivo. *Psicologia e Sociedade, 26(3*), 552–561. Disponível em

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102718220140003 00004&lang=pt

Carvalho, J. B., Melo, M. C. (2019). A família e os papeis de gênero na adolescência. *Psicologia e Sociedade, 31,* 1-15. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822019000100238&script=sci_arttext

Castillo-Mayén, R., Montes-Berges, B. (2014). Analysis of current gender stereotypes. *Anales de psicología, 30(3)*, 1044-1060. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/267617954_Analysis_of_current_gender_stereotypes

Charities Aid Foundation. (2012). *Um Guia para o Retorno Social* [PDF]. Disponível em https://idis.org.br/wp-content/uploads/2016/09/GUIA_SROI_PT_2.pdf

CITE. (2016). Disparidades salariais entre homens e mulheres em Portugal. Disponível em http://cite.gov.pt/pt/acite/disparidadessalariais_05.html

Comissão Para a Cidadania e Igualdade de Género. (2017). Igualdade de Género em Portugal – Indicadores-chave em 2017. Disponível em https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/AF_CIG_FactSheet.pdf

Comissão Para a Cidadania e Igualdade de Género. (2018). Portugal Mais Igual. Disponível em https://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/portugal-mais-igual/

Commission on the Status of Women. (2012). Engaging young women and men, girls, and boys, to advance gender equality. Disponível em https://www.un.org/womenwatch/daw/csw/csw56/panels/panel5-moderators-summary.pdf

Comunidade Cultura e Arte. (2019). "As Bravas": a fanzine que mostra relatos de mulheres anónimas, heroínas, que lutam no dia a dia. Disponível em https://www.comunidadeculturaearte.com/as-bravas-a-fanzine-que-mostra-relatos-de-mulheres-anonimas-heroinas-que-lutam-no-dia-a-dia/

Dias, I. (2007). Família e trabalho feminino: o género das desigualdades. *Ex aequo, 15*, 149-166. Disponível em https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/familia-e-trabalho-feminino

Dias, I. (2015). *Sociologia da Família e do Género.* Lisboa: PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação

Duveen, G. (1993). The development of social representations of gender. *Papers on Social Representations, 2 (3),* 1-7. Disponível em http://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/140/105

EIGE. (2019). Gender Equality Index. Disponível em https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/domain/time/PT

EIGE. (2019). Gender Equality Index. Disponível em https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2019/domain/work/PT

El País. (2019). Nos livros, elas são "lindas" e "encantadoras". Eles são "corajosos" e "racionais". Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/tecnologia/1567094920_557887.html

El País. (2019). O feminismo que nasceu com Simone Beauvoir. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/cultura/1562337766_757567.html

Ferreira, J., G. (2012). A Utilização do Fanzine no Processo de Comunicação Participativa. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, pp. 1-10. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1516-1.pdf

Ghiglion, R., Matalon, B. (2005). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora

Glick, P., Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist, 56(2),* 109-118. Disponível em https://psycnet.apa.org/record/2001-00159-001

Gulbenkian. (2019). Práticas Artísticas para a Inclusão Social. Disponível em https://gulbenkian.pt/programas/programa-gulbenkian-coesao-e-integracao-social/inovacao-e-investimento-social/partis/

History. (2018). I Was There: The 1968 Miss America Pageant Protest. Disponível em https://www.history.com/news/miss-america-protests-1968

History. (2019). Seneca Falls Convention begins. Disponível em https://www.history.com/this-day-in-history/seneca-falls-convention-begins

INE. (2020). Portal do INE. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0009074&contexto=bd&selTab=tab2

Lessard-Hebert, M., Goyette, G., Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas.* Lisboa: INSTITUTO PIAGET

Lolatto, S., Lisboa, T. K. (2017). Mulheres nos Espaços de Poder – desconstruindo a esfera publica como território masculino. *Seminário Internacional Fazendo Género*. Disponível em http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1526555762_ARQUIVO_ST142-mulheresnosespacosdepoder-SimoneLolattoeTeresaKleba.pdf

Maciel, D. (2010). Género na sociologia portuguesa. *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Working Paper nº 62*. Disponível em https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1914/1/CIES-WP92%20Maciel.pdf

Magalhães, H. (1993). *O que é fanzine*. São Paulo: Editora Brasiliense

Martinez, C., Paterna-Bleda, C. (2013). Masculinity ideology and gender equality: considering neosexism. *Anales de psicología, 29(2)*, 558-564. Disponível em https://revistas.um.es/analesps/article/view/analesps.29.2.141311

MEXE, Encontro Internacional de Arte e Comunidade. (ND). Disponível em https://www.mexe.org.pt/pt/#mexe

Mills, M. J., Culberston, S. S., Huffman, A. H., Connell, A. R. (2012). Assessing gender biases: Development and initial validation of the gender role stereotypes scale. Gender in Management: An International Journal, vol. 27, nº8, 420-540.

Disponível em https://www.researchgate.net/publication/260087469_Assessing_gender_biases_Development_and_initial_validation_of_the_gender_role_stereotypes_scale

Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P., Castro, P. A. (2017). A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Atas CIAIQ 2017 Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, vol. 3*, pp. 724- 733.

Nações Unidas. (2014). Gender stereotypes and Stereotyping and women's rights. Disponível em https://www.ohchr.org/documents/issues/women/wrgs/onepagers/gender_stereotyping.pdf

Nações Unidas. (2020). Tackling Social Norms: a game changer for gender inequalities. Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hd_perspectives_gsni.pdf

Neves, S. (2015). Pode o género não ser feminista? In A. Torres, H. Sant'ana, D. Maciel (Eds), *Estudos de Género numa Perspetiva Interdisciplinar* (pp. 37-49). Lisboa: Mundos Sociais.

Ni Una Menos. (2017). Carta Orgánica. Disponível em http://niunamenos.org.ar/quienes-somos/carta-organica/

Nogueira, C., Saavedra, L. (2007). Estereótipos de género: conhecer para transformar. In *A Dimensão de Género nos Produtos Educativos Multimédia*, 11-30. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Nogueira, M. C. O. C. (2006). Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *9(2),* 57-72. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3959/4/os%20discursos%20das%20mulheres%20em%20posi%c3%a7%c3%b5es%20de%20poder.pdf

Página do Facebook da PELE. (ND) Disponível em https://www.facebook.com/EnxovalPele/videos/3197601970252295/

PELE, Espaço de Contacto Social e Cultural. (2020). As Bravas. Disponível em https://www.apele.org/asbravas

PELE, Espaço de Contacto Social e Cultural. (2020). Disponível em https://www.apele.org/

PELE, Espaço de Contacto Social e Cultural. (2020). Laboratório de Arte e Cidadania. Disponível em https://www.apele.org/laboratorioartecidadania

Pereira, M. E. (2015). Fighting the ghosts: o feminismo e a luta das mulheres. *XVI Diálogos da Educação sob o tema Mulheres: Cidadania, Educação, Trabalho*, 1-15. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/46290/1/Fighting%20the%20ghosts.pdf

Peretz, H. (1995). *Métodos em Sociologia*. Lisboa: Temas e Debates.

Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social, XXXVII (163***),** 447-474. Disponível em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218732780P9jPM6nt5Ik17YP4.pdf

Pinto, T. (2015). Guião de educação, género e cidadania 3º ciclo. *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género*. Disponível em https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2016/07/3Ciclo_Versao_Digital_FinalR.pdf

Poeschl, C., Múrias, C., Costa, E., Silva, A. (2001). Representações das tarefas familiares. *Cadernos de Consulta Psicológica, 17 (18)*, 161-170. Disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14838/2/82670.pdf

Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normas e ideais. *Análise Social, XXXV (156),* 695-719. Disponível em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218812092Y3lVG3nf2Ha50NS4.pdf

Público. (2018). O enxoval, ou o destino numa arca. Disponível em https://www.publico.pt/2018/08/11/culturaipsilon/noticia/o-enxoval-ou-sonho-e-o-pesadelo-do-destino-numa-arca-1840617

Público. (2019). Fanzines, teatro e um bordado coletivo para falar de "bravas" inspiradoras. Disponível em

https://www.publico.pt/2019/09/14/local/noticia/bravas-inspiradoras-coleccao-fanzines-teatro-bordado-colectivo-1886525

Público. (2019). Metas para a igualdade de género não vão ser atingidas até 2030, defende estudo. Disponível em https://www.publico.pt/2019/06/04/p3/noticia/metas-para-a-igualdade-de-genero-nao-vao-ser-atingidas-ate-2030-defende-estudo-1875234

Quivy, R., Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações.

Rampton, M. (2015). Four waves of feminism. Disponível em https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade, 20 (2),* 71-99. Disponível em https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667.%20ISSN%202175-6236

Soundcloud. (2019). Ana, a Brava. Disponível em https://soundcloud.com/user-2727165/ana-a-brava

Soundcloud. (2020). Rosalina, a Sonhadora. Disponível em https://soundcloud.com/user-2727165/rosalina-a-sonhadora

Tavares, M. M. P. F. (2008). *Feminismos em Portugal (1947-2007)* (Tese de Doutoramento, Universidade Aberta). Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf

Anexos

Anexo 1 – Grelhas de Observação das Atividades do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência[35]

Atividade Bordado Coletivo

Nome da atividade	
Data	
Local	
Hora de início da observação	
Descrição do local	
Contextualização da ação	
Participação nas atividades propostas	
Papel da investigadora	
Promotoras do projeto	
Hora de término	

[35] Dada a dimensão das Grelhas de Observação dos Registos de Observação das atividades foi deixado o documento completo no seguinte *link* https://uporto-my.sharepoint.com/:w:/g/personal/up201506466_ms_uporto_pt/EUIRdRpjcalLnHP9gW_vY_0BUuMwAPRDkiervVqqNv28ig?e=zuYQ0i

Atividade ARCAs

Nome da atividade	
Data	
Local	
Hora de início da observação	
Número de participantes presentes	
Contextualização da ação	
Atividades desenvolvidas (artísticas ou não artísticas)	
Participação dos participantes nas atividades propostas	
Atividades diretamente ligadas às questões de género	
Papel da investigadora	
Promotoras do projeto	
Hora de término da observação	

Anexo 2 – Inquéritos aplicados aos participantes do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO APLICADO AO GRUPO DE OLO E VILA CHÃ

O Enxoval – diagnóstico de um projeto de intervenção ao nível dos papéis de género

Grupo de Olo e Vila Chã

Número do Inquérito:_____

Data:_____

O presente inquérito tem por objetivo contribuir para a avaliação do projeto Enxoval – Espaço e Tempo de Resistência e integra-se no estágio curricular que a investigadora está a realizar no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais, pelo que se agradece, desde já, a sua colaboração.

I – Caraterização Sociodemográfica

1. **Idade**: _____
2. **Sexo**: _____
3. **Qual é o seu estado civil?**
   - ☐ Solteiro/a
   - ☐ Casado/a
   - ☐ Viúvo/a
   - ☐ Divorciado/a
   - ☐ Separado/a
   - ☐ União de Facto
4. **Qual é a sua área de residência?**
   - Concelho_____

- Freguesia_____

5. **Quantas pessoas fazem parte do seu agregado doméstico atualmente?**_____
6. **Identifique as pessoas que fazem parte do seu agregado doméstico**_____
7. **Quantas pessoas faziam parte do seu agregado doméstico na sua família de origem (na casa dos seus pais)?** _____
8. **Identifique quem eram essas pessoas**

   _____
9. **Tem filhos?**
   - ☐ Sim
   - ☐ Não
10. **Se respondeu "sim", quantos?**_____
11. **Criou os seus filhos com a ajuda de alguém?**
    - ☐ Sim
    - ☐ Não
12. **Se sim, indique quem é que a ajudou.**
    - ☐ Cônjuge
    - ☐ Mãe/Sogra
    - ☐ Irmãs/Tias/Primas
    - ☐ Vizinhas/Amigas
    - ☐ Outra situação

      Qual? _____
13. **Qual é a sua escolaridade?**
    - ☐ Não sabe ler nem escrever
    - ☐ Sabe ler e escrever sem grau de ensino
    - ☐ 1º,2º,3º ou 4º ano – Antiga instrução primária ou 1º ciclo
    - ☐ 5º ou 6º ano – Antigo ciclo preparatório ou 2º ciclo
    - ☐ 7º, 8º ou 9º ano – 3º Ciclo
    - ☐ 10º, 11º ou 12º - Ensino secundário

- ☐ Ensino pós-secundário – cursos de especialização tecnológica
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

14. Atualmente, qual a sua condição perante o trabalho?

- ☐ Empregado/a
- ☐ Desempregado/a
- ☐ Reformado/a
- ☐ Estudante
- ☐ Doméstico/a

15. No caso de estar "Empregado/a", qual é a sua profissão?

_____

16. No caso de ter respondido "Reformado/a" ou "Desempregado/a", qual a sua última profissão?

_____

II – Representações sobre a igualdade de género e os estereótipos de género

1. **Na sua opinião, existe igualdade entre homens e mulheres?**
   - ☐ Sim
   - ☐ Não
   - ☐ Não sei
2. **Se respondeu "Não", refira um exemplo em que considera não existir igualdade entre homens e mulheres**_____

   _____

   _____

   _____
3. **Indique por quem é que tarefas domésticas devem ser desempenhadas? Assinale a sua resposta com um X.**
   - ☐ Homens

- ☐ Mulheres
- ☐ A maior parte das tarefas por mulheres e as restantes por homens
- ☐ A maior parte das tarefas por homens e as restantes por mulheres
- ☐ Pelos dois de forma igual

4. **No seu agregado doméstico, quem desempenha as tarefas domésticas? Assinale a sua resposta com um X.**
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por mulheres
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por homens
   - ☐ As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por mulheres, os homens ajudam em minoria
   - ☐ As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por homens, as mulheres ajudam em minoria
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas de forma igualmente dividida entre homens e mulheres
5. **Na lista de tarefas de seguida apresentada, indique quem, na sua opinião, as deve desempenhar. Assinale a sua resposta com um X.**

Tarefas	Homem	Mulher	Ambos
Preparação de refeições			
Pôr a mesa			
Limpar a casa – limpar o pó, aspirar			
Lavar a louça			
Lavar, passar a arrumar a roupa			
Fazer as compras para a casa			
Pagamento das contas e outros assuntos administrativos			
Cortar a lenha			
Levar o filho à escola ou a atividades extracurriculares			
Arranjar um eletrodoméstico estragado			
Cuidar do filho/a doente			
Brincar com as crianças			

6. **Indique três profissões usualmente desempenhadas por mulheres**

   _____

   _____

   _____

7. **Na lista de profissões de seguida apresentada, indique aquelas em que na sua opinião as mulheres estão mais presentes ou ausentes. Assinale a sua resposta com um X.**

Profissão	**Presente**	**Ausente**
Presidente da República		
Ministra		
Secretárias de Estado		
Médica		
Enfermeira		
Farmacêutica		
Professora		
Auxiliar educativa		
Cozinheira		
Mineira		
Hospedeira		
Cientista		
Piloto		
Juíza		
Advogada		
Mecânica		
Carpinteira		
Economista		
Escritora		
Motorista de autocarros		
Polícia		
Sargento		

Oficial		
Diretoras de Empresas		
Gestoras		
Atriz		
Engenheira		
Jornalista		
Agricultora		
Técnica de Informática		
Empregada de Balcão		
Bombeira		
Fotógrafa		
Jogadora de futebol		
Bancária		
Contabilista		
Educadora de Infância		
Artista		
Cabeleireira		
Eletricista		
Arquiteta		
Taxista		
Secretária		
Costureira		

8. **Numa relação conjugal, o homem e a mulher têm o mesmo poder de decisão?**
   - ☐ Sim
   - ☐ Não
   - ☐ Não Sei
9. **Indique na seguinte tabela quem tem mais poder em cada um dos domínios apresentados na tabela em baixo. Assinale com um X.**

Domínios	Homem	Mulher	Ambos
Educação dos filhos			
Escolher o número de filhos desejados			
Decisão da escola para os filhos			
Gestão das poupanças			
Compras para a casa			
Compras de vestuário para os próprios e para os filhos			
Organização dos tempos livres			
Escolha das práticas de lazer – cinema, ida ao teatro, restaurantes, etc…			
Compra de uma casa			
Compra de um carro			
Compra de algum eletrodoméstico para a casa			

10. Expresse o seu grau de concordância ou discordância acerca dos provérbios apresentados na tabela em baixo. Assinale a sua resposta com um X.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
A casa é das mulheres e a rua é dos homens					
Entre marido e mulher nunca metas a colher					
Homem tendo mulher feia tem a fama segura					
Não há nada como uma mulher para fazer do homem quanto quer					

O que o marido proíbe a mulher o quer					
Não é brava a mulher que cabe em casa.					
Mulher honrada não tem ouvidos nem olhos.					
Um homem não chora.					
Onde canta galo não canta galinha.					

11. Tem conhecimento de outros provérbios populares desta temática? Quais?

_____

_____

_____

III – Participantes do Projeto Enxoval: domínios socio emotivos e envolvência no projeto

1. Expresse o seu grau de concordância ou discordância relativamente às situações apresentadas na tabela em baixo. Assinale a sua resposta com um X.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Tenho boas capacidades de comunicação					
Consigo trabalhar em grupo					
Acredito nas minhas capacidades					

Tenho por hábito envolver-me em ações públicas ou cívicas, (exemplo: manifestações, votar, participar em coletividades ou associações)					
Consigo integrar facilmente pessoas num grupo					
No meu dia-a-dia interajo com pessoas de outras gerações					

2. **Indique quais são as três principais razões para a sua participação no projeto Enxoval.**

   - ☐ Aumentar os meus níveis de participação na comunidade
   - ☐ A aprendizagem de conteúdos
   - ☐ As competências a nível artístico
   - ☐ Sociabilidade e o convívio com outras pessoas
   - ☐ Desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação
   - ☐ Pelo tema do projeto
   - ☐ Outra resposta

     Qual?_____

3. **O que espera alcançar com a sua participação neste projeto?**

   - ☐ Tornar-me mais confiante
   - ☐ Envolver-me na comunidade
   - ☐ Conhecer mais sobre teatro
   - ☐ Ficar mais informado/a sobre as temáticas de género
   - ☐ Ganhar mais motivação para participar noutros projetos similares
   - ☐ Outra resposta
   - ☐ Qual?_____

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO APLICADO AO GRUPO DE JOVENS

O Enxoval – diagnóstico de um projeto de intervenção ao nível dos papéis de género

Grupo de Jovens – Porto

Número do Inquérito:_____

Data:_____

O presente inquérito tem por objetivo contribuir para a avaliação do projeto Enxoval – Espaço e Tempo de Resistência e integra-se no estágio curricular que a investigadora está a realizar no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais, pelo que se agradece, desde já, a sua colaboração.

I – Caraterização Sociodemográfica

1. **Idade**:_____
2. **Sexo**:_____
3. **Qual é o teu estado civil?**
   - ☐ Solteiro/a
   - ☐ Casado/a
   - ☐ Viúvo/a
   - ☐ Divorciado/a
   - ☐ Separado/a
   - ☐ União de Facto
4. **Qual é a tua área de residência?**
   - Concelho_____
   - Freguesia_____
5. **Quantas pessoas fazem parte do teu agregado doméstico atualmente**?_____

6. **Identifica as pessoas que fazem parte do teu agregado doméstico**_____
7. **Qual o ano escolar que frequentas?** _____
8. **Qual a condição perante o trabalho do(s) teu(s) encarregado(s) de educação?**
   - ☐ Empregado/a
   - ☐ Desempregado/a
   - ☐ Reformado/a
   - ☐ Estudante
   - ☐ Doméstico/a
   - ☐ Outra

     Qual? _____
9. **Qual a profissão do(s) teu(s) encarregado(s) de educação?**

   _____

   _____

II – Representações sobre a igualdade de género e os estereótipos de género

1. **Na tua opinião, existe igualdade entre homens e mulheres?**
   - ☐ Sim
   - ☐ Não
   - ☐ Não Sei
2. **Se respondeste "Não", refere um exemplo em que achas que não existe igualdade entre homens e mulheres**

   _____

   _____

   _____
3. **4Indica por quem é que tarefas domésticas devem ser desempenhadas. Assinala a tua resposta com um X.**
   - ☐ Homens
   - ☐ Mulheres

- ☐ A maior parte das tarefas por mulheres e as restantes por homens
- ☐ A maior parte das tarefas por homens e as restantes por mulheres
- ☐ Pelos dois de forma igual

4. **No teu agregado doméstico, quem desempenha as tarefas domésticas? Assinala a tua resposta com um X.**
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por mulheres
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por homens
   - ☐ As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por mulheres, os homens ajudam em minoria
   - ☐ As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por homens, as mulheres ajudam em minoria
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas de forma igualmente dividida entre homens e mulheres
5. **Na lista de tarefas de seguida apresentada, indica quem, na tua opinião, as deve desempenhar. Assinala a tua resposta com um X.**

Tarefas	Homem	Mulher	Ambos
Preparação de refeições			
Pôr a mesa			
Limpar a casa – limpar o pó, aspirar			
Lavar a louça			
Lavar, passar a arrumar a roupa			
Fazer as compras para a casa			
Pagamento das contas e outros assuntos administrativos			
Cortar a lenha			
Levar o filho à escola ou a atividades extracurriculares			
Arranjar um eletrodoméstico estragado			
Cuidar do filho/a doente			
Brincar com as crianças			

6. **Indica três profissões usualmente desempenhadas por mulheres**

   _____

   _____

   _____

7. **Na lista de profissões de seguida apresentada, indica aquelas em que na tua opinião as mulheres estão mais presentes ou ausentes. Assinala a tua resposta com um X.**

Profissão	**Presente**	**Ausente**
Presidente da República		
Ministra		
Secretárias de Estado		
Médica		
Enfermeira		
Farmacêutica		
Professora		
Auxiliar educativa		
Cozinheira		
Mineira		
Hospedeira		
Cientista		
Piloto		
Juíza		
Advogada		
Mecânica		
Carpinteira		
Economista		
Escritora		
Motorista de autocarros		
Polícia		
Sargento		

Oficial		
Diretoras de Empresas		
Gestoras		
Atriz		
Engenheira		
Jornalista		
Agricultora		
Técnica de Informática		
Empregada de Balcão		
Bombeira		
Fotógrafa		
Jogadora de futebol		
Bancária		
Contabilista		
Educadora de Infância		
Artista		
Cabeleireira		
Eletricista		
Arquiteta		
Taxista		
Secretária		
Costureira		

8. **Numa relação conjugal, o homem e a mulher têm o mesmo poder de decisão?**
   - ☐ Sim
   - ☐ Não
   - ☐ Não Sei
9. **Indica na seguinte tabela quem tem mais poder em cada um dos domínios apresentados. Assinala com um X.**

Domínios	Homem	Mulher	Ambos
Educação dos filhos			
Escolher o número de filhos desejados			
Decisão da escola para os filhos			
Gestão das poupanças			
Compras para a casa			
Compras de vestuário para os próprios e para os filhos			
Organização dos tempos livres			
Escolha das práticas de lazer – cinema, idas ao teatro, a restaurantes, etc…			
Compra de uma casa			
Compra de um carro			
Compra de algum eletrodoméstico para a casa			

10. Expressa o teu grau de concordância ou discordância acerca dos provérbios apresentados na tabela em baixo. Assinala a tua resposta com um X.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
A casa é das mulheres e a rua é dos homens					
Entre marido e mulher nunca metas a colher					
Homem tendo mulher feia tem a fama segura					
Não há nada como uma mulher para fazer do homem quanto quer					

O que o marido proíbe a mulher o quer					
Não é brava a mulher que cabe em casa.					
Mulher honrada não tem ouvidos nem olhos.					
Um homem não chora.					
Onde canta galo não canta galinha.					

11. Tens conhecimento de outros provérbios populares sobre esta temática? Quais?

_____

_____

_____

III – Participantes do Enxoval: domínios socio emotivos e envolvência no projeto

1. Expressa o teu grau de concordância ou discordância relativamente às situações apresentadas na tabela em baixo. Assinala a tua resposta com um X.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Tenho boas capacidades de comunicação					
Consigo trabalhar em grupo					

Acredito nas minhas capacidades					
Tenho por hábito envolver-me em ações públicas ou cívicas, (exemplo: manifestações, votar, participar em coletividades ou associações)					
Consigo integrar facilmente pessoas num grupo					
No meu dia-a-dia interajo com pessoas de outras gerações					

2. **Indica quais são as três principais razões para a tua participação no projeto Enxoval.**

   - ☐ Aumentar os meus níveis de participação na comunidade
   - ☐ A aprendizagem de conteúdo
   - ☐ As competências a nível artística
   - ☐ Sociabilidade e o convívio com outras pessoas
   - ☐ Desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação
   - ☐ Pelo tema do projeto
   - ☐ Outra resposta

     Qual?_____

3. **O que esperas alcançar com a tua participação neste projeto?**

   - ☐ Tornar-me mais confiante
   - ☐ Envolver-me na comunidade
   - ☐ Conhecer mais sobre teatro
   - ☐ Ficar mais informado/a sobre temáticas de género
   - ☐ Ganhar mais motivação para participar noutros projetos similares
   - ☐ Outra resposta

Qual?_____

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO APLICADO AO GRUPO COMUNITÁRIO

O Enxoval – diagnóstico de um projeto de intervenção ao nível dos papéis de género

Grupo Comunitário

Número do Inquérito:_____

Data:_____

O presente inquérito tem por objetivo contribuir para a avaliação do projeto Enxoval – Espaço e Tempo de Resistência e integra-se no estágio curricular que a investigadora está a realizar no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais, pelo que se agradece, desde já, a sua colaboração.

I – Caraterização Sociodemográfica

1. **Idade:** _____
2. **Sexo:** _____
3. **Qual é o seu estado civil?**
   - ☐ Solteiro/a
   - ☐ Casado/a
   - ☐ Viúvo/a
   - ☐ Divorciado/a
   - ☐ Separado/a
   - ☐ União de Facto
4. **Qual é a sua área de residência?**
   - Concelho_____
   - Freguesia_____

5. **Quantas pessoas fazem parte do seu agregado doméstico?**_____

6. **Identifique as pessoas que fazem parte do seu agregado doméstico**_____

_____

7. **Qual é a sua escolaridade?**

- ☐ Não sabe ler nem escrever
- ☐ Sabe ler e escrever sem grau de ensino
- ☐ 1º,2º,3º ou 4º ano – Antiga instrução primária ou 1º ciclo
- ☐ 5º ou 6º ano – Antigo ciclo preparatório ou 2º ciclo
- ☐ 7º, 8º ou 9º ano – 3º Ciclo
- ☐ 10º, 11º ou 12º - Ensino secundário
- ☐ Ensino pós-secundário – cursos de especialização tecnológica
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

8. **Atualmente, qual a sua condição perante o trabalho?**

- ☐ Empregado/a
- ☐ Desempregado/a
- ☐ Reformado/a
- ☐ Estudante
- ☐ Doméstico/a

9. **No caso de estar "Empregado/a", qual é a sua profissão?**_____

10. **No caso de ter respondido "Reformado/a" ou "Desempregado/a", qual foi a sua última profissão?**

_____

_____

II – Representações sobre a igualdade de género e os estereótipos de género

1. **Na sua opinião, existe igualdade entre homens e mulheres?**

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

2. **Se respondeu "Não", refira um exemplo em que considera não existir igualdade entre homens e mulheres**

_____

_____

_____

3. **Indique por quem é que as tarefas domésticas devem ser desempenhadas. Assinale a sua resposta com um X.**
   - ☐ Homens
   - ☐ Mulheres
   - ☐ A maior parte das tarefas por mulheres e as restantes por homens
   - ☐ A maior parte das tarefas por homens e as restantes por mulheres
   - ☐ Pelos dois de forma igual
4. **No seu agregado doméstico, quem desempenha as tarefas domésticas? Assinale a sua resposta com um X.**
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por mulheres
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas apenas por homens
   - ☐ As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por mulheres, os homens ajudam em minoria
   - ☐ As tarefas domésticas são geralmente desempenhadas por homens, as mulheres ajudam em minoria
   - ☐ As tarefas domésticas são desempenhadas de forma igualmente dividida entre homens e mulheres
5. **Na lista de tarefas de seguida apresentada, indique quem, na sua opinião, as deve desempenhar. Assinale a sua resposta com um X na tabela.**

Tarefas	Homem	Mulher	Ambos
Preparação de refeições			
Pôr a mesa			
Limpar a casa – limpar o pó, aspirar			
Lavar a louça			
Lavar, passar a arrumar a roupa			
Fazer as compras para a casa			
Pagamento das contas e outros assuntos administrativos			
Cortar a lenha			
Levar o filho à escola ou a atividades extracurriculares			
Arranjar um eletrodoméstico estragado			
Cuidar do filho/a doente			
Brincar com as crianças			

6. **Indique três profissões usualmente desempenhadas por mulheres**

   _____

   _____

   _____

7. **Na lista de profissões de seguida apresentada, indique aquelas em que na sua opinião as mulheres estão mais presentes ou ausentes. Assinale a sua resposta com um X.**

Profissão	Presente	Ausente
Presidente da República		
Ministra		
Secretárias de Estado		
Médica		
Enfermeira		
Farmacêutica		
Professora		
Auxiliar educativa		

Cozinheira		
Mineira		
Hospedeira		
Cientista		
Piloto		
Juíza		
Advogada		
Mecânica		
Carpinteira		
Economista		
Escritora		
Motorista de autocarros		
Polícia		
Sargento		
Oficial		
Diretoras de Empresas		
Gestoras		
Atriz		
Engenheira		
Jornalista		
Agricultora		
Técnica de Informática		
Empregada de Balcão		
Bombeira		
Fotógrafa		
Jogadora de futebol		
Bancária		
Contabilista		

Educadora de Infância		
Artista		
Cabeleireira		
Eletricista		
Arquiteta		
Taxista		
Secretária		
Costureira		

8. **Numa relação conjugal, o homem e a mulher têm o mesmo poder de decisão?**

   ☐ Sim

   ☐ Não

   ☐ Não Sei

9. **Indique quem tem mais poder em cada um dos domínios apresentados na tabela em baixo. Assinale a sua resposta com um X.**

Domínios	**Homem**	**Mulher**	**Ambos**
Educação dos filhos			
Escolher o número de filhos desejados			
Decisão da escola para os filhos			
Gestão das poupanças			
Compras para a casa			
Compras de vestuário para os próprios e para os filhos			
Organização dos tempos livres			
Escolha das práticas de lazer – cinema, idas ao teatro, a restaurantes, etc…			
Compra de uma casa			
Compra de um carro			
Compra de algum eletrodoméstico para a casa			

10. Expresse o seu grau de concordância ou discordância acerca dos provérbios apresentados na tabela em baixo. Assinale a sua resposta com um X.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
A casa é das mulheres e a rua é dos homens					
Entre marido e mulher nunca metas a colher					
Homem tendo mulher feia tem a fama segura					
Não há nada como uma mulher para fazer do homem quanto quer					
O que o marido proíbe a mulher o quer					
Não é brava a mulher que cabe em casa.					
Mulher honrada não tem ouvidos nem olhos.					
Um homem não chora.					
Onde canta galo não canta galinha.					

11. Tem conhecimento de outros provérbios populares sobre esta temática? Quais?

_____

_____

_____

_____

III – Participantes no Projeto Enxoval: domínios socio emotivos e envolvência no projeto

1. **Expresse o seu grau de concordância ou discordância relativamente às situações apresentadas na tabela em baixo. Assinale a sua resposta com um X.**

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Tenho boas capacidades de comunicação					
Consigo trabalhar em grupo					
Acredito nas minhas capacidades					
Tenho por hábito envolver-me em ações públicas ou cívicas (exemplo: manifestações, votar, participar em coletividades ou associações)					
Consigo integrar facilmente pessoas num grupo					
No meu dia-a-dia interajo com pessoas de outras gerações					

2. **Indique quais são as três principais razões para a sua participação no projeto Enxoval.**

   - ☐ Aumentar os meus níveis de participação na comunidade
   - ☐ A aprendizagem de conteúdos
   - ☐ As competências a nível artístico
   - ☐ Sociabilidade e o convívio com outras pessoas
   - ☐ Desenvolvimento de capacidades de expressão e comunicação
   - ☐ Pelo tema do projeto
   - ☐ Outra resposta

     Qual?_____

3. **O que espera alcançar com a sua participação neste projeto?**

   - ☐ Tornar-me mais confiante
   - ☐ Envolver-me na comunidade
   - ☐ Conhecer mais sobre teatro
   - ☐ Ficar mais informado/a sobre as temáticas de género
   - ☐ Ganhar mais motivação para participar noutros projetos similares
   - ☐ Outra resposta
   - ☐ Qual?_____

Anexo 3 – Consentimento Informado do Inquérito

Consentimento Informado, livre e esclarecido para participação em investigação de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo

Designação do estudo: O Enxoval – diagnóstico de um projeto de intervenção ao nível dos papéis de género

Por favor leia com atenção a seguinte informação. Se tiver alguma dúvida ou necessitar de algum esclarecimento, não hesite em perguntar. Se concorda com a proposta que lhe é presentada, por favor, assine este documento.

O objetivo deste estudo consiste fazer um diagnóstico de avaliação do projeto Enxoval – Espaço e Tempo de Resistência através da metodologia *Social Return On Investment.* Para o efeito, é necessário fazer um levantamento de dados através da aplicação de alguns inquéritos por questionário. Este trabalho faz parte do Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Dias e a coorientação da Professora Doutora Alexandra Lopes.

A sua participação é voluntária, tendo a opção de parar o inquérito quando quiser ou não responder a qualquer uma das questões apresentadas. Este inquérito tem como finalidade fazer uma caracterização sociodemográfica dos participantes, conhecer as representações sociais e os estereótipos de género e perceber as motivações da sua participação no projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência. As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais e serão tratadas de acordo com as regras de investigação científica e usadas apenas para os fins académicos anteriormente descritos.

No fim da investigação, todos os participantes poderão ter acesso ao estudo realizado no âmbito do referido estágio curricular na PELE, pelo que agradeço a vossa disponibilidade e participação.

Declaro que li as informações que me foram fornecidas, e aceito participar neste estudo, confiando que os dados recolhidos apenas serão usados nesta investigação e na garantia de confidencialidade e anonimato que me é dada pela investigadora. Também autorizo a divulgação dos resultados obtidos no meio científico e pela PELE, garantido o anonimato.

- ☐ Sim, aceito participar
- ☐ Não aceito participar

Data:_____/_____/_____

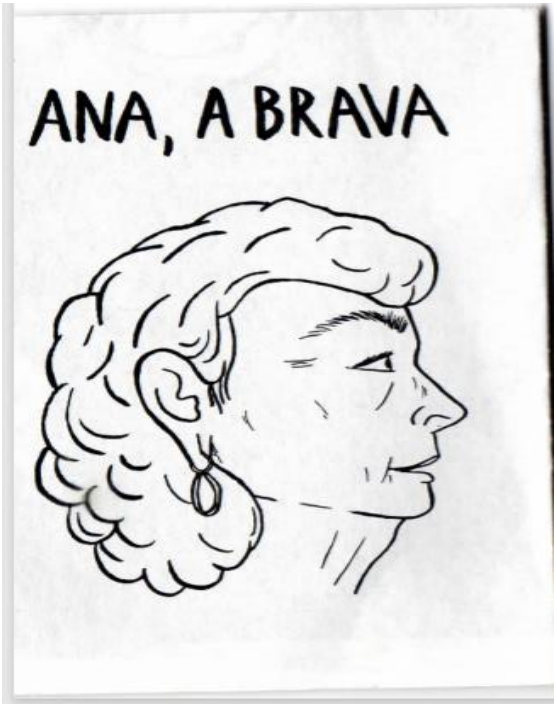
Local:_____

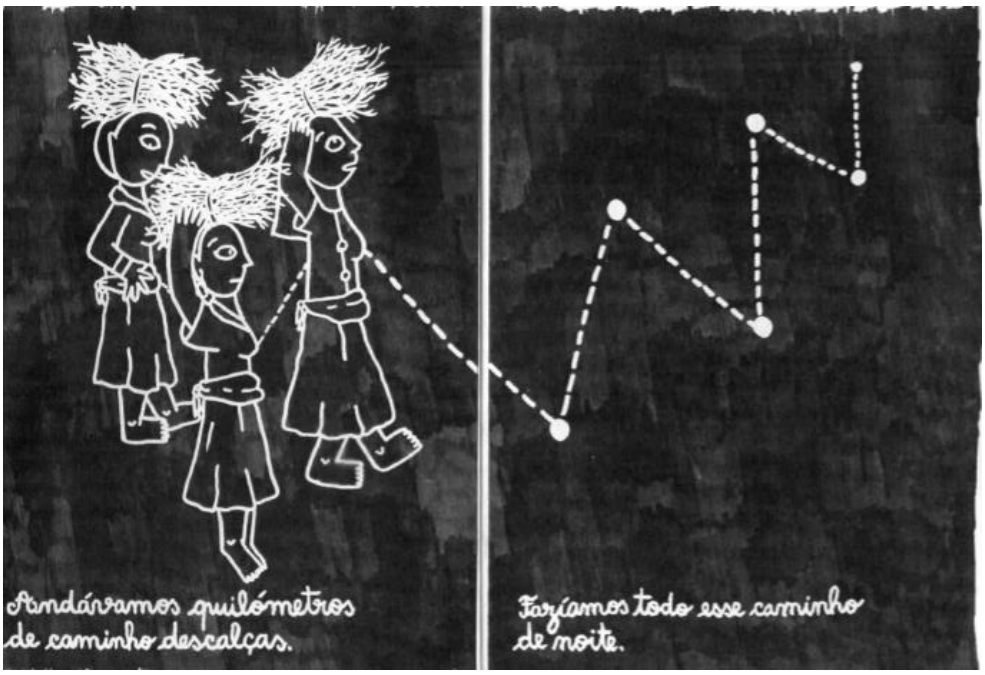
Assinatura do encarregado de educação/representante legal do participante:_____

Assinatura da investigadora responsável:_____

Anexo 4 – Fanzines das Bravas

Fanzine 1 da artista Clara Não, promovida pela PELE

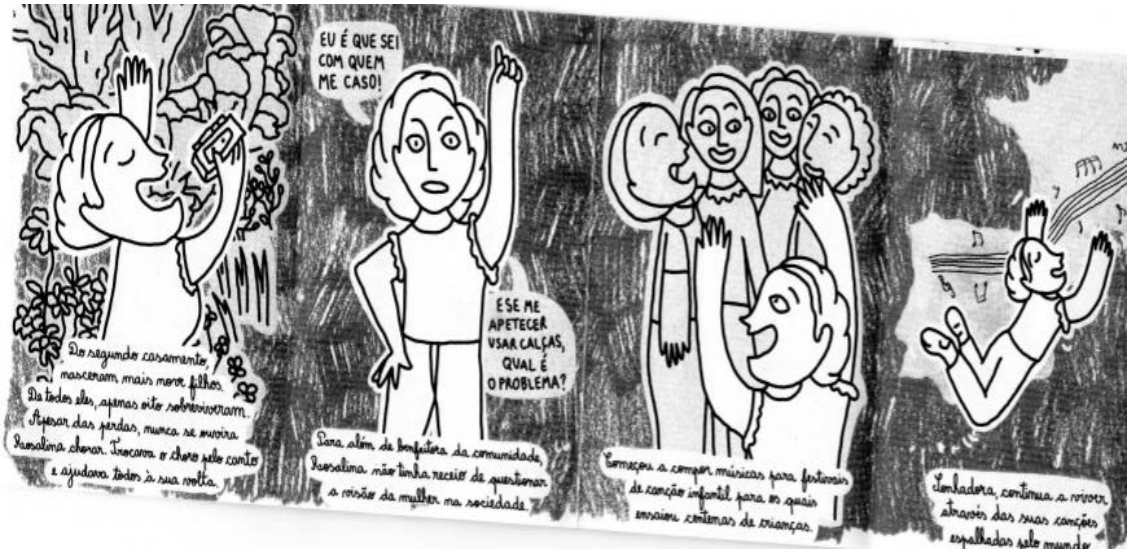




Íamos levar a lenha
aos padeiros de Moura.
O padeiro pagava-nos
e chegávamos a casa, sabe Deus...
O mesmo caminho,
os mesmos quilómetros.
E para comermos,
era uma malguinha de sopa
de couves mal amanhadas.

andei descalça até me casar
os pés levavam-nos
aonde queríamos ir

Fanzine 2 da artista Clara Não, promovida pela PELE


Do segundo casamento, nasceram mais nove filhos. De todos eles, apenas oito sobreviveram. Apesar das perdas, nunca se escondia. Rosalina chorar. Trocava o choro pelo canto e ajudava todos à sua volta.
EU É QUE SEI COM QUEM ME CASO!
E SE ME APETECER USAR CALÇAS, QUAL É O PROBLEMA?
Para além de benfeitora da comunidade, Rosalina não tinha receio de questionar a visão da mulher na sociedade.
Começou a compor músicas para festejar a canção infantil para os quais ensaiou centenas de crianças.
Lutadora, continua a viver através das suas canções espalhadas pelo mundo.

O que foi preciso foi ter-se vivido como uma flor.
Viver a pensar e a acreditar que era criança
ROSALINA

Anexo 5 – Guião da Entrevista ao Grupo de Jovens

Entrevista sobre representações sociais dos jovens acerca da igualdade, estereótipos e papéis de género

Guião de Entrevista ao Grupo de Jovens do Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

Esta entrevista tem como objetivo contribuir para a avaliação do projeto Enxoval – Espaço e Tempo de Resistência e perceber de forma mais exploratória as representações dos participantes sobre a igualdade, os estereótipos e os papéis de género. Integra-se no estágio curricular que a investigadora está a realizar no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais, pelo que se agradece, desde já, a tua colaboração.

Nº da entrevista:_____ Data:__/___/_____

Sexo: F___ M_____

Idade:_____

Igualdade de Género/Estereotipia

1. Para ti o que é a igualdade de género?
2. Quais são as medidas que achas necessárias tomar para que exista igualdade de género, ou seja, como é que a igualdade se pode concretizar?
3. Para ti, o que são estereótipos de género? No teu dia-a-dia que exemplos de estereótipos de género é que vês?
4. Quais são os que te incomodam mais? Podes dar exemplos de algumas situações.

Representações sociais sobre papéis de género

1. Pela tua experiência, achas que existe igualdade nas relações? Quais as principais diferenças entre géneros? Achas que as mulheres devem desempenhar um papel específico nas relações conjugais ou de namoro?

2. Quais são as tarefas que acha que as mulheres devem desempenhar na família? E na sociedade em geral, que tipo de profissões é que achas mais ajustadas para as mulheres?
3. Há algum comportamento que achas que é normalizado nos homens, mas nas mulheres não?
4. Do que sabes sobre o que era o papel das mulheres, por exemplo, no tempo dos teus avós ou até dos teus pais, achas que hoje existem grandes mudanças no papel das mulheres e jovens da tua idade? Podes dar alguns exemplos?
5. Na tua opinião, que mudanças gostarias de ver na sociedade, no que se refere ao papel da mulher?
6. Para concluirmos a nossa entrevista gostava que pensasses sobre as principais mudanças que ocorreram sobre as temáticas de género, na tua vida, com a participação no Projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência? Qual o impacto do projeto?

Agradeço a tua participação!

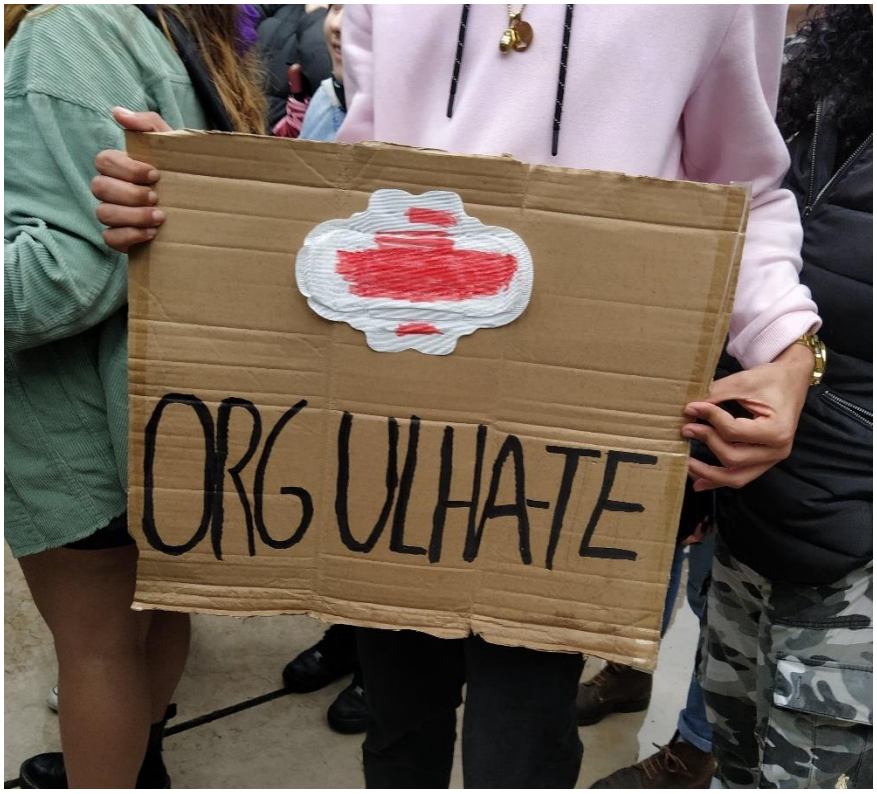
Anexo 6 – Guião da Entrevista Explotatótia às Promotoras do projeto Enxoval – Tempo e Espaço de Resistência

Entrevista às promotoras do Projeto ENXOVAL – Espaço e Tempo de Resistência

19 de dezembro de 2019

1. Quando o projeto foi pensado, numa fase inicial, quais eram os principais objetivos?
2. Com o decorrer do tempo existiram mudanças ou adaptações nesses objetivos? Se sim, em quais e porque é que sentiram essa necessidade?
3. Sentem necessidade de adaptar os objetivos com o trabalho com algum grupo em específico?
4. Quais são as mudanças que esperam observar na vida das pessoas a quem o projeto se dirige?
5. De forma mais específica, que mudanças esperam ver em cada um 4 grupos?
6. Existem alguns desafios ou constrangimentos a assinalar?

Anexo 7 – Fotografias do 8M



Anexo 8 – Tabela das Profissões

	Frequência da Opção "Presente"
Presidente da República	1
Ministra	15
Secretárias de Estado	18
Médica	25
Enfermeira	25
Farmacêutica	25
Professora	25
Auxiliar educativa	23
Cozinheira	25
Mineira	5
Hospedeira	23
Cientista	14
Piloto	4
Juíza	22
Advogada	24
Mecânica	5
Carpinteira	4
Economista	14
Escritora	25
Motorista de autocarros	11
Polícia	17
Sargento	11
Oficial	11
Diretora de Empresas	18
Gestoras	20
Atriz	24
Engenheira	19
Jornalista	23
Agricultora	15
Técnica de Informática	16
Empregada de Balcão	25
Bombeira	20
Fotógrafa	18
Jogadora de futebol	13
Bancária	23
Contabilista	22
Educadora de Infância	25
Artista	23
Cabeleireira	25

Eletricista	5
Arquiteta	17
Taxista	16
Secretária	24
Costureira	22

Fonte: Autora

Anexo 9 – Grau de concordância com cada um dos domínios de avaliação pessoal

	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
Tenho boas capacidades de comunicação	6	16	2	0	1
Consigo trabalhar em grupo	7	16	0	1	1
Acredito nas minhas capacidades	6	16	1	1	1
Tenho por hábito envolver-me em ações públicas ou cívicas	8	10	1	3	3
Consigo facilmente pessoas num grupo	12	9	1	0	1
No meu dia-a-dia interajo com pessoas de outras gerações	14	11	0	0	0

Fonte: Autora